



1280003162



FE

TCC/UNICAMP V654e

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Juliana Aline Gomes Viana

955217006

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E CULTURA POPULAR:
O TRABALHO DO PROJETO GENTE NOVA**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas

2006

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Juliana Aline Gomes Viana

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E CULTURA POPULAR:
O TRABALHO DO PROJETO GENTE NOVA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UNICAMP, para obtenção do título de licenciada
em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Olga
Rodrigues de Moraes von Simson.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas

2006

© by Juliana Aline Gomes Viana, 2006.

UNIDADE:	F.E.
Nº CHAMADA:	10654e
V:	EX:
TOMBO:	2162
PROC:	148107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	28.03.07
Nº CPD:	10654e

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

V654e Viana, Juliana Aline Gomes.
Educação não formal e cultura popular : o trabalho do Projeto Gente Nova / Juliana Aline Gomes Viana. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação não-formal. 2. Cultura popular. 3. Vila Castelo Branco – Campinas (SP). I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-718-BFE

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, força e refúgio, a quem me apego em todos os momentos de minha vida, sejam eles de alegria ou de dor.

À Profa. Olga, por aceitar-me como sua orientanda e oferecer-me direção e interlocução em todos os momentos de construção desta pesquisa e à Profa. Margareth, por ter aceito ser a segunda leitora da minha monografia e por suas observações.

A todos os profissionais do Projeto Gente Nova, que trabalham ou trabalharam nas mais diferentes funções e que me acolheram durante o período de estudo de caso, especialmente à Izabel, quem me abriu as portas da instituição, à Aline, pela ajuda técnica, à Adriana, cuja ética, empatia e amor à profissão me fizeram mais uma vez acreditar na beleza e na importância do trabalho de educadora, ao Thiago, por todo o seu auxílio e torcida e ao Flávio, responsável pela minha entrada “de corpo e alma” no universo da cultura popular.

Aos meninos e meninas frequentadores do Progen, pelo acolhimento, pelas demonstrações de carinho, pelas brincadeiras que me fizeram lembrar a infância e pelas conversas na hora do café.

À minha família, especialmente à minha mãe, mulher batalhadora que não se deixa abater com as incertezas e problemas que a vida coloca e que de uma forma ou de outra me permitiu cursar a faculdade escolhida e ao meu pai, que hoje repousa em outro plano espiritual, mas que sempre prezou pelo estudo dos filhos e que de onde estiver, sem dúvida está a vibrar com a minha conclusão de curso.

Ao Gabriel, companheiro que me compreendeu nos momentos mais atribulados de finalização da pesquisa.

E finalmente, porém sem menos importância, às verdadeiras e inesquecíveis amigas, com quem pude compartilhar momentos de ansiedade, preocupação, vitórias e claro, muita diversão e que cujos laços de amizade não acabarão com o término da faculdade e com o direcionamento de nossas vidas para novos rumos. Daniela, Fernanda, Paula, Renata, Priscila, Valquíria, Paloma, Sueli e especialmente Lucélia, uma amiga-irmã a quem devo sinceros agradecimentos pelo ombro, pelos risos, pela interlocução, pelos conselhos e até pelos puxões de orelha...

**Um país que deixa a cultura do povo
*se perder, nunca será uma nação.***

Candeia (1978)

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo revelar o trabalho realizado pela coordenação do espaço de educação não-formal Projeto Gente Nova, conhecido como Progen, localizado na Vila Castelo Branco, em Campinas – SP e pelos educadores da oficina de percussão, baseada na cultura afro-brasileira, no sentido de permitir aos adolescentes frequentadores da oficina, o reconhecimento e a valorização de suas raízes culturais, e como isso se reflete no sentimento de pertencimento ao bairro - que se caracteriza como uma região na qual a marca da cultura popular se faz presente - e numa ligação mais profunda com a própria instituição.

A pesquisa demonstra ainda como a oficina de percussão do Progen pode proporcionar aos educandos com maior talento, uma futura profissionalização e para todos os participantes, uma formação que permite a eles analisar criticamente as produções da cultura de massa e valorizar aquelas com base na tradição popular de raiz afro-brasileira.

Foi utilizada a metodologia qualitativa com base na História Oral e as técnicas de pesquisa foram observação participante registrada em diário de campo e realização de entrevistas que se estenderam a duas diferentes categorias: educandos e educadores.

Palavras-chave: Educação Não-Formal, Cultura Popular, Vila Castelo Branco.

Sumário

Introdução.....	1
------------------------	----------

Capítulo I: Educação não-formal

1.1. Especificidade da educação não-formal.....	5
1.2. Um breve histórico dos espaços não-formais de educação.....	8

Capítulo II: O Projeto Gente Nova

2.1. A Vila Castelo Branco.....	13
2.2. Nasce o Progen.....	17
2.3. O Progen hoje.....	20

Capítulo III: Estabelecendo relações

3.1. O Progen e as escolas.....	25
---------------------------------	----

Fotos.....	29
-------------------	-----------

3.2. O Progen e a comunidade.....	33
-----------------------------------	----

Capítulo IV: Cultura popular

4.1. Clareando e problematizando o conceito.....	36
4.2. Cultura popular na comunidade da Vila Castelo Branco.....	39
4.3. A Casa de Cultura Tainã.....	40
4.4. A oficina de percussão no Projeto Gente Nova.....	43
4.5. Cultura popular e cultura de massa.....	52

Capítulo V: A partir da re-significação; a transformação

5.1. Mudança pessoal dos educandos.....	56
5.2. Mudança comunitária.....	60

Considerações finais.....	62
----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas.....	64
Anexos (Entrevistas).....	66

Introdução

Este estudo justifica-se primeiramente pela relevância social do tema, pois espaços não-formais de educação estão sendo criados pelo país e urge a necessidade de que o poder público, a sociedade e pesquisadores atentem para a qualidade da educação oferecida em tais espaços. De acordo com levantamento realizado¹, estão credenciadas pela Prefeitura Municipal de Campinas 174 instituições que atuam na área assistencial, mas dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicaram em 2005 a existência de 1640 ONG's.

O ritmo acelerado de criação das instituições não é acompanhado pelo espaço destinado à discussão da educação não-formal no currículo de Pedagogia das inúmeras faculdades, que com raras exceções, apenas priorizam em seus programas a educação formal.

A escolha pelo tema de pesquisa, além de sua relevância social e acadêmica, também tem uma motivação pessoal. Desde a adolescência, tive contato com o trabalho desenvolvido em diversos espaços de educação não-formal, pois participei da Fundação Educar D'Paschoal em seu programa de Desenvolvimento de Protagonismo e Cidadania e como educanda pude ter contato com oficinas de expressão corporal, arte-educação e informática, além de conhecer a organização de projetos sócio-educativos em Campinas. Já na universidade, atuei no Projeto de Extensão Beija-Flor, onde eu tinha uma atuação mais efetiva em um núcleo assistencial que agrega crianças e adolescentes desfavorecidos economicamente e proporciona atividades como artesanato, teatro e dança. Além disso, o Progen, espaço escolhido para a pesquisa, fica num bairro próximo ao meu, o que pode me permitir um maior entendimento sobre a realidade vivida pelos educandos, já que a maioria deles vive próxima à ONG.

1. PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação Não-Formal: Contextos, percursos e sujeitos. Campinas, SP : Unicamp / CMU; Holambra, SP : Editora Setembro, 2005.

E foi a cultura popular, trabalhada através da oficina de percussão, o aspecto escolhido para focar o meu olhar na instituição, pela presença forte da questão cultural do contexto urbano e social onde se insere o Progen e por entender este tema como essencial à formação das identidades individual e social. Tive como objetivo na pesquisa, analisar se o repertório musical da oficina realmente referia-se à cultura popular e como este trabalho possibilita a reconstrução da auto-estima dos educandos e a revalorização do saber local.

Além da bibliografia sobre educação não-formal e cultura popular, realizei pesquisa documental nos arquivos da instituição e observação participante semanal no período de março a setembro de 2006, sendo que no mês de janeiro estive presente nas reuniões de planejamento semestral juntamente com os funcionários da ONG. A minha presença no Progen não se restringiu aos horários da oficina de percussão, mas fiz questão de acompanhar a rotina durante o período inteiro de atividades, ou seja, desde o momento de entrada dos educandos até o momento em que iam almoçar e em seguida, para a escola.

A realização de entrevistas foi mais uma metodologia utilizada e se estenderam à coordenadora do Projeto, à monitora e ex-educanda, ao atual educador da oficina de percussão com quem tive contato e a 5 educandos que frequentaram a oficina. Cada um dos entrevistados foi ouvido individualmente, já que as perguntas feitas referiam-se às suas trajetórias de vida na instituição, na comunidade e no campo musical e também às suas concepções sobre educação não-formal e cultura popular.

Os depoimentos orais têm um importante papel nas pesquisas das Ciências Humanas. Um testemunho é autobiográfico e implica na re-arrumação das lembranças. A pessoa convidada a dar seu depoimento, repensa o assunto e elabora aos poucos seu discurso, estruturando os fatos na memória e em resposta ao entrevistador e à maneira como o visualiza e como entende o seu trabalho de pesquisa. A memória se constitui como fundamento da identidade, ao passo que é identificada como construção e reconstrução de lembranças

passadas, só que nas condições do tempo presente, elaborando representações e reafirmando identidades construídas na dinâmica da história. De acordo com von Simson ², ao mesmo tempo a memória pode ser individual e coletiva. A primeira é aquela que um indivíduo guarda e que se refere às suas próprias lembranças. Já a coletiva é aquela que se forma pelos fatos e aspectos que os grupos hegemônicos de uma dada sociedade julgam relevantes, para serem transmitidos às novas gerações que os guardará como memória oficial.

Utilizei também imagens fotográficas feitas por mim e outras que constavam de arquivos do Progen, feitas por profissionais da ONG e que se referem a diferentes momentos na instituição. A fotografia apresenta-se como um recurso para nos auxiliar no entendimento de como os grupos sociais concebem suas histórias, já que a fotografia é um fragmento do real que foi escolhido para ser eternizado. As sociedades contam e recontam suas histórias de acordo com o seu “tipo” de cultura, a qual pode valorizar mais a escrita, a fala ou a imagem. Deste modo, cada indivíduo tem um cabedal de informações que o leva a interpretar o mundo de uma maneira particular. Ao significar uma imagem, o indivíduo recorre à sua experiência e saberes anteriores, isto é, ao capital cultural que influencia na sua forma de apreensão da realidade do seu significado.

No capítulo I, faço uma explanação acerca do conceito de educação não-formal e da história de surgimento das primeiras entidades assistenciais, mostrando como o contexto da época influencia na definição das propostas educativas destes espaços.

O capítulo II é composto pela história da Vila Castelo Branco, bairro que abriga o Progen e pela trajetória da instituição ao longo de seus 22 anos.

No capítulo seguinte, a relação do Progen com as escolas de seu entorno e com a

2. VON Simson, Olga R. de Moraes *apud* GONÇALVES, José Roberto. Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco. Campinas / Sp: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes e Multimeios, UNICAMP, 2002.

comunidade é analisada no sentido de compreender qual a importância que é dada pela ONG à família e às outras instituições frequentadas pelos educandos e que cumprem importante função na tarefa de educá-los.

Já no capítulo IV, o conceito de cultura popular é analisado, assim como a sua abordagem na Vila Castelo Branco e na oficina de percussão do Progen, além da necessária diferenciação entre cultura popular e cultura de massa.

O capítulo final da pesquisa pretende compreender quais foram os impactos observados nos educandos e, conseqüentemente, na comunidade, pelo trabalho com a cultura popular.

Capítulo I:

Educação não-formal

1.1. Especificidade da educação não-formal

A escola é a instituição educativa historicamente criada para formar os seres humanos, principalmente para dotá-los dos conhecimentos que a sociedade legitima e sistematiza. Porém, a modalidade de educação oferecida pela escola não é única.

Como resultado das profundas mudanças na sociedade, na economia e no mundo do trabalho, outras especificidades da educação que compõem a educação não-escolar foram criadas e ganharam visibilidade, tais como a educação não-formal e a informal, diferenciadas com bastante propriedade pelo educador e sociólogo Almerindo Janela Afonso:

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. (1989, p. 78)

A educação não-formal em hipótese alguma substitui a educação escolar, mas deve ocorrer paralelamente a ela. Mesmo que, muitas vezes, a educação não-formal complemente indiretamente as lacunas que a escola deixa, não é esse o seu objetivo.

O oferecimento da educação não-formal acontece em ONG's (Organizações Não-Governamentais), associações de bairro, núcleos assistenciais, OSC's (Organizações da Sociedade Civil) ou OSCIP's (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público). São espaços que possuem uma estrutura e uma organização, mas no entanto, diversas à da escola.

Também não quer dizer que não exista formalidade nesses espaços educacionais; há uma certa organização e formalidade, porém de maneiras diferenciadas da escola formal.

Os espaços de educação não-formal constituem formas de participação descentralizadas, sendo que cada instituição define os seus conteúdos de aprendizagem, não há, portanto, regras e/ou leis que exijam a estruturação muito definida desse modelo educacional, como existe no caso do sistema formal de ensino, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que têm o objetivo de nortear as práticas escolares. A educação não-formal não participa do jogo de atestados sociais estabelecidos pelos diplomas, o seu público é voluntário, ou seja, não é obrigado a permanecer e frequentar o espaço.

Em Campinas, interior de São Paulo, existe a FEAC – Federação das Entidades Assistenciais que oferece assessoria aos projetos de educação não-formal, mas não impõe um único modelo de organização e funcionamento desses projetos.

Cada entidade tem autonomia para pesquisar os anseios e desejos da comunidade em questão para elaborar os conteúdos de aprendizagem que se adaptem às demandas da população que atende, ou seja, precisa assumir o compromisso de trabalhar questões que sejam importantes para um determinado grupo. Isso pode se realizar através de atividades lúdicas que envolvam os participantes e vão ao encontro de seus interesses. Para tanto, a proposta de educação não-formal precisa ocorrer em espaços agradáveis que permitam a prática da vivência social, oferecendo atividades nas quais a movimentação, a improvisação, a troca de experiências e a formação de grupos sejam priorizadas, *o espaço também é algo criado e recriado segundo os modos de ação previstos nos objetivos maiores que dão sentido ao fato de determinado grupo social estar se reunindo.* (GOHN, 2001, p.101).

Também não há mecanismo algum de repreensão ou castigo em caso de não aprendizagem, tornando, desta forma, o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso.

Na educação não-formal as verdades não estão dadas, o cotidiano educacional é traçado a partir das histórias de vida de cada indivíduo, considerando suas referências culturais e suas relações estabelecidas em diferentes lugares sociais, como a rua, o bairro, a família, a escola, etc.

O compromisso da educação não-formal é com o oferecimento de diversas possibilidades de exercício e vivência de diálogos, criando pensamentos divergentes, criativos e ousados.

Todas as classes sociais deveriam ter acesso às práticas de educação não-formal, mas no Brasil, elas geralmente são oferecidas para a parcela da população de nível socioeconômico mais baixo, principalmente por causa da política social e econômica adotada com o objetivo de propor uma alternativa à marginalidade para as crianças e jovens da periferia, o que acaba fazendo, muitas vezes, com que esses espaços assumam um mero caráter assistencialista e não se preocupem com a transformação social. Podemos, portanto, considerar duas vertentes no que se refere à educação não-formal:

- *espaços de caráter reformador*: têm como objetivo adequar e conformam os seus frequentadores à sociedade, através de posturas assistencialistas;

- *espaços de caráter transformador*: visam instrumentalizar as pessoas para que se sintam pertencentes a um grupo social e portadores de uma identidade, conscientes de seus direitos e deveres, desenvolvendo talentos e proporcionando aquisição de conhecimentos. As instituições deste tipo procuram valorizar e ressignificar as práticas culturais.

Para que um espaço de educação não-formal possibilite a transformação social, dando condições para que os sujeitos participantes interfiram na história, refletindo-a, transformando-a e conseqüentemente, transformando-se, é necessário que apresente algumas características:

- 1) apresentar caráter voluntário;
- 2) promover sobretudo a socialização;
- 3) promover a solidariedade;
- 4) visar o desenvolvimento;
- 5) preocupar-se essencialmente com a mudança social;
- 6) serem pouco formalizados e pouco hierarquizados;
- 7) favorecer a participação;
- 8) proporcionar a investigação e projetos de desenvolvimento;
- 9) ser, por natureza, formas de participação descentralizadas. (Afonso, 1989, p. 90).

1.2. Um breve histórico dos espaços não-formais de educação

Devido à instabilidade da economia e da política na década de 80, as desigualdades sociais aumentaram e o aumento da pauperização da população brasileira foi inevitável. Como consequência disso, muitas famílias enfrentam hoje, problemas como a fome, falta de saneamento básico e outros. Uma característica marcante nessas famílias é o grande número de filhos, e são estes que colaboram para obter a renda familiar, já que os pais estão desempregados ou recebem salários que não bastam para atender as necessidades básicas da família. Com a abertura política, surgem no final dos anos 80 e mais acentuadamente nos anos 90, permanecendo até os dias atuais, associações, organizações, instituições e grupos oferecendo atividades de lazer e capacitação profissional, procurando tirar os jovens da rua e desmobilizando politicamente a parcela da população que fazia reivindicações de melhoria

das condições de vida, como o movimento contra a carestia e o movimento por creches, além dos movimentos pela diminuição das discriminações sociais, tal como o movimento negro e o movimento feminista.

Porém, nem sempre os espaços de atendimento às crianças e adolescentes que a sociedade organiza tiveram esse objetivo, já que as mudanças nas demandas sociais influenciam sobremaneira as filosofias social e educacional de tais espaços.

A assistência à infância se deu em duas fases distintas:

- *Fase Caritativa e de adoção dos expostos por famílias:* Até o século XIX. As Câmaras Municipais eram responsáveis pela assistência às crianças abandonadas e geralmente delegavam essa tarefa às Santas Casas, que apenas auxiliavam financeiramente as famílias que aceitassem criar os expostos – assim como eram chamadas as crianças não cuidadas pela família. Os motivos que levavam as famílias a cuidar dos expostos eram de ordem religiosa e econômica, já que as crianças adotadas poderiam se tornar mão-de-obra gratuita, além disso, algumas famílias usavam o dinheiro que Câmaras Municipais ofereciam em benefício próprio e não para o sustento das crianças. Outras famílias acreditavam que a adoção de meninas protegeria suas honras e virtudes, levando-as ao casamento, e este era considerado o melhor destino para elas e a adoção de meninos os levava ao aprendizado prático com os mestres de ofício, que apesar de garantir uma experiência profissional, transformava-os em mão-de-obra explorada por anos, já que não recebia, nenhuma remuneração.
- *Fase Filantrópica:* instituições profissionalizantes de cunho filantrópico foram criadas no século XIX, devido à quantidade de meninos que vagavam pelas ruas. Estendeu-se até 1960 e procurou imprimir um trabalho científico ao trabalho de atendimento à

criança. O trabalho dos médicos higienistas foi um marco desse período, assim como o dos juristas que pretendiam acabar com a ameaça à ordem, por isso, apoiavam a criação de instituições de acolhimento aos “delinqüentes” que viviam nas ruas. Preocupações emergiram dessa “nova visão”: o cuidado com o corpo, com a alimentação e a amamentação e o combate à mortalidade infantil. Houve a introdução da puericultura e da pediatria como áreas do conhecimento. Como herança dessa época, temos o termo “criança” para os filhos das famílias abastadas e “menores” para a infância pobre abandonada. As instituições filantrópicas que se multiplicavam traziam uma dicotomia: educação de elite para os ricos e educação profissionalizante para os pobres. Escolas agrícolas também foram disseminadas porque afastavam as crianças abandonadas da rua e oferecia um risco menor à sociedade urbana.

Fundamentado em princípios de Estado Protetor e Interventor do Bem-Estar Social, o Brasil criou em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, representando uma revolução no sentido de entender as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Porém, ainda é grande a distância entre essas normas e a realidade da infância brasileira que se encontra, em grande parte, privada de seus mais básicos e indispensáveis direitos.

O termo “menor” criado para a infância pobre passou a ser mais usado após sua difusão pela imprensa a partir da década de 80, em oposição às crianças escolarizadas, termo este contendo um caráter estigmatizado, pois definia negativamente a criança proveniente de família com renda muito baixa, que não frequenta a escola, e é, em sua maioria, negra ou parda. Várias outras qualificações foram apostas ao termo menor, como por exemplo, abandonado e infrator.

De acordo com Faleiros³, a necessidade da criação do menor, é justificada por diversos setores da sociedade:

- a ordem religiosa que a explica como causa do abandono da consciência religiosa e dos valores universais morais;

- pela discriminação das pessoas pobres, pela divisão entre expropriados e apropriados. Considera a desigualdade social natural, já que os pobres não são capazes de serem ricos e por isso, são necessários para a produção de riquezas;

- pelo trabalho infantil que contribui para aumentar a renda de famílias carentes;

- na rua, pelo comércio de doces e pelos serviços de engraxates, lavadores de carro, etc. são considerados uma ameaça a partir do momento em que a rua, além de lugar de trabalho, torna-se também local de moradia, socialização com outros menores e até com o crime organizado, que os faz introjetar a auto-imagem de marginais.

- pela escola que exclui essas crianças pelo alto custo na compra do uniforme, material escolar, etc, e também por serem alvo de discriminação por parte dos professores e colegas.

- pela institucionalização jurídico-assistencial, que ocorre quando o menor comete pequenas infrações ou delitos e é recolhido à instituição, esta que ao invés de reintegrar, exclui.

Alguns autores preferem usar os termos “estudante em situação de risco” e “criança sem infância”, por considerarem estigmatizante e pejorativo o termo menor. “Estudantes em situação de risco”, conceito apresentado por Schuler⁴, no livro “Music At Risk-Students And The Missing Piece” (1991), diz respeito àqueles que estão prestes a perder o vínculo com a escola porque as informações que ela transmite estão desvinculadas da realidade cultural à qual pertencem essas crianças e adolescentes.

3. FALEIROS, Vicente. A Fabricação do Menor, in Humanidades, No. 12, fev /abr, 1987. Ed.UNB. Bibl. CLE / Unicamp.

O sistema escolar sustenta o discurso de educação para todos, mas é marcado por uma alta seletividade, pois apesar de garantir matrícula a quem o procure, as práticas desse sistema veladamente excluem aqueles que são de classes econômicas desfavorecidas e possuem culturas e etnias que não são as mesmas daqueles que estão no topo do sistema.

O termo “criança sem infância”⁵, pode se referir também a quem tem como um dos problemas a fome, mas este não é o principal. Diz respeito às crianças que têm família e lar, mas carecem de amor, pois suas famílias já sucumbiram às adversidades de um sistema social excludente. Carecem também da oportunização de seus direitos que são quotidianamente negados. Nessas crianças já foram precoce e forçosamente produzidos, o adulto, a vítima e o réu.

Como tentativa de se verem contemplados em seus anseios e construírem suas identidades, que muitas vezes não é aquela de seus grupos de origem, mas a que a mídia lhes apresenta e eles aderem de forma quase que hipnótica, e também na tentativa de contribuir com o orçamento familiar, alguns desses jovens discriminados e oprimidos buscam o mundo das ruas; outros vão para os espaços de educação não-formal.

4. SCHULER *apud* VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro. (orgs). Educação Não - Formal. Cenários da Criação. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória, 2001.

5. MARTINS, José de Souza. *O Massacre dos Inocentes: A criança sem infância no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

Capítulo II:

O Projeto Gente Nova

2.1. A Vila Castelo Branco

A ONG pesquisada – Projeto Gente Nova – situa-se na Vila Castelo Branco, bairro da periferia de Campinas, interior de São Paulo.

Campinas nasceu de três pousos situados em campos rodeados de mata espessa onde garimpeiros, bandeirantes e tropeiros descansavam das viagens de três a quatro meses para irem de São Paulo a Cuiabá, intensificadas por volta de 1720, quando o ouro foi descoberto em Goiás.

Com o ciclo do açúcar no princípio do século XVIII, a população de Campinas cresceu. Em 1797, a população era de 2.107 pessoas. Nas décadas seguintes, cresceu o número de escravos, sendo que 1854, a população de africanos escravos no município chegou a 57.7% do total.

Após a abolição da escravatura e o crescimento da urbanização, as pessoas começaram a se transferir para as cidades em busca de emprego. No final dos anos 50 e início dos 60 do século passado acontece o segundo surto importante de industrialização com a chegada das empresas multinacionais, como a Bosch, a IBM e Mercedes Benz, o que atraiu para a cidade uma grande quantidade de migrantes internos vindos de pequenas cidades do interior do Estado de São Paulo, Minas Gerais, Norte do Paraná e do Nordeste. Campinas fica afamada como a primeira cidade que possui boas oportunidades de emprego e bons sistemas de saúde e de educação. Começa assim a formação da grande periferia da cidade.

Por outro lado, o Prefeito Ruy Novaes querendo implantar definitivamente o projeto de remodelação do centro urbano de Prestes Maia, elaborado nos anos 30, vai se associar ao

governo militar formado em 1964, para redirecionar a população pobre que ocupava os velhos sobrados do século XIX, através do encortijamento e remanejamento dessa população que ainda restava no centro velho pobre e em sua maioria afro-descendente para bairros populares que ocupavam a periferia de então e construídos com verba federal. O próprio nome de tais bairros indica o clima de imposição que permeou esse processo. Tais bairros como a Vila Costa e Silva, Vila Castelo Branco e Vila 31 de Março receberam também muitas das famílias migrantes mencionadas acima que chegaram em grande número à região.

Firmou-se uma parceria entre o governo e o BNH – Banco Nacional de Habitação. Este se dividiu em três: as Companhias Habitacionais Cohabs, que através da formação de parcerias com as prefeituras pretendia atender a população de mais baixa renda, que recebia até cinco salários mínimos mensais; as Cooperativas Habitacionais – INOCOOPS – para o atendimento de famílias de três a seis salários mínimos e as Caixas Econômicas, Associações de Poupança e Empréstimos e Sociedade de Crédito Imobiliário, para atender famílias com renda acima de seis salários mínimos.

E então, a Cohab ficou responsável pela construção de 1112 casas na Vila Castelo Branco.

Alguns dos primeiros moradores da Vila Castelo Branco viviam de pagar aluguéis em casas pequenas de fundo ou na casa de parentes, mas a maioria veio de sub-habitações ou cortiços localizados na região do Centro, Cambuí, São Bernardo e Taquaral.

No primeiro plano de financiamento, o reajuste era feito de acordo com o salário mínimo e no segundo era trimestral. Em meados de 1970, o primeiro começou a ser reajustado pela Equivalência Salarial – PES e o outro pelo Plano de Correção Monetária – PCM. A partir de 1974, o sistema de correção dos financiamentos foi novamente modificada pelo BNH, que adotou o Sistema de Amortização Constante – SAC, no qual as prestações iniciais eram altas, diminuindo conforme a ampliação dos prazos de pagamento.

O Conjunto Habitacional Vila Castelo Branco era inicialmente denominado Vila Bela. Com a morte do ex-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco em 18/07/1967, quando a aeronave em que ele viajava se chocou em pleno ar com um jato da FAB, várias homenagens foram levadas a cabo, sendo que uma delas foi a alteração do nome e a entronização do busto em praça pública.

O Serviço Federal de Habitação e Urbanismo determinou o padrão das casas da Vila Bela de maneira a economizar material, terreno, mão-de-obra e tempo de construção. As casas eram geminadas, duas a duas, e em terrenos de 135 m² cada.

A instalação elétrica era também simplificada, já que os relógios de medição de consumo dividiam o mesmo poste, assim como a ligação de água e esgoto, estas, independentes.

Quando a Cohab entregou as casas, não tinha encanamento, então os moradores se serviam da água encanada na EEPG Antônio Fernandes Gonçalves.

Não havia muro que separava as casas, esta separação era feita por cercas de madeira. Deste modo, vários moradores começaram a construir muros ainda no primeiro ano de existência do núcleo habitacional. Como isto demandava um certo poder aquisitivo, um início de distinção entre a população daqui começou a ser estabelecida pela presença ou ausência do muro.

Os primeiros moradores se deslocavam até o Jardim Aurélia para pegarem o ônibus, pois nem transporte público foi fornecido a essa população no início da formação do bairro.

Em sua pesquisa de mestrado, Gonçalves⁶ constatou que apesar das dificuldades de

6. GONÇALVES, José Roberto. Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco. Campinas / Sp: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes e Multimeios, Unicamp, 2002.

falta d'água, transporte, saneamento básico e esgoto, vividas pelos moradores do bairro nos primeiros anos na Vila Castelo Branco, a vida foi relatada como boa, mas a violência de hoje – trazida pelos “estranhos” – passa a permear as lembranças relacionadas a esse bairro. De acordo com os moradores, a convivência entre iguais de “gente como a gente” era a marca do passado, que foi substituída pelas pessoas que não valorizam a conquista da casa própria.

O tráfico de drogas é um dos maiores problemas encontrados no bairro. A população do bairro considera o abandono da praça Ópera Lo Schiavo com descaso dos moradores e da Prefeitura, abrindo deste modo, espaço aos traficantes de drogas que utilizam o espaço para o comércio e para a demonstração de força e poder.

Alguns moradores da Vila Castelo Branco relataram em *off* ao pesquisador citado que o tráfico de drogas se instalou de forma mais contundente no bairro na segunda metade da década de 80, quando um traficante começou a distribuir e facilitar o consumo numa casa abandonada da rua 16. Como o consumo aumentou, novas residências foram alugadas no bairro para este fim, disseminando a atividade. Os traficantes hoje dominam as praças, mas evitando conflitos com a comunidade, a não ser quando esta reage como no episódio em que consumidores mais novos resolveram perturbar as senhoras freqüentadoras do terço realizado numa das praças, mas não tiveram sucesso, devido ao aparente não-abalo das mulheres, reforçando a proposta de resistência-inteligente pela ocupação do espaço público da praça. O conceito de resistência-inteligente é desenvolvido por von Simson e Gusmão para designar processos de resistência negra impostos ao dominador quando um grupo organizado através de atividades culturais ou religiosas vai explorando e alargando as brechas deixadas pelo dominador.

Mas há também espaço para a convivência mais pacífica nas praças da Castelo Branco. Na praça situada na rua Fornovo, o Terço de Nossa Senhora de Guadalupe é rezado semanalmente por iniciativa da moradora Izabel Schnaider. Freqüentado principalmente por

senhoras que moram em ruas próximas às praças, o terço iniciou-se há dois anos depois de ter ocorrido naquele local o assassinato de um garoto de 15 anos.

Há também no bairro a Sociedade Amigos de Bairro da Castelo Branco, cuja construção não foi uma associação que surgiu da iniciativa dos moradores, mas já estava prevista pela autarquia municipal, para atender sete necessidades essenciais à vida humana: habitação, alimentação, saúde, educação, vestuário, recreação e capacitação profissional, conforme relatou a Sra. Ana Maria Afonso Ferreira, presidente da Cohab – Bandeirantes ao jornal Correio Popular de 15 de abril de 1970. Mas com o passar do tempo, tais objetivos foram abandonados e a Sede da Associação passou a dedicar-se ao carnaval, quase que exclusivamente. Porém, hoje verifica-se uma re-ocupação do espaço pela comunidade, como será melhor explicado em um capítulo posterior.

As pessoas que se transferiram para a Vila Castelo Branco nos seus primórdios, levaram consigo o estigma de uma população de encortçados e de baixa renda que deveria buscar a ascensão moral e intelectual. Isso dificultou a formação de uma identidade local que se baseasse no orgulho de pertencer ao bairro. Mas para os primeiros habitantes do bairro, o sentimento de conquista é forte e estes passaram a assumir compromissos com o bairro, mantendo a memória e preservando os costumes locais.

2.2. Nasce o Progen

"Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade ..." (Raul Seixas)⁷

Em julho de 1984, um menino que recolhia sucata para vender pediu um pedaço de

7. Trecho da música "Prelúdio", Raul Seixas, Coleção Eldorado: Raul Vivo, 1973.

pão duro num lugar que se tornaria a “Casa do Pãozinho”, no Jardim Garcia. A irmã Miriam ofereceu o pão a ele e a outras crianças que chegavam e percebeu que elas precisavam mais do que apenas alimento, foi então que começou a convidá-las para uma conversa após o oferecimento do pão.

Através dessa primeira roda de conversa, a Irmã ia conhecendo as histórias daquelas crianças. Preocupada com a situação deste e de outros meninos e meninas, ela abriu um espaço para depositar sucata nos fundos de sua residência para ajudá-los. O espaço ficou pequeno para tantas crianças que apareceram e então no início de 1985, a Comunidade do Jardim Garcia cedeu um salão e passaram a ser organizadas brincadeiras e atividades com as crianças.

Em 24 de maio de 1985 a Comunidade da Vila Castelo Branco cedeu uma parte de seu terreno, sendo inaugurada em dezembro a “Casa do Pãozinho”.

Os voluntários ajudaram e as crianças passaram a receber atendimento diário.

A Irmã Miriam, as crianças e outros moradores da comunidade se uniram para transformar aquele espaço e a necessidade de matrícula das crianças na escola começou a ser exigida para participar do Progen, nome aliás, criado pelas próprias crianças.

Quando surgiu, o Progen poderia ser caracterizado como uma OSC (Organização da Sociedade Civil), porque a fundadora era membro da comunidade e tinha como objetivo tirar as crianças da rua, e apesar de ser uma religiosa, em nenhum momento a ordem religiosa à qual pertencia, contribui na manutenção do espaço, trabalho que foi feito apenas pela comunidade.

Assistente social há 16 anos e coordenadora do Projeto Gente Nova há 8 anos, Izabel Cristina dos Santos Almeida relatou em entrevista concedida, a importância que a comunidade da Vila Castelo Branco e bairros adjacentes tiveram na construção do espaço educativo, o que o torna hoje um local do qual as pessoas se apropriam:

É, é importante dizer que o Progen nasce de um pedido dessa...de uma criança dessa comunidade, então assim, ele não chega e se impõe. Uma criança bate na porta de uma casa de uma irmã salesiana, e pede pão, e começa uma relação dessa conversa, então há um pedido. Acho que houve uma interpretação muito (enfática) boa dessa irmã salesiana de entender o que que aquele menino (es)tava pedindo, porque na verdade ele não tinha fome de comida não, ele tinha fome de cidadania. Então assim, o Progen não chega. Não é uma irmã boazinha que faz uma instituição, é um menino, então isso já muda a relação do Progen com essa comunidade, pois ele nasce de um pedido de uma criança. Então a relação, ela sempre foi muito...muito próxima. (Risos) Se o portão ficasse aberto, seria o lugar onde essa comunidade entraria e ela se apropria muito desse espaço. O Progen sempre teve uma relação muito intensa com essa comunidade, vive cada momento, vive cada coisa, vive cada luta. Então acho que é uma relação de muita confiança. Essa comunidade confia muito no Progen, tem uma expectativa muito grande, porque eu acredito que o Progen cuida daquilo que essa comunidade tem de mais precioso, que é sua criança, é seu jovem. Então, já que nós cuidamos de uma coisa que é muito preciosa pra essa comunidade, é preciosa ao longo da história da vida dessa comunidade, então acredito que a gente tem um...um lugar de muita importância, por quê? Porque o Progen é...essa concepção de trabalho que o Progen tem, aonde a gente pensa junto a proposta, nos aproxima muito também dessa comunidade. Nós não julgamos, e se a gente faz isso, a gente faz com muito cuidado e constrói isso com a criança e com essa comunidade também. Nós não somos pixados. Você pode ver, a gente tem um respeito. Essa comunidade tem um respeito com o Progen, que dos espaços que tem aqui, eu acho que é um dos lugares mais respeitados por essa comunidade. (Depoimento da Izabel, pág. 70).

A história do surgimento do Progen pode ser contada por qualquer um dos educandos, funcionários ou voluntários, já que a proposta educacional incorpora esse “mito fundador” que relata como foi criada a entidade em muitas atividades como uma maneira de promover a formação da identidade institucional.

2.3. O Progen hoje

Atualmente, o prédio localizado na Rua Castelnuovo, nº 699, Vila Castelo Branco, Campinas, tem como mantenedores a FEAC, a Prefeitura Municipal de Campinas e empresas e civis que fazem doações.

O espaço tem cozinha, banheiros, uma sala de vídeo, onde também acontecem atividades de terapia ocupacional, salão onde acontece a roda de conversa, sala com instrumentos musicais, onde também são realizadas oficinas de artesanato, sala de informática e sala onde acontece oficina de moda e beleza. Além disso, há um gramado onde costumam jogar futebol e um corredor coberto onde normalmente é oferecida a oficina “Folias do Picadeiro”.

As mesas e cadeiras das salas são de plástico e de fácil empilhamento e uma característica que se destaca na instituição em relação ao espaço físico é a limpeza.

Mas mais do que a disposição física do espaço, o que diferencia o Progen de várias outras ONG's é sua proposta educativa. Segundo o Regimento Interno (2005) da instituição, o objetivo geral é:

Formar para a cidadania. Propiciar às crianças e adolescentes condições para o desenvolvimento de uma cidadania consciente e atuante, por meio da descoberta e da interiorização de valores éticos, morais e cívicos, como valorização da vida, participação ativa, diálogo, respeito mútuo, cooperação, partilha, senso crítico perante a realidade cotidiana. (p. 114).

A fundamentação da proposta socioeducativa da instituição faz-se necessária por conta das situações conflitantes vividas pelas crianças e adolescentes que frequentam o espaço:

O histórico de vida deles, realmente, era para eles serem pessoas extremamente difíceis. Eles não são difíceis porque eles querem, eles têm um meio que não colabora pra que eles sejam diferente. Então, isso a educação não-formal tem muito

a dar. Como ela sabe que é o meio, ela trabalha o meio e trabalha a criança. (Dep. Izabel, pág. 73).

Portanto, a metodologia participativa é adotada no Progen, de forma a fazer com que os educandos reflitam e discutam posturas e valores, aprendendo conjuntamente que ninguém constrói sozinho algo para si, mas constrói para todos e em parceria, o que pode viabilizar uma história de vida digna, mesmo que o entorno em que vivem não colabore para isso.

O trabalho em conjunto, aliás, é uma das estratégias para o aprendizado da convivência, tal como nos diz a educador da oficina de música, Thiago Vieira Magalhães:

Então, o que (inaudível) (es)tamos tentando fazer, é desenvolver uma capacidade de organização entre eles, minimamente. De respeitar minimamente regras pra como o sujeito tem que se comportar numa atividade em grupo, e essa é uma atividade em grupo, que pode ser uma atividade profissional no futuro, mas pode não ser, pode ser apenas um...um auxílio pra que ele venha a... desenvolver essa capacidade de se relacionar com outras pessoas e... fazer um trabalho em grupo e até de, de ter um comportamento interessante no trânsito ou...com relação à...coleta de lixo, com relação a respeitar horários de escola, de trabalho, de coisas assim. Então no sentido de dividir o mesmo espaço, o mesmo assunto com outras pessoas que (es)tão ali também concentradas naquele assunto. (Dep. Thiago, pág. 114).

A roda de conversa iniciada pela irmã Mirian no quintal da casa das Irmãs Salesianas, não só é mantida até hoje, como é o momento-chave da proposta sócioeducativa do Projeto Gente Nova. O nome “roda” alude à disposição circular das cadeiras na qual os participantes da ONG se reúnem diariamente no início do período de atividades para que aconteça um momento formativo de descoberta e interiorização de valores.

A ausência de mesas na roda facilita a quebra de hierarquias e faz um convite à fala e à reflexão de variados temas, quando todos podem ser ouvidos e se sentirem acolhidos em suas

falas. Os assuntos debatidos são diversos, como por exemplo, família, cidadania, violência, namoro, drogas e outros que estejam presentes no dia-a-dia da entidade, como o uso de verbas destinadas à ela, passeios e desavenças entre os participantes, bem como os assuntos presentes no cotidiano da comunidade onde o Progen se insere. É o momento de compartilhar dificuldades, alegrias, tristezas e surpresas.

Os educadores se revezam diariamente para coordenar a roda e todos eles se preocupam em suscitar dúvidas e reflexões nos educandos, levando-os a repensar e questionar seus comportamentos e condutas, sem deixar que o julgamento do que é certo e do que é errado se instale. Além disso, os educadores colocam-se como pessoas que também erram, evidenciando o caráter pouco hierarquizado e formalizado do espaço e que não se pauta na relação professor-aluno, como se aquele fosse o detentor do saber e da verdade e este o aprendiz que necessita ser corrigido e ensinado. A democracia no Progen chega a ponto de convocar os meninos e as meninas para a elaboração de regras de convivência:

(Vo)cê imagina, chegar num lugar e construir regras. Eles riam na nossa cara (risos) no começo do ano: “Como, num tá pronto?” A gente falou: “Não, nós vamos conviver nesse espaço, então como é que vai ser?” Isso é novo, (vo)cê entendeu? Isso é muito novo pra esses meninos. Gente, eu não imaginava que era tão novo uma coisa que eu acho que é tão comum num país que fala de democracia, num país que tem um Estatuto da Criança e do Adolescente há dezesseis anos, assim... (Dep. Izabel, pág. 78).

É também no momento da roda que os educandos escolhem de quais atividades querem participar, comprometendo-se a permanecerem nela até o final do semestre. Nesse semestre, uma prática foi inserida na proposta para esse momento com o objetivo de proporcionar aos educandos uma maior liberdade para a escolha: as crianças e adolescentes

puderem experimentar durante duas semanas as oficinas de seu interesse, para que só depois optassem pelas que mais lhes agradaram.

Ao ser perguntado sobre o porquê de uma escolha de participação de uma oficina, Robson disse:

Ah, porque...eu também me interessei muito por percussão e...e eu achei também interessante a proposta do... professor... (Dep. Robson, pág.95).

Um espaço para entrar em contato com Deus, descobrindo e valorizando a espiritualidade também é reservado nesse momento de roda às segundas e sextas-feiras. São educandos voluntários que iniciam as orações do Pai-Nosso e da Ave-Maria, seguidos pelos demais. Depois há um minuto de silêncio para que os não-católicos também possam se espiritualizar.

Tudo o que é dito diariamente na roda é anotado por um dos educadores e entregue a uma técnica que reescreve todas as anotações num caderno próprio para isso. Além de compor um histórico da instituição, é a partir da análise do registro das rodas do ano anterior que é feito o planejamento para o ano seguinte, de modo que este contemple as necessidades, interesses e desejos das crianças e adolescentes. Portanto, não há um currículo pronto para ser seguido, já que os conteúdos da aprendizagem emergem da reflexão feita a partir de tais anotações.

A rotina do Progen é a seguinte:

7h30 – 8h00: Preparação dos materiais e organização das salas para as oficinas.

8h00: Entrada das crianças e adolescentes.

8h15 - 8h30: Café da manhã.

8h30 - 9h00: Roda de conversa.

9h00 – 10h00: Oficinas.

10h00 – 11h00: Recreação.

11h00 – 12h00: Almoço e saída das crianças e adolescentes.

No período da tarde, as atividades são as mesmas, variando apenas um pouco a seqüência delas. Como neste ano as escolas estaduais de São Paulo passaram a receber os alunos em período integral, um terceiro período de atividades – das 16h30 às 18h30 – foi criado no Progen para que, a pedido das crianças e adolescentes, eles pudessem continuar freqüentando a instituição, mesmo estando por dois períodos na escola.

Capítulo III:

Estabelecendo relações

3.1. O Progen e as escolas

Ao mesmo tempo em que a entidade pesquisada demarca suas diferenças da escola formal por apresentar características peculiares aos espaços não-formais de educação, ela procura criar um vínculo com as escolas da região por entender que uma proposta acolhedora e transformadora ⁸ de uma ONG deva levar em consideração todos os meios nos quais as crianças e os adolescentes vivem e se relacionam, inclusive a escola, já que esta é fundamental para a vida deles, além do que não é contra esta que é construída a justificativa da educação não-formal, pois as duas modalidades educativas devem ocorrer paralelamente.

Essa tentativa de relacionamento já foi muitas vezes frustrada, até mesmo recentemente quando as escolas estaduais passaram a receber obrigatoriamente os alunos em período integral. Mesmo sabendo que muitas crianças e adolescentes de suas escolas freqüentavam o Progen no período oposto, não houve interesse por parte de nenhum dos diretores das escolas estaduais da região em pensar estratégias conjuntas, já que os alunos deveriam deixar de ir ao Progen para estarem em tempo integral nas escolas.

O primeiro contato para um diálogo entre a ONG e as escolas partiu da Izabel e agora tudo caminha para uma formação de parceria e estreitamento de vínculo. Os profissionais do Progen procuram sempre fazer com que os educandos valorizem a escola, ainda que reconheçam tudo o que há de errado nela, tal como explicita Izabel em sua fala:

8. Proposta sócioeducativa do Progen relatada a mim pela Izabel. Vide entrevista, pág. 72.

...eu tenho muito cuidado quando eu falo em escola, eu tenho muito respeito pelo espaço da escola. E a gente trabalha muito isso com as crianças do Progen, assim... O quanto esse espaço tem que ser respeitado, o quanto esse espaço é sagrado. Porque é esse espaço que dá o saber, que dá a leitura, que dá a escrita, que vai poder fazer com que esse menino tenha um trabalho, construa e mantenha uma família. (Dep. Izabel, pág. 75).

O Thiago acredita que os jovens da periferia querem abandonar a escola ou permanecer nela destruindo-a por acharem que o sistema público de educação está falido:

Eles têm...eles têm muito...muita pouca crença de que a escola é um espaço respeitável. (Dep. Thiago, pág. 118).

A Izabel reitera que o afastamento da escola deixa uma possível transformação mais difícil:

Porque a gente não quer que ele odeie. A gente quer que ele goste muito de lá, que ele respeite aquele lugar. E ele só vai mudar aquele lugar se ele (es)tiver dentro dele. Fora, ele não vai mudar. A gente fala isso muito pros jovens, quando eles estão querendo desistir: "Fique e faça a mudança. Fora, você não vai conseguir. Então, tenha a paciência, que às vezes a gente não muda pra nós, mas se a gente puder mudar pros outros; já é uma grande coisa!" (Dep. Izabel, pág. 75).

Recentemente, duas reconhecidas empresas privadas, o Instituto Arcor Brasil e o Instituto C&A, iniciaram um projeto e destinaram verbas para o Progen e para quatro escolas da região, permitindo que o dinheiro fosse investido nas necessidades materiais de cada espaço. No mês de junho, vários brinquedos, televisão, aparelho de DVD, instrumentos musicais e materiais para a oficina de circo foram adquiridos e isto foi tema de roda, na qual os educandos puderam pensar junto aos educadores estratégias para a conservação dos

materiais e principalmente, refletir sobre o reconhecimento por parte das empresas de que o Progen é também um espaço educativo e fundamental para as crianças e adolescentes, tal como a escola.

O jornal *Conexão Jovem*, fruto da oficina oferecida pelo pesquisador e professor universitário Amarildo Carnicel, resultado de um Projeto desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp no Progen em 2004 e escrito por adolescentes frequentadores da ONG, tem agora, graças ao financiamento da empresa Arcor, uma tiragem de cinco mil exemplares e passou ser escrito também por alunos de escolas da região que não estão no Progen, através de um processo de formação dos professores realizado por Amarildo e Profa. Dra. Margareth Brandini Park – também pesquisadora do Centro de Memória da Unicamp - fazendo com que o jornal seja utilizado como material didático nas escolas e se apresente à comunidade como uma abertura de espaço aos grupos marginalizados geograficamente e culturalmente⁹.

Um outro projeto está pelas escolas e pelo Progen: a realização de apresentações artísticas bimestrais, envolvendo educandos das oficinas de música e de circo e alunos das escolas que têm na comunidade.

O crescente interesse e valorização dos profissionais das escolas da região pelo Progen são também percebidos pelos educandos:

Foi pela escola, fui encaminhado. (Dep. David, pág. 106).

Ah, eles (os professores) perguntam se eu gosto, se eu não gosto, o que que a gente faz (no Progen). (Dep. Robson, pág. 95).

9. Matéria extraída do Jornal da Unicamp, edição 311, de 5 a 18 de dezembro de 2005, pelo site www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/dezembro2005/ju311pag9a.html.

Segundo a coordenadora do Progen, tudo isso é um começo de relação que provavelmente irá demorar algum tempo para que atinja uma boa sintonia, mas já é um passo extremamente importante.

Fotos

Foto nº 1



As crianças da comunidade ajudando a construir o Projeto Gente Nova (1985).

Foto nº 2



Festa de inauguração do Progen (1985).

Foto nº 3



A Irmã Mirian e as crianças no ferro-velho improvisado que deu origem ao trabalho social que originaria o Progen.

Foto nº 4



Vista do Progen na época de sua criação.

Foto nº 5



Fachada atual do Progen. (Foto: Juliana Viana / Data: 04/09/2006).

Foto nº 6



Dinâmica acontecendo na roda de conversa. (Foto: Juliana Viana / Data: 04/09/2006).

Foto nº 7



Educador Thiago (de camisa azul e listras brancas) e educandos na entrada da Associação de Moradores do Jardim Garcia, onde é realizada a oficina de percussão do Progen, por causa do barulho que poderia atrapalhar as demais oficinas. (Foto: Juliana Viana / Data: 04/09/2006).

Foto nº 8



Numa habitual demonstração de afeto, educador Thiago e educandos na entrada da Associação de Moradores do Jardim Garcia. (Foto: Juliana Viana / Data: 04/09/2006).

3.2. O Progen e a comunidade

Pela história de surgimento do Progen podemos perceber como os moradores da Vila Castelo Branco e dos bairros adjacentes tiveram importante atuação na construção do Projeto, fazendo com que ele sempre reflita os anseios e necessidades da comunidade para melhor construir a proposta sócioeducativa da entidade:

Pra nós não é só importante o contexto aonde ela (es)tá inserida, por exemplo, ela vem no Progen, mas quem é a família dela? Como é a comunidade que ela vive? Como é a escola que ela frequenta? Eu acho que a educação não-formal, ela tem que se apropriar de todos esses dados. Pra poder construir uma proposta educativa muito próxima da realidade do usuário que entra dentro dela. (Dep. Izabel, pág. 67).

A pesquisadora Gohn (2001) já nos alerta para a fundamental relação dos espaços de educação não-formal com os meios onde se inserem, dizendo que a educação não-formal compreende um processo com quatro dimensões ou campos. O primeiro diz respeito ao processo que resulta na conscientização dos indivíduos, através da participação em atividades grupais que levem à compreensão dos seus interesses, da natureza e do meio social que os cercam, como por exemplo, a participação em um Conselho de Escola. O segundo se refere à capacitação dos indivíduos para o trabalho, através do desenvolvimento de suas potencialidades. O terceiro, o exercício de práticas em torno de objetivos comunitários, isto é, educação para a civilidade. O quarto, diz respeito à aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em formas e espaços diferenciados, onde a comunidade possa interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado.

Como os conteúdos de aprendizagem na educação não-formal adaptam-se às demandas de uma comunidade e esta é dinâmica, há que ter uma grande capacidade de

organização e flexibilidade por parte dos educadores para que o trabalho possa sempre estar de acordo com as necessidades do grupo atendido:

nós temos a clareza, que como é um trabalho voltado pra uma comunidade, essa comunidade (es)tá (bem enfática) todo dia, ela não é a mesma, então a gente tem que acompanhar esse ritmo. A educação não-formal ela tem que acompanhar o ritmo de mudança e de transformação da comunidade onde a criança (es)tá inserida. Porquê? Pra tornar-se um lugar prazeroso, pra não ficar distante da realidade onde a criança (es)tá inserida. E ela poder vir todos os dias e ser colhida. E acolhida na sua essência, com as dificuldades, com todas as questões que vêm junto, quando você tem um espaço aberto. (Dep Izabel, pág. 67).

Há no Projeto Gente Nova uma preocupação marcante de fazer com que os educandos conheçam, valorizem e desfrutem de todos os equipamentos socioculturais existentes na comunidade, e que todos estes estejam articulados e envolvidos no objetivo de oferecer espaços prazerosos às crianças e adolescentes:

A gente não atende todas as crianças dessa comunidade, mas atendemos toda essa comunidade, por isso que é muito importante o Progen (es)ta(r) articulado com a comunidade. Porque senão, o Progen passa a ser um oásis, a criança sai daqui morre afogada no primeiro...sabe uma ilha? Então, (es)ta(r) articulado com a comunidade é possibilitar que outros lugares possam (es)ta(r) com essa mesma proposta, com esse mesmo olhar pra essa criança e adolescente que entra dentro da nossa instituição. Então, essa relação é fundamental na educação não-formal porque não é todo mundo que entra dentro desse espaço, e mesmo se fosse entrar, nós não teríamos perna pra atender. Então a articulação com a comunidade vai possibilitar que outros lugares possam saber e possam entender essa proposta e respeitar e aí...sabe aquela coisa da formiguinha que você vai contaminando outras pessoas? Eu acredito muito nesse trabalho, assim. E a gente percebe o quanto nós facilitamos a vida dessas crianças fazendo essa articulação. Ele começa a ter um espaço na comunidade, por isso que ele vai...ele vai fazer esporte na Praça

dos Trabalhadores. A gente podia dar esporte aqui, mas não, a gente quer que ele aprenda esse caminho, a gente quer que ele reconheça o espaço onde ele mora, a gente quer que ele reconheça a comunidade que ele tem. E que ele faz parte dessa comunidade, e que o Progen não é o único lugar que ele frequenta. E nem pode ser, (vo)cê entendeu? (Dep. Izabel, pág. 73).

Além das atividades esportivas e de lazer realizadas na Praça dos Trabalhadores, que fica na mesma Vila Castelo Branco, os educandos do Progen são levados semanalmente à Associação de Moradores do Jardim Garcia, onde são oferecidas as oficinas de percussão. Também estiveram por várias vezes na Pedreira do mesmo bairro, vizinho à Vila Castelo Branco para práticas esportivas.

Capítulo IV:

Cultura Popular

4.1. Clareando e problematizando o conceito de cultura popular

A preocupação com o folclore e a cultura popular começa na Europa com o Romantismo quando os intelectuais percebem que com a industrialização e a intensa urbanização há uma cultura própria das organizações sociais anteriores (de origem camponesa) que rapidamente corre o risco de desaparecer. Então começam a coletar provérbios, lendas, parlendas, poesias e histórias para que essa riqueza não fosse perdida ¹⁰. Mas somente nos anos 80, devido à difusão das pedagogias de educação popular, é que o tema será alvo de debate mais intenso no cenário nacional. Hoje já se tem a clareza de que para a formação das identidades culturais de grupo sociais, a cultura popular é indispensável. Dá-se o nome de cultura popular ao sistema de idéias, valores, imagens e atitudes que é estruturado nas relações internas da sociedade pelas classes populares.

Para Gramsci ¹¹, a cultura *criada pelo povo*, articula uma concepção de mundo e de vida diversa daquela difundida pelos esquemas oficiais e está ao lado daquela que é sancionada pelas instituições e transmitidas pela escola, ou seja, a cultura erudita ou hegemônica. Além de estratos conservadores e mais estáticos, há também na cultura popular, formas progressistas e criadoras. Oswaldo Elias Xidieh, especialista em literatura popular brasileira, complementa dizendo que a cultura popular é caracterizada por ser dinâmica, isto é, reelaborada constantemente, e nela o novo e o arcaico se entrelaçam.

10. ORTIZ, Renato. Anotações de sua palestra proferida no curso “Introdução ao Folclore e Cultura Popular” realizado na Unicamp em 2006.

11. GRAMSCI apud BOSI, Ecléa. Cultura de massa, cultura popular e cultura operária. In: BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

A lógica da racionalidade ocidental-cristã ¹² que predomina na modernidade, não é observada no universo da cultura popular, pois, por possuir formas diferenciadas de lidar com o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, os saberes e a natureza, torna-se inapreensível pela racionalidade cartesiana que não é capaz de demonstrar e tornar palpável o universo da cultura popular. O tempo, na cultura popular, assume uma outra concepção. Não é entendido pela lógica linear, que a metafísica inaugurou, como se cada tempo – passado, presente e futuro – marcasse o fim do tempo anterior, mas sim, adquire agora uma noção circular, como um tempo cíclico. Sendo assim, o passado não se esgota e não desaparece, mas guarda e aguarda um novo sentido e está vigendo e tensionando o presente, projetando assim, possibilidades futuras.

Há uma carga de subjetividade na cultura popular, traduzida pelas crenças, ritos, sonhos e festas, em torno dos quais a vida simples do povo brasileiro se organiza.

Os saberes tradicionais de um grupo e a mitologia ancestral são transmitidos através de três elementos: a ritualidade, a memória e a oralidade.

A ritualidade assume na cultura popular, o aspecto do culto, entrecruzando sagrado e profano e atribuindo um outro sentido à religião e à religiosidade. O ritual faz com que os sujeitos se debrucem sobre o passado, buscando marcos temporais ou espaciais, transpondo-se assim para onde tudo se originou.

Graças à ritualidade, presente nas manifestações da cultura popular, os sujeitos que protagonizam essas manifestações revivem com o vigor do presente, os fatos e situações passadas. No momento da celebração, esses sujeitos são mais do que eles próprios, são também a encarnação do passado que insiste em se presentificar, permitindo a transposição, isto é, a junção entre o passado, presente e futuro, a passagem entre o mundo real e o mítico.

12. ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura popular e o Jogo dos Saberes na Roda. Campinas: São Paulo, Tese / FE – UNICAMP, 2004.

Nesse momento, o passado se pronuncia ao mesmo tempo em que abre perspectivas de se pensar e viver o futuro.

Já a memória coletiva constitui-se pelo armazenamento e a organização dos saberes e conhecimentos, através da seleção de fatos que um coletivo considera importante para sua história social, possibilita a afirmação da identidade coletiva, onde passado e ancestralidade assumem importância no imaginário do grupo. Sendo assim, a oralidade assume um papel importante, já que na maioria das tradições populares, ela é o meio mais importante de transmissão, prevalecendo ainda, frente às inovações tecnológicas oferecidas pela modernidade ¹³.

Analisando a cultura popular, Marilena Chauí ¹⁴, trouxe a noção de ambigüidade, dizendo que este termo não supõe defeito ou falha, mas sim porque no Brasil o popular assume uma característica ambivalente, pois ora é encarado como atraso, ora como emancipatório, ora como ignorância, ora como saber autêntico.

Retomar e reconstruir raízes culturais e tradições esquecidas é uma forma de reencontro com o passado e com aspectos que foram perdidos, mas podem ser recuperados com o intuito de que os sujeitos fragmentados pelo mundo globalizado possam recompor as identidades estilhaçadas e refazerem-se ao ativar a memória compartilhada pelo grupo. Isso não impede que esse mesmo sujeito vivencie outros processos de identificação semelhantes. Isso não quer dizer, entretanto, que seja sem consistência o processo de retomada de uma determinada identidade, pelo contrário, muitos sujeitos empenham-se de maneira profunda e até militante na tarefa de assumirem uma identidade, sendo responsáveis por fazerem com que

13. VON SIMSON, Olga R. de. apud GONÇALVES, José Roberto. Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco. Campinas / Sp: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes e Multimeios, UNICAMP, 2002.

14. ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura popular e o Jogo dos Saberes na Roda. Campinas: São Paulo, Tese / FE – UNICAMP, 2004.

a tradição retomada tenha continuidade. Revitalizar uma tradição não significa apenas reavivar as configurações pretéritas, mas também dar novos significados às formações singulares, revelando um novo todo.

Na cultura popular, os participantes se exprimem e se reconhecem em sua humanidade e compreendem e marcam a proximidade e a distância com outras manifestações culturais e também a oposição e a apropriação de outras expressões culturais.

4.2. Cultura popular na comunidade da Vila Castelo Branco

A Vila Castelo Branco é uma comunidade que abriga importantes espaços de manifestações culturais. Contribuiu para essa riqueza a composição étnica dos moradores do bairro, já que quase 70% deles são afro-descendentes e portanto, trazem consigo todo um cabedal de expressões da cultura afro-brasileira.

Há 30 anos foi criada a Escola de Samba Rosas de Prata e esta funcionou até recentemente utilizando as dependências da Sociedade Amigos de Bairro da Castelo Branco para os ensaios carnavalescos, que perderam a força com a morte do principal articulador da Escola, o Sr. Rubão. Como o samba é um dos campos que mantêm e preserva a cultura afro-brasileira, o seu estudo pode lançar novas formas de entendimento sobre os modos de interação da comunidade negra com o próprio bairro e com a sociedade mais ampla.

Atualmente, o Centro Social - tal como é conhecida a Sociedade – oferece oficinas artísticas aos moradores do bairro e da vizinhança. Esse espaço estava abandonado, servindo de abrigo para famílias sem-teto e sendo disputado por traficantes da região, já que localiza-se

numa praça próxima à Avenida John Boyd Dunlop, o que acaba facilitando o comércio de drogas. Ele foi revitalizado e reinaugurado em julho deste ano em parceria com o Projeto Gente Nova, que está também ajudando a pensar em como trazer a força da Escola de Samba novamente para o bairro.

4.3. A Casa de Cultura Tainã

Em pleno funcionamento na Vila Castelo Branco está a Casa de Cultura Tainã ¹⁵. Ela está localizada nas dependências do Centro Esportivo dos Trabalhadores, espaço pertencente à Prefeitura Municipal de Campinas. É coordenada por Antônio Carlos Santos Silva, conhecido como TC e tem como mantenedores a Prefeitura (através do Orçamento Participativo – OP), o Ministério da Cultura, pois foi escolhida como um dos pontos de cultura do Programa Nacional e organizações financeiras. Boa parte da renda para a manutenção provém também das atividades da Orquestra de Tambores de Aço, que é a única do Brasil.

A Casa de Cultura Tainã foi criada em 1989 e é uma entidade social e cultural sem fins lucrativos que tem como objetivos oportunizar aos moradores da região, o acesso à informação e à cultura por meio de atividades que estimulem a prática da cidadania e formem a identidade cultural, contribuindo assim para construir indivíduos conscientes e que atuem na

15. As informações sobre a Casa de Cultura Tainã foram obtidas através de educadores da instituição e pelo relatório escrito pela aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, Lucélia de Almeida Silva, a partir de estágio em Educação Não-Formal, realizado no segundo semestre de 2006.

comunidade.

A Tainã consegue driblar os mecanismos de coerção das instituições financeiras e partidos políticos, fazendo com que a memória e a identidade do espaço sejam preservadas.

Há na Casa um salão onde ficam os instrumentos musicais, sala de informática - esta podendo ser utilizada por qualquer pessoa da comunidade, biblioteca, escritório, cozinha, banheiro, e um estúdio que está sendo construído. Percebe-se nestes espaços a presença de objetos ligados à cultura africana, como quadros, cestas de palhas, telas e instrumentos fabricados na própria instituição.

O TC domina a técnica para produzir os tambores de aço, que são os instrumentos que a população negra de Trinidad e Tobago utilizam e é um dos poucos músicos brasileiros que consegue isso.

Acontecem na Tainã oficinas de Maracatu, Orquestra de Tambores, Circo, Capoeira, Informática, Teatro de Rua, entre outras.

Boa parte das pessoas que ministram oficinas recebeu um tipo de formação dentro da própria Casa de Cultura, como é o caso de alguns músicos. Mas a Tainã não atua somente formando músicos profissionais, mas se preocupa, em especial, com a formação de indivíduos que atuem na sociedade para transformá-la, e faz isso integrando as crianças e os adolescentes em suas atividades culturais.

Mostrando que tem capacidade para resistir e lutar a população local exigiu esse espaço que já esteve ameaçado e agora a Tainã pode trabalhar na diferenciação da educação através de valores que não passem pela discriminação cultural, racial e/ou social, ampliando as visões de mundo e fazendo a comunidade se reapropriar da arte popular.

De acordo com a coordenadora do Progen, a comunidade da Vila Castelo Branco é privilegiada pois consegue se articular para a consecução de espaços culturais:

...essa comunidade quis uma Escola de samba e tem. Essa comunidade quis uma Casa de Cultura e tem. Nada é imposto aqui. Tudo é essa comunidade que ajuda a pensar e que pede. (Dep. Izabel, pág. 82).

Além desses espaços culturais, há artistas com relevantes trajetórias no bairro. Podemos encontrar na comunidade Dona Geni que, aos 89 anos, é autodidata, como faz questão de mencionar. Ela escreve poesias e irá realizar saraus no Centro Social. Há também o Sr. Aluísio Geremias, artista plástico e músico que assim como a Dona Geni, também contribui para a manutenção da cultura popular no bairro. Sobre ele, Izabel disse:

O ano passado ele veio falar pras crianças. Um pouquinho da Escola de Samba, um pouquinho do carnaval, a gente pediu pra ele fazer um pouco o resgate. O ano retrasado, nós tivemos que fazer uma apresentação e a gente queria que tivesse um cenário. A gente pediu pra ele e ele fez o trabalho de artes plásticas pra gente numa atividade. (Dep. Izabel, pág. 83).

E é esta relação e sincronia das pessoas e instituições da Vila Castelo Branco que faz do bairro um lugar cheio de oportunidades para quem quer buscar formas de se expressar artística e culturalmente. Esta relação ainda povoa de sonhos a cabeça de muitos moradores e profissionais do bairro, como a da Izabel e a do Thiago:

Eu fico imaginando, Jú, daqui uns anos, o Progen, a Escola e a Tainã fazendo um grande desfile. Que é até...sempre foi um sonho pessoal meu e que esse enredo fosse construído pelas crianças, pelos nossos usuários, e por...e contando um pouco das lutas dessa comunidade. Eu acho que a gente chega a isso... (Dep. Izabel, pág. 82).

...eu tenho conversado com a Izabel e com outros profissionais daqui sobre criar um espaço pra montar um conjunto mesmo, que seja capaz de se apresentar. E aí,

serão bem-vindos todos os...todos os artistas da região, todo mundo que tiver interessado em contribuir será muito bem-vindo... (Dep. Thiago, pág. 119).

4.4. A oficina de percussão no Projeto Gente Nova

*“...Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele, você ri do meu sorriso*

*A verdade é que você, tem sangue crioulo
Tem cabelo duro, sarará crioulo
Sará crioulo, sarará crioulo...”*¹⁶

Esse trecho da música composta por Macau e cantada por Sandra de Sá, foi apresentada aos educandos pelo Marcos, primeiro educador de música do Progen com quem tive contato durante a pesquisa de campo. Posteriormente, passaram por essa oficina os educadores Flávio e Thiago, sendo que este último permanece na ONG e foi o educador que me concedeu a entrevista.

Não foi à toa o trabalho com esta música. Há no Projeto uma preocupação muito grande em valorizar os ritmos e sons que falem de e às pessoas afro-descendentes, pois tal contingente populacional constitui a maior porcentagem dos moradores da Vila Castelo Branco:

Eu acredito que...mesmo ele não sendo exatamente um afro-descendente, ele... sendo um mocinho branquinho, loirinho, ...mas que mora nesse bairro, que mora nesse país, eu acho importante você construir e consolidar sim um conhecimento através das culturas afro-brasileiras... (Dep. Thiago, pág. 117).

16. Trecho da música “Olhos Coloridos” de Macau, do disco Música Preta Brasileira, de Sandra de Sá, Universal Music, 2004.

...é fundamental a música, é fundamental. É fundamental pra que essa criança se perceba cidadão, se sinta parte desse país, dessa cultura e que ele colaborou também pra esse país maravilhoso que a gente tem. É a música que vai fazer isso, é o teatro, é a dança. Não é sentado e contando a história do negro no país, que você pode ter certeza que vai entrar por um ouvido e sair pelo outro. Mas na hora que eu vejo eles tocarem, eu fico muito emocionada, porque eu imagino assim: o quanto...(vo)cê entendeu? O...orgulho, eu faço parte disso, essa cultura foram meus ancestrais que trouxeram, então nesse sentido... (Dep. Izabel, pág. 79).

A audição e a execução de músicas que se inserem no campo da cultura popular encontram muita aceitação pelos adolescentes frequentadores da oficina de percussão, que as percebem como “diferentes”, tal como nas palavras da educanda Dayane. Ela, ao responder minha pergunta sobre o porquê da escolha em participar dessa oficina, uma vez que os educandos têm liberdade e autonomia para decidirem o que querem vivenciar no Projeto, afirmou:

Ah é, pra aprender mais sobre a origem das coisas. Porque a gente tem mania de só escutar as músicas que tocam no rádio, então a gente tem que aprender um pouco mais das músicas diferentes. (Dep. Dayane, pág. 55).

Como objetivos, a oficina de música no Progen procura desenvolver a percepção de sons, ritmos e da musicalidade para harmonizar e equilibrar a própria vida, oferecer um ambiente propício ao re-equacionamento integral da personalidade infantil e adolescente, amenizando a agressividade do ambiente onde vivem, propiciando a evocação e manutenção da história e da cultura através da confecção de instrumentos musicais e das letras das músicas, possibilitando o desenvolvimento de atividades grupais e trabalhando com a diversidade de ritmos, valorizando assim, as culturas que representam. Já a oficina de dança pretende propiciar a descoberta e a valorização do corpo, a capacidade de se expressar, de

criar e de se relacionar, tanto consigo mesmo como com os outros e trabalhar com a afirmação das culturas que contribuíram para a formação da cultura brasileira, tendo em vista a caracterização da comunidade onde a instituição se insere. Ao trabalhar a letra das músicas, a oficina atua no sentido de formar a consciência crítica dos adolescentes.

A síntese desses objetivos podem ser encontrados na oficina de percussão do Progen, que acontece semanalmente e recebe cerca de doze adolescentes que escolhem participar dela e se comprometem a permanecerem nela até o final do semestre. Muitas vezes, os educandos, por terem apreciado o trabalho, retornam à oficina no semestre seguinte, como aconteceu este ano com sete meninos e meninas.

Os cantos e as danças trabalhadas na oficina de percussão propiciam o contato das novas gerações com suas origens culturais e étnicas, posicionando-os como agentes ativos diante dessa cultura. Tais ritos no passado exigiram de seus praticantes, estratégias inteligentes de resistência para que se mantessem vivos, tal como reconhece Izabel, que foi idealizadora da oficina de percussão no Projeto. Essa compreensão faz com que seja possibilitada aos educandos dessa oficina, a apropriação da relevância desses ritos e ritmos para a configuração atual das manifestações culturais populares que re-significam as práticas de seus antepassados:

...essa cultura foi a grande transformação desse povo dentro desse país. Algumas músicas são revolucionárias, alguns batuques é o (fator) que fez a mudança, é o que fazia esse povo se comunicar dentro de uma cultura, já que esse povo não poderia se comunicar e ele foi criando métodos e formas de fazer... (Dep. Izabel, pág. 79).

As primeiras manifestações da cultura popular no campo da música e da dança no Brasil foram permitidas pelas ordens religiosas da Igreja Católica. Um padre jesuíta, João Antônio Andreoni, foi um dos primeiros representantes da elite colonial a aconselhar os

senhores de escravos africanos que os deixassem cantar e bailar por algumas horas ao ano, para que não ficassem melancólicos e doentes, prejudicando assim, o trabalho.

A participação de negros na criação de ritmos, definidos mais tarde como batuques (assim eram classificados pelos senhores brancos qualquer ruído dos negros), tem sua referência mais antiga pelo aventureiro francês Pyrard de Laval, porque ele viu, nos dias santificados e nos domingos, escravos e africanos, mulheres e homens, “dançando e folgando com permissão dos seus senhores” na ruas de Salvador.

Depois de 35 anos, frei Manoel Calado, em Pernambuco, ajudou a identificar os instrumentos tocados pelos escravos: tabaques, buzinas, flautas e fomonas. Com esses rudimentares instrumentos os negros africanos puderam cultivar o tipo de música que trouxeram da África.

Os negros começaram a ser admitidos no interior das irmandades (organizações civis da Igreja) na segunda metade do século XVII, e a troca de informações culturais foi assim possibilitada entre as várias *nações* (como eram classificados os grupos de negros de uma mesma região – Nação Angola, Nação Congo, etc) de negros. Aos heterogêneos grupos populares integrados por portugueses e por espanhóis (estes em menor número) somou-se a contribuição de africanos e crioulos da terra, para uma síntese que daria origem à cultura popular brasileira.

Como esse setor da estrutura religiosa montada pelos brancos consistia na única abertura para que os negros participassem na vida da sociedade colonial, os africanos e crioulos procuraram na agiografia as figuras de santos com as quais eles se identificavam pela cor, ou por outra particularidade que os aproximava dos símbolos da sua religião original, cultura ou interesses. Foi assim que começaram a escolher como padroeiros de suas irmandades santos de pele escura como Santo Elesbão, São Gonçalo Garcia e São Benedito, ou mesmo uma santa negra como Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário, que,

surpreendentemente, era branca e ostentava em sua cabeça um signo de realeza. Nessas irmandades, reis negros, como os Reis do Congo foram coroados. Para que isso fosse permitido, faziam uma relação com a lenda dos Reis Magos, criada por padres na época de navegações em direção África e ao Oriente, para universalizar a imagem da adoração a Cristo, através da suposta adesão de pessoas de países exóticos, como o rei negro Baltazar.

Até o século XVIII os negros conseguiram aqui no Brasil cultivar suas danças rituais, disfarçadas de *batuques*, até que os brancos perceberam que essas práticas não eram simples diversão, mas tinham também um caráter religioso. Tudo isso revela a sabedoria de que eram dotados os negros para utilizar a estrutura de dominação que os brancos lhes impunham em benefício próprio. Assim os escravos puderam dar continuidade histórica à sua cultura.

Durante os seis meses em que fiz observação participante nas oficinas de percussão da instituição, os educadores trabalharam maracatu, afoxé, jongo, samba de partido alto, samba de bumbo e funk.

Sobre o maracatu, Cortes¹⁷ diz que é um cortejo característico de Pernambuco, principalmente de Recife. No período colonial, para acalmar e manter a ordem dos escravos, os portugueses incentivavam a coroação dos reis do Congo. Quando esse ato sagrado terminava, os escravos cantavam e dançavam, festejando seus reis com batuques. Após a abolição da escravatura, essa celebração não teve mais razão de existir no âmbito das propriedades escravocratas. Não encontrando mais espaço no âmbito religioso, as nações de maracatu foram para o carnaval.

Há algumas possibilidades para a origem palavra *maracatu*: quando os policiais vinham reprimir as brincadeiras, os negros anunciavam uma senha pelos toques dos tambores, fazendo emitir um som parecido com maracatu / maracatu / maracatu; ou então, a relação com os maracás, instrumentos que foram utilizados em celebrações no passado.

17. CÔRTEZ, Gustavo. Dança, Brasil! Festas e Danças Populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

Há dois tipos de maracatu: maracatu nação ou baque virado e maracatu rural ou baque-solto. O primeiro tem o início e o fim determinados pelo som do apito e tem música vocal denominada toada, que inclui versos de origem africana. O instrumental, denominado toque, é composto por zabumbas, gonguê, caixa de guerra e tarol. No desfile ao ritmo dessa toada, vão os lanterneiros, que iluminavam os caminhos do cortejo, rainha e rei, princesas e príncipes, dançarinas vestidas de baianas, vassalos e a dama do passo e o estandarte, estes dois últimos são as figuras mais importantes do maracatu. A dama do passo carrega a boneca calunga, que capta as energias positivas do universo e as transmite a todos os integrantes do cortejo. No estandarte carregado pelo porta-estandarte, está o nome da nação, o que distingue um grupo do outro.

Antigamente, eram os senhores de escravos que doavam as vestimentas em tecidos brilhantes, espelhos e bijuterias, que buscava relembrar as riquezas deixadas na África.

O segundo tipo de maracatu, originou-se na Zona da Mata pernambucana, em sua região canavieira, na segunda metade do século XIX. Tem como instrumentos: cuíca, tarol, gonguê, ganzá e instrumentos de sopro, fazendo com que as músicas sejam bem diferentes dos maracatus tradicionais. À frente do cortejo, vêm os caboclos de lança com seus enormes chapéus com cabeleiras de papel celofane, abrindo espaço entre a multidão com suas lanças de madeira, outrora usadas para afastar os pés de cana-de-açúcar do caminho. A sua indumentária traz uma espécie de manto usado pelos canavieiros, mas para a dança, as lantejoulas e paetês o decoram. Uma bolsa em couro de carneiro, chamada de surrão, onde são presos enormes chocalhos também é utilizada por eles. Geralmente, os caboclos de lança vêm da Zona da Mata para brincar o carnaval em Recife, tomando o azougue, bebida composta por limão, pólvora e cachaça que os fazem suportar o sacrifício da viagem, até os deixando meio dopados. Diz-se que os óculos escuros usados por eles, servem para esconder os olhos vermelhos, causados pela bebida.

O afoxé, também conhecido como igexá ou ijexá é um ritmo também de origem africana e tem na batida do instrumento agogô sua marcação característica. Tem elementos e contextos ligados a religiosidade dos africanos aqui no Brasil, principalmente ao Candomblé Jeje-Nagô. É quase que uma obrigação levar o axé (energia positiva) aos festejos de que participam.

Já o jongo – dança de origem africana – chegou ao Brasil através dos escravos bantos. Foi difundido nas regiões cafeeicultoras e em Minas Gerais é conhecida como caxambu, nome do principal instrumento de percussão usado na dança, que é também chamado de tambu ou angona. Há também o tambor pequeno, a puíta ou cuíca, o candongueiro e o guaíá, espécie de chocalho.

Dançando em roda, os dançarinos do jongo exibem passos com agilidade, tendo como ápice da dança a disputa de homens e mulheres que vão ao centro da roda. Há dois ritmos, um mais lento e outro mais rápido. Os versos da música, que podem ser improvisados ou não, são chamados de “ponto” e cantados por um solista ou mais e tem a resposta do coro. Os “pontos” são de difícil compreensão por serem metafóricos e enigmáticos. Os enigmas e símbolos foram utilizados como meio de comunicação entre os escravos, para que pudessem se entender, até mesmo sob os olhares e os chicotes dos capatazes.

Em cada localidade há uma coreografia diferente. Em São Paulo, a dança é feita em roda, no sentido anti-horário e em volta dos instrumentistas.

Já a palavra samba parece ter relação com *semba* que significa “umbigada” em Angola, na África. No entanto, a generalização para as danças com umbigada no país é o termo *batuque*, isto é, não existe nenhuma dança denominada samba na África. Outrora, a Igreja proibiu a execução do samba, mas os brasileiros não permitiram sua extinção. Em Campinas, o samba foi importante na construção da riqueza cultural de bairros da cidade,

chegando a ter originado o “samba de bumbo campineiro”, mescla do samba de roda e do jongo.

De acordo com Souza¹⁸, o samba pode ser observado como uma estratégia de resistência étnico-cultural, já que os meios de reprodução da cultura de massa, bem como o processo de mercantilização do carnaval, estão tornando o samba apenas mais um produto cultural. As manifestações das culturas afro-brasileiras presentes na formação dos sambas hoje assumem peculiaridades nas diferentes regiões do Brasil conforme a variedade das relações sociais, culturais e étnicas gestadas, embora muitas vezes, essas manifestações sejam camufladas pelos meios de comunicação em massa e pelo modelo de carnaval carioca.

Uma variante do samba, o samba de partido-alto ¹⁹, surgiu no início do século XX. Era dançado e o canto consistia na improvisação de versos acerca de um tema. Foi retomado na década de 40 por moradores dos morros cariocas.

Já o samba de bumbo tem como principal instrumento o bumbo ou zabumba. Nessa dança, as mulheres vestidas com rendas e saias rodadas se posicionam à frente dos homens que tocam os instrumentos e cantam os versos, respondidos pelas mulheres.

Em atividade no estado de São Paulo, estão os grupos tradicionais, os Sambas Lenço de Mauá e o Bloco Grito da Noite (Santana de Parnaíba), o Samba de Roda (Pirapora), Samba do Cururuquara (Santana do Parnaíba) e o Batuque de Umbigada (Capivari, Tietê e Piracicaba). Pelas manifestações que realizam podemos chamá-los de “samba rural paulista”, de acordo com a denominação criada por Mário de Andrade.

Durante a década de 90 começou a ocorrer uma revalorização de aspectos tradicionais

18. SOUZA, Eduardo Conegundes de. Roda de Samba e Samba de Roda: Cultura Popular, Memória e Educação Não-Formal. In: PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação Não-Formal: Contextos, percursos e sujeitos. Campinas, SP: Unicamp/CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.

19. As informações sobre o samba de partido-alto e sobre o samba de bumbo foram retiradas de meu diário de campo escrito durante a observação participante nas oficinas de percussão do educador Flávio .

do samba, fazendo surgir grupos de jovens, consolidando uma nova geração de sambistas que organizam projetos culturais: Grêmio Recreativo de Tradições Populares, Morro das Pedras (São Mateus), Comunidade do Samba da Vela (Santo Amaro), Projeto Nosso Samba (Osasco), Projeto Samba Autêntico (Centro de São Paulo) e Núcleo de Sambistas do Cupinzeiro (Campinas) e Núcleo de Samba da Baixada Santista (Santos).

Por fim, o funk ²⁰ foi criado pelos norte-americanos negros - os descendentes dos escravos africanos que foram para os Estados Unidos, por volta dos anos 50, com base no Soul, que é o ritmo considerado o antecessor do funk. O principal artista a quem é atribuído o pioneirismo é o James Brown. No funk, os instrumentos utilizados são diversos, como piano, guitarra, baixo, bateria, percussão, entre outros.

Atualmente, o funk é cantado em diversas línguas, e aqui no Brasil teve o seu caráter original deturpado, passando recentemente a dar nome a uma vertente comercial altamente ligada à promiscuidade sexual. Isso também aconteceu nos Estados Unidos, onde teve uma fase que associava o estilo do funk aos gângsteres, à depravação de suas mulheres e à propaganda das substâncias que vendiam, sendo que até hoje os herdeiros desse movimento sustentam a contra-cultura.

A explicação, demonstração e realização de ritmos do universo da cultura popular não eram as únicas estratégias utilizadas na oficina. Entendendo que o conhecimento não é algo pronto e acabado e que o educador não deve ser o detentor das verdades, o Thiago iniciou seu trabalho na instituição pedindo que os adolescentes demonstrassem o que já sabiam, postura essa que permeou os demais dias em que estive presente nas oficinas, fosse permitindo que os educandos criassem toques ou estimulando-os a mostrar o que tinham aprendido na

20. As informações sobre o funk foram obtidas durante a observação participante nas oficinas de percussão do educador Thiago.

fanfarra da escola, revelando assim um profundo respeito a eles:

...eu acho que a gente mais do que construir o conhecimento na...na cabeça do educando. É...é dividir o conhecimento e conseguir conversar sobre ele. Eu acho que mais do que passar pra eles as coisas, eu quer o conversar com eles sobre as coisas. A gente tem uma aqui uma preocupação aqui em não chamar eles de alunos, que alunos tem uma idéia de que você não tem conhecimento e alguém vai colocar na sua cabeça. A coisa do aluno - sem luz e o professor é o iluminado. Então, mas a gente não procura não trabalhar desse jeito, procura trabalhar, abordar os assuntos e mesmo, perguntar pra eles, estimulá-los a... dizer o que eles sabem, dizer o que eles entenderam, dizer o que que eles acham e...assim, mas assim, estimulando mesmo eles a buscar o conhecimento, do que eu apresentar tudo fechado pra eles. (Dep. Thiago, pág. 115).

Atuando desta forma, o educador permitiu aos freqüentadores da oficina sentirem-se acolhidos e capazes também para ensinar:

...eu acho que já vem (a oficina de percussão) ensinando várias coisas da fanfarra que eu já aprendo aqui (na oficina) e ensino aqui o que eu já sei na fanfarra. (Dep. Carla, pág. 99).

E assim também desta forma - através da valorização da bagagem cultural de todos os envolvidos no processo, é que o Progen trabalha no sentido de elevar a auto-estima dos educandos, ao fazê-los perceber que também produzem cultura e que esta possui uma riqueza muito grande.

4.5. Cultura popular e cultura de massa

Para a formação das identidades culturais de um grupo de adolescentes da periferia de Campinas, a cultura popular é indispensável, divergindo da cultura de massa que já vem pré-fabricada para ser recebida pelas pessoas, como consumidoras passivas, sendo por isso amplamente veiculada pelos meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão.

Na cultura popular, os participantes se exprimem e se reconhecem em sua humanidade e compreendem e marcam a proximidade e a distância com outras manifestações culturais e também a oposição e a apropriação de outras expressões culturais. Já a cultura de massa é uma estrutura que convida os indivíduos a participarem sob pena de exclusão ou invalidação social.

Marilena Chauí nos complementa a diferenciação entre cultura popular e cultura de massa:

... a expressão Cultura Popular tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, isto é, a existência de divisões sociais, pois referir-se a uma prática cultural como Popular significa admitir a existência de algo não - popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade. A noção de Massa, ao contrário, tende a ocultar diferenças sociais, conflitos e contradições. Exprime a visão veiculada pela ideologia contemporânea, na qual a sociedade se reduz a uma imensa Organização funcional (regida pelos imperativos administrativos e das técnicas de disciplina e vigilância que definem a racionalidade capitalista), na qual tanto a realidade quanto a idéia das classes sociais e de sua luta ficam dissimuladas, graças à substituição dos *sujeitos sociais* pelos objetos *sócio-econômicos* definidos pelas exigências da organização. (1993, p. 28).

Atualmente, um fenômeno vem sendo gerado pelo consumo nos centros urbanos, dentro do cotidiano dos moradores da periferia. Ele faz com que os jovens, aos poucos, abandonem suas raízes culturais e passem a aderir de forma quase hipnótica às tecnologias e valores de uma cultura que não é a deles, fazendo-os conviver com uma pluralidade de produções culturais antes mesmo de terem desenvolvido as suas próprias, o que os torna empobrecidos, pois a criatividade se vê embotada, já que é a capacidade de criar que dá sentido à vida em sociedade.

O educador da oficina de percussão do Progen fala sobre a demasiada exposição aos meios propagadores da cultura de massa a que estão sendo submetidos os adolescentes da Vila Castelo Branco:

...apesar deles (os adolescentes de sua oficina) não terem dinheiro, eles têm acesso à televisão. Eles têm acesso à rádio, é...à música, principalmente algum meio de comunicação que não demanda é...um...status econômico pra que você tenha acesso à ela. Então você (es)tá tendo o tempo inteiro acesso à música e à rádio, via TV, via casas de pessoas, carros, lojas...Então elas (es)tão o tempo inteiro expostas às culturas de massa, então é...eu acho importante que exista essa outra fonte também, tenha a cultura de massa, que eles tão envolvido o tempo inteiro, mas também tem lá o Projeto onde eles ouvem algumas músicas que não tem a preocupação de vender. Que é a preocupação básica das músicas que tão no...que são comercializadas. Então eu acho sim, que eles são, são submetidos à...à cultura de massa e que... qualquer...qualquer vínculo (inaudível) no sentido de trazer uma outra música pra eles é fundamental. (Dep. Thiago, pág. 118).

Por conta disso, é essencial às crianças e adolescentes, a participação em espaços que ofereçam alternativas à cultura de massa, proporcionando um auxílio para que eles construam suas identidades ou se re-encontrem.

Apesar de alguns nomes de ritmos pertencentes ao universo da cultura popular serem amplamente divulgados pela mídia, como por exemplo, o samba e o funk, os adolescentes do Progen percebem a diferença existente entre o que eles vivenciam na oficina de percussão e o que têm acesso pelas rádios e TV's:

... o público lá fora dança de um jeito e quando a gente aprende aqui a gente dança do outro. De outro jeito. (Dep. Robson, pág. 96).

Ah é, pra aprender mais sobre a origem das coisas. (Os ritmos trabalhados no Progen). Porque a gente tem mania de só escutar as músicas que tocam no rádio, então a gente tem que aprender um pouco mais das músicas diferentes.

Acho que falam mais da realidade (As músicas trabalhadas no Progen). É...depende da música que toca no rádio já é mais...só pra...só quem gosta de escrever, mas não tem nada a ver assim...algumas letras, mas já essas músicas que a gente aprende aqui, elas têm um significado importante. (Depoimentos da Dayane, pág. 103).

Mas não se pode cair no extremo oposto de considerar ruim tudo o que tenha fins comerciais. Sendo assim, o Thiago levou também para suas oficinas, músicas de “Pedro Luiz e as Paredes” e de “Chico Science”, para que fossem ouvidas e discutidas, tanto em relação à técnica quanto ao conteúdo. Isso permitiu aos educandos perceberem que temas de suas realidades de vida, como violência e miscigenação de raças também eram tratados por artistas que estão ou estiveram na mídia e também que utilizam ritmos que são conhecidos por eles como o maracatu e o funk na composição de seus repertórios. O Thiago falou sobre a articulação das culturas de massa e popular que às vezes faz-se necessária:

Eu acho que também tem coisas dentro da cultura de massa que são frutos de uma cultura que é a...a cultura do país. Que é uma cultura pura. Então eu procuro também utilizar coisas que eles conheçam. Coisas que estão dentro da cultura de massa também, pra... enfim, utilizar aquilo que eles já têm, aquilo que...as letras que eles conhecem, os ritmos que eles conhecem, então é...também... esclarecer de que nem tudo que (es)tá dentro da cultura de massa é ruim, é negativo, é importante também, eu acredito. (Dep. Thiago, pág. 118).

Assim vai sendo desenvolvido o espírito crítico dos educandos para saberem selecionar as produções de qualidade da cultura de massa. Ensinando a consumir criticamente, isto é, realizando a formação do público consciente e participante.

Capítulo V:

A partir da re-significação; a transformação

5.1. Mudança pessoal dos educandos

Para que um espaço não-formal de educação possibilite a transformação social, precisa antes de tudo, promover a mudança de cada um de seus participantes. E cada vez que isso acontece no Progen, os profissionais da instituição e a comunidade comemoram, ainda mais por estarem presentes na Vila Castelo Branco outros caminhos para a vida das crianças e adolescentes, como a violência e o tráfico de drogas:

E as perguntas que eles fazem, eles chegavam e não beijavam a gente no rosto, eles viam as crianças fazer, eles não fazem. Hoje não, eles chegam, a gente abraça, eles abraçam eles, a gente também traz esse lado afetivo, se não (es)tá bem, (vo)cê olha na cara e você sabe que não (es)tá bem, aí o educador vai perguntar. Isso fez a gente trazer muito menino pra nós e esse menino hoje não (es)tá indo pro tráfico. Ainda bem que o tráfico não percebeu isso ainda. O dia que perceber, provavelmente, nós vamos ter uma grande questão, (vo)cê entendeu? Mas, a gente (es)tá conseguindo seduzí-los, e eles vêm. (Dep. Izabel, pág. 78).

Quando eles chegam aqui, eles não sonham, depois eles passam a sonhar, isso pra mim é extremamente importante assim...Me incomoda quando...eles chegam assim...É uma das coisas que mais me incomodam quando chegam assim...É achar que a vida, ela pode acabar hoje, e com o sonho, com a coisa de sonhar, eles percebem que a vida é maior, que é possível ser feliz, apesar de todas as dificuldades que é possível, que depende muito de você... (Dep. Izabel, pág. 84).

Durante a entrevista realizada, a coordenadora do Progen, Izabel, lembrou-se de vários casos, de várias pessoas que passaram pelo Progen e algo na instituição as fizeram mudar seus rumos de vida:

...esses dias eu recebi a visita de uma menina – que não é mais menina, e que eu não via há muitos anos e ela veio visitar uma pessoa e ela quis passar por aqui. Então...(vo)cê (es)tá fazendo uma pergunta e eu vou te dar um exemplo, pode ser? E aí, ela...Aí a gente (es)tava conversando, ela (es)tá com dois filhos, ela num (es)tá casada. Eu lembro que ela contava isso tudo pra mim rindo. Eu olhei pra cara dela e ela falou: “Izabel, olha, eu (es)tô trabalhando de empregada doméstica, isso é uma coisa que me deixa muito triste falar pra você”. Eu falei: “Por quê?” Ela falou: “Porque a gente falava em tanta coisa. A gente construiu tanta coisa dentro dessa instituição e no entanto, eu sou empregada doméstica”. Eu falei: “Por que que você é empregada doméstica?”. “Porque eu tenho dois filhos pra cuidar e eu não consegui arrumar emprego”. “É isso, é isso, é isso que a gente queria. (Es)Tá com seus filhos. Ouvi isso você não sabe o quanto pra mim é importante. Foi isso que...sabe toda construção que a gente fez ao longo de sua vida? É pra que você entendesse isso, você é responsável por essas crianças e quando você viu que você não tinha outra forma de mantê-los com dignidade, você foi fazer aquilo que dá”. Menina, essa menina foi levantando, assim: “Eu busco eles na creche, eu levo, eu não troco aquelas crianças por nada”. E a mãe dela trocou. Eu falei: “(Vo)Cê mudou tua história, percebe!? Você não abre mão dos teus filhos”. Porque aí eu tenho conhecimento da história de vida dela e eu percebo. “(Vo)Cê (es)tá achando que você (es)tá de empregada pra mim isso é importante? Importante pra mim enquanto educadora que fui (e vários outros passaram na tua vida), é saber que você (es)tá cuidando dos seus filhos, cuidando com amor, com respeito, que você sabe que é responsabilidade tua. É isso que eu queria ouvir de você”. Ela: “É verdade?” Falei: “É! Fia, as outras coisas...(vo)cê vai voltar pra estudar”. Porque ela (es)tava...ela veio pra pegar o boletim de escola e ela vai voltar a estudar porque ela não quer ser... “(Vo)Cê (es)tá sonhando ainda, deu pra você entender? (Vo)Cê veio aqui pra buscar seu boletim de escola, porque (vo)cê vai fazer supletivo, porque (vo)cê (es)tá percebendo que num...que você é capaz de mais!

Nós sempre falamos pra (vo)cê que (vo)cê era capaz de mais. Só que às vezes a gente precisa fazer o que é possível, não é verdade? Por que que você (es)tá trabalhando?”. “Eu preciso dar pros meus filhos alguma coisa, eu tenho minha casa pra olhar”. E ela já falou isso com mais orgulho. É isso! Deu pra você entender, assim? O que eles vão ser...mas que eles respeitem os filhos deles, que eles sejam felizes, que eles saibam fazer escolha, né? Por mais que ela teve dois filhos, mãe solteira, ela está com essas crianças, que não era condição que ela teve, deu pra (vo)cê entender? (Dep. Izabel, pág. 85).

...um (educando) virou e falou assim: “Sabe, às vezes a gente tem mãe, pai que é muito bravo e muito violento, a gente chega aqui (no Progen), a gente recebe tanto carinho, tanto carinho, isso faz tão bem, faz a gente ser diferente”. (Dep. Izabel, pág. 87).

Aline, que já foi educanda do Progen e hoje é monitora na oficina de informática e artesanato no Progen, também fala da mudança que a vivência no Progen operou em sua vida:

Eu era (quando entrou no Progen) super tímida, eu não falava nada, nada. Quando era roda, eu tremia, minha boca ficava roxa, eu tremia. Aí no final do ano a gente fez um teatro e eu participei. Aí a partir desse teatro...eu falo até demais. (Dep. Aline, pág. 92).

A oficina de percussão é um importante meio utilizado pelo Progen para que os educandos, ao se reconhecerem e se valorizarem, possam construir para si uma história de vida mais ética, mais cidadã, mais feliz, rompendo com o ciclo de desagregação familiar e de violência que muitas vezes, acometeram suas famílias ou seus vizinhos. Além disso, essa oficina ainda faz com que a música ganhe um espaço privilegiado na vida dos adolescentes:

Ah, acho que...as coisas que eu vi aqui do Projeto é o que valorizar no futuro. Acho que essas coisas que eu aprendo aqui, acho que vai ser bom pra mim no futuro. (Dep. Carla, pág. 101).

Muito mais responsabilidade (ela espera para o futuro)...fazer uma faculdade assim, que eu goste...Conseguir um emprego bom ...poder sustentar mais minha família.(Dep. Dayane, pág. 104).

O adolescente Robson, pensa até mesmo na música como uma possibilidade futura de trabalho:

Ah, eu já pensei muitas vezes em tentar ser professor de fanfarra. (Dep. Robson, pág. 96).

Mas é também, no presente, que as mudanças ocasionadas pela oficina na vida dos educandos são percebidas, tal como observa o educador Thiago:

Então, tem muitos alunos que são muito agressivos, que são muito violentos e são é...tem um comportamento complicado de você trabalhar, de você organizar. Mas em alguns momentos da oficina, eles conseguem prender a atenção deles pra aquilo, então ele esquece um pouco a parte de brigar com o colega e fica tentando tocar. Às vezes ele consegue ficar concentrado durante dez minutos, às vezes ele consegue ficar concentrado durante trinta, quarenta minutos. Então eu acho que... o aluno tentando é...focar a atenção dele pra...pras oficinas, ele (es)tá....passando uma... boa parte do tempo com o pensamento dele concentrado na questão da... música, na questão das oficinas e...isso mais tarde pode atrair ele a tentar fazer isso de novo, ou a tentar fazer outra coisa, de novo, nesse sentido, ao invés de...ficar se lamentando, ficar tentando brigar com a realidade que o (es)tá oprimindo. (Dep. Thiago, pág. 116).

5.2. Mudança comunitária

A história de união e empenho da comunidade da Vila Castelo Branco e dos bairros adjacentes para a construção do Progen é conhecida por todos os educandos da instituição, o que os torna comprometidos em transformar as habilidades e competências adquiridas nas oficinas em ações sociais em prol da comunidade. Por isso, a proposta sócioeducativa do Progen tem como um dos pontos fundamentais a criação de condições para que o adolescente possa, na prática, vivenciar os valores e talentos adquiridos na própria comunidade, nas associações de bairro, no clube, na escola.

Isso pode ser observado diariamente na instituição, como quando, por exemplo, numa das rodas de conversa, falaram sobre a importância de conservar as instalações físicas da instituição e seus materiais para que outras crianças e adolescentes daquela comunidade possam usufruir futuramente.

Tanto nos vários momentos da rotina do Progen quanto nos momentos em que os educandos procuram informalmente os educadores em busca de orientação, eles são estimulados a tentar mudar o que os está incomodando na comunidade.

E a música, mais uma vez, desponta como uma importante ferramenta na consecução de objetivos comuns ao Progen e à comunidade, visto que os ritmos afro-brasileiros ajudam a contar a história da Vila Castelo Branco:

...então a música é essencial é...pro resgate cultural, não gosto dessa palavra resgatar, mas pra cultura, pro reconhecimento daquela criança naquela cultura. E pra essa comunidade também. (Dep. Izabel, pág. 81).

E o comprometimento dos educandos com a comunidade se torna possível também

pelo sentimento de pertencimento²¹ ao bairro que o exercício e reflexão sobre as manifestações da cultura popular ajudam a construir. Todas as pessoas têm a necessidade de se sentirem parte de “algo”, mesmo que este “algo” não seja valorizado por outros estratos sociais. Simplesmente, morar em um bairro ou cidade, não significa que uma pessoa se sinta por isso pertencente ao local, pois pertencer sugere participar ativamente dos costumes e atividades dessa comunidade. Esse sentimento de pertencimento se constrói a partir do compartilhamento de lembranças, sejam elas boas ou ruins e que para serem recordadas necessitam terem sido vividas, mesmo que indiretamente, através da audição de uma história ou da leitura de um livro, porque mesmo que os ritos não tenham seus conteúdos revelados aos iniciados numa comunidade, eles são transmitidos e re-significados por eles. Assim como fez o Senhor Alúcio Geremias ao contar a história da Escola de Samba da comunidade aos educandos do Progen, permitindo, desta forma, que a nova geração da Vila Castelo Branco possa se apropriar da memória e da história da comunidade, respeitando-a e valorizando-a.

21. GONÇALVES, José Roberto. Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco. Campinas / SP: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes e Multimeios, UNICAMP, 2002.

Considerações finais

Pelo entrecruzamento da bibliografia, das observações participantes e dos depoimentos concedidos pelos funcionários e educandos, conclui-se que a prática educativa do Projeto Gente Nova, pode ser considerada transformadora, pois as atividades realizadas como a roda, a avaliação semanal e semestral, assim como as oficinas, revelam a preocupação de se trabalhar com o exercício da cidadania e a conscientização de que as crianças e adolescentes são sujeitos na construção de suas próprias histórias.

O corpo de funcionários do Progen tem atuação importante no sentido de considerar o meio no qual a ONG está inserida, trazendo para o interior dela, as questões que demandam da comunidade.

Por ter esse caráter transformador, esse espaço não-formal de educação tem na cultura popular um suporte importante para basear todo o seu trabalho em busca da elevação da auto-estima dos educandos, da re-construção da identidade que muitas vezes se perde pela aceitação de valores e culturas que não são as deles, mas que lhes são impostos e vendidos.

A oficina de percussão do Progen, ao trabalhar com cantos, danças e ritmos que compõem a cultura afro-brasileira apresenta-se como um espaço de resistência às tentativas de negação das produções culturais populares por parte da sociedade que institui os seus eurocêntricos padrões do que é belo e valioso. A cultura popular, através das várias manifestações trabalhadas na oficina, mostrou-se aos adolescentes como uma cultura que também é bela, por ter um estreito vínculo com a identidade cultural de um povo que não se deixou dominar e não foi submisso. Pelo contrário, procurou a cada momento estratégias de resistência para buscar a sua afirmação, povo este representado na atualidade pelos moradores da Vila Castelo Branco que não permitiram que sua memória cultural fosse esquecida.

A bagagem dos educandos adquirida pela vivência num bairro onde a questão cultural é forte, é respeitada no Projeto e utilizada para traçar as diretrizes do trabalho de arte-educação e para manter as relações com os outros equipamentos sócio-culturais da região.

Os adolescentes freqüentadores do Progen, através dos momentos do fazer musical e menos evidentemente pelas entrevistas concedidas, dão pistas de que a oficina de percussão do Projeto está no caminho certo para proporcionar a eles muito mais do que uma competência artística, mas proporcionar sobretudo a consciência de que eles podem ajudar a manter viva a história de um povo ao re-significar suas práticas, fazendo desta maneira, muito por si e pela comunidade.

A oficina de percussão propicia experiências que podem indicar uma profissionalização futura para certos educandos com maior talento, além de contribuir para a formação de consumidores mais conscientes e críticos, ao se relacionarem com as produções da cultura de massa.

Referências Bibliográficas

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: Cultura popular e o Jogo dos Saberes na Roda*. Campinas: São Paulo, Tese / FE – UNICAMP, 2004.
- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da Educação Não - Escolar: Reactualizar um Objecto ou Construir uma Nova Problemática? In: ESTEVES, António Joaquim e STOER, Stephen R. (Orgs.). *A Sociologia na Escola: Professores, Educação e Desenvolvimento*. Porto Alegre: Afrontamento, 1992.
- BOSI, Ecléa. Cultura de massa, cultura popular e cultura operária. In: BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CANDEIA e ISMARD. *Escola de samba: Árvore que esqueceu a raiz*. RJ: Lidador / FEEC, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- CÔRTEZ, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e Danças Populares*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.
- FALEIROS, Vicente. *A Fabricação do Menor*. In Humanidades, No. 12, fev /abr, 1987. Ed. UNB Bibl. CLE / UNICAMP.
- FERNANDES, Renata Sieiro Fernandes. *As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-freqüentadores de um projeto de educação não-formal*. Tese / UNICAMP, Campinas, SP, 2005.
- FRANCO, Marina Minussi. *A dança e a expressão corporal como estratégias de reinserção social em duas instituições de Campinas*. Campinas, SP, TCC / Unicamp,

2004.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GONÇALVES, José Roberto. *Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco*. Campinas / Sp: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes e Multimeios, UNICAMP, 2002.

MARTINS, José de Souza. *O Massacre dos Inocentes: A criança sem infância no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MASUZAWA, Mari. *A socialização da criança institucionalizada "Projeto Formação I"*. TCC – Unicamp. Campinas, SP, 1997.

OLIVEIRA, Maria Edna Sabina de. *O pedagogo em espaços não escolares*. Revista Acadêmica Alfa. Vol. I, Nº 1, maio-outubro de 2004.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). *Educação Não - Formal: Contextos, percursos e sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp/CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *O Jongo*. Cadernos de Folclore 34. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1984.

TASSELLI, Daniela de Fátima. *Educação Não - Formal e Identidade Sócio - Cultural*. TCC-Unicamp. Campinas, SP, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de Índios, Negros e mestiços*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, PARK, Margareth Brandini, FERNANDES, Renata Sieiro. (orgs). *Educação Não - Formal. Cenários da Criação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória, 2001.

Site: www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/dezembro2005/ju311pag9a.html.

ANEXOS

Entrevista com a Izabel – coordenadora do Progen

Data: 08/06/06

J- Há quanto tempo está na coordenação do Progen?

I- Olha, na coordenação do Progen, 8 anos, né? Porque eu comecei como assistente social.

J- Sim, há 8 anos?

I- Não, há...vai fazer 16 anos.

J- Ah sim, então está no Progen há 16 anos, mas como coordenadora há 8.

J- Qual sua formação?

I- Assistente social.

J- Se formou na PUC?

I- Sim.

J- O que você considera importante no espaço não-formal de educação? Esses ideais são contemplados no Progen? E se sim, de que forma?

I- O que eu acho importante num espaço de educação é...não-formal, né? Bom, primeiro é a proposta educativa, que ela seja, que ela contemple o...Que haja uma participação do usuário, né? Eu acho que é uma das primeiras características do espaço da educação não-formal, né? Que a criança participe no processo, tanto a criança, o adolescente, a família, a comunidade, participem no processo educativo no qual ela participa, né? Que seja um espaço é...de acolhimento e com uma clareza muito grande do cidadão que entra dentro dele, assim... Que a pessoa que entra dentro desse espaço é cidadão. Então se ele é cidadão, ele é sujeito, de direito. Se ele tem direito, ele tem dever. É importante a gente...E qual é a proposta metodológica que a equipe técnica junto com as crianças e os adolescentes têm pra realizar

em termos de trabalho? A democracia do espaço, a construção do espaço, eu acho que também tem que ter...O espaço tem que ser pensado também a partir do usuário e que tenha uma equipe multidisciplinar: assistente social, pedagoga, psicóloga, T.O., né? Não é um espaço é...de um profissional não. Que tem, que tem arte-educador, que tem educador social, né? Então eu acho que esse é um espaço também onde possa passar vários educadores, não sei se seria nessa linha, mas seria um espaço educativo, e que não reproduzisse dentro desse espaço a escola, né? Que todas as atividades fossem pensadas e elaboradas a partir da convivência grupal, que tivesse roda, que tenha espaço lúdico de brincadeira, que tenha oficinas de arte, que tenha culinária, que tenha artesanato, que a criança possa viver dentro, ter dentro do espaço várias atividades que vão proporcionar pra ele uma mudança de vida, né? E não tá muito preocupado com a coisa do tempo, né? Não é um espaço assim: olha eu faço, o Progen tem um planejamento, né? Mas cada criança que entra dentro do espaço tem uma história de vida.

J- Vai trazendo uma demanda diferente, né?

I- E um olhar diferenciado. Então assim, a educação não-formal, ela faz um olhar diferenciado pra vida dessa criança. Pra nós não é só importante o contexto aonde ela tá inserida, por exemplo, ela vem no Progen, mas quem é a família dela? Como é a comunidade que ela vive? Como é a escola que ela frequenta? Eu acho que a educação não-formal, ela tem que se apropriar de todos esses dados, né? Pra poder construir uma proposta educativa muito próxima da realidade do usuário que entra dentro dela.

J- Então tudo isso que você considera importante, acha que o Progen tá conseguindo praticar?

I- Eu acho que sim, mesmo porque a gente tem...a gente acredita muito assim, a gente combina as coisas é...Nós fazemos reunião pedagógica a cada quinze dias, né? Então essa já é uma preocupação nossa, apesar da gente ter um planejamento, uma idéia pro ano, mas a gente repensa essa idéia a cada quinze dias, e a gente avalia toda sexta-feira o Projeto com as crianças, como foi, o que eles gostaram, o que eles não gostaram, porque a gente tem essa preocupação, né? De manter...apesar de ter um planejamento, a gente tem...nós temos a clareza, que como é um trabalho voltado pra uma comunidade, essa comunidade tá (bem enfática) todo dia, ela não é a mesma, então a gente tem que acompanhar esse ritmo. A educação não-formal ela tem que acompanhar o ritmo de mudança e de transformação da comunidade onde a criança tá inserida, porquê? Pra tornar-se um lugar prazeroso, pra não ficar distante da realidade onde a criança tá inserida, né? E ela poder vir todos os dias e ser

acolhida. E acolhida na sua essência, com as dificuldades, com todas as questões que vêm junto quando você tem um espaço aberto, né? Eu acho que a educação não-formal é um espaço aberto. Tem planejamento, tem regras, tem controle de frequência, tem tudo isso. Mas a forma como isso é feito...a criança nem percebe que acontece, né? Então assim: são cuidados necessários pro ambiente se tornar agradável. Dia de chuva a criança vem. Sol, as crianças vêm no Progen. Então assim, eles nos dão a resposta que esse é o caminho, que nós támo no caminho certo, né? E nós pensamos todo esse caminho junto com eles. Olha, é um processo difícil, né? Porque a educação não-formal...A gente não consegue ter uma equipe que se mantenha junta por um período muito longo, né? É saudável, em compensação também num é saudável. Então assim, até você contratar um profissional e ele entrar num ritmo que é totalmente diferente do que provavelmente, das experiências que ele teve fora daqui, a gente leva um tempo, né? Então assim, eu vejo como um espaço educativo.

J- De que forma acontece a seleção de educadores para atuar no Progen?

I- Olha, nós temos um cuidado assim: primeiro a gente abre uma seleção, né? Aberta. Recebemos o currículo. Recebeu o currículo, vamo ver se esse profissional, né? As experiências dele, o que pensa, aonde ele já trabalhou, o conteúdo que ele tem, o histórico de vida dele, né? Se tudo isso vem de encontro (vem ao encontro) à proposta pedagógica do Progen, né? Mas, pelo assim, a gente tem uma preocupação muito grande de levar em consideração o... a militância desse profissional na área onde ele vai começar a trabalhar. É, qual o envolvimento dele com as questões da criança e do adolescente, qual a militância que ele tem nessa área, como é que ele se envolve nessa área, se for um professor de música, de dança, como é que é o movimento, como é que a dança chegou na vida dele, como é que a música chegou, né? Então a gente trabalha muito nessa linha. A experiência, a gente não leva muito em consideração não, porque eu acho que experiência é uma coisa que você adquire, cê entendeu? Senão a gente vai ser extremamente assim rigoroso, então nunca vai ter uma porta aberta pra quem vai iniciar, né?

Mas o histórico, a militância tem um peso muito grande, porquê? Porque aqui dent...aqui dentro, ele vai ser militante na área da criança e adolescente, né? Então assim, ele vai ter que se relacionar, ela não vai ser um educador simplesmente dessa instituição, mesmo porque se a gente tem um trabalho que, que acompanha as, as mudanças, ele também vai ter que participar nesse ritmo, né? E esse ritmo geralmente...se ele não tiver isso, ele não fica, né? Não é a gente que escolhe.

J- É ele que se adapta ou não...

I- Cê tá entendendo? Eu falo que eu nunca mandei, eu nunca mandei ninguém embora, eu nunca mandei uma pessoa embora. Simplesmente, a gente vai conversando e ela vai percebendo que esse espaço e essa forma de trabalho num...não combina com o profissional que ela é. Não é que ela é má profissional, eu não acredito que exista má profissional, eu acho que tem profissional que precisa se encontrar, né? Então assim, é extremamente importante assim: eu não mando funcionário embora, só que assim, entrou aqui, ele tá fazendo uma opção de fazer um trabalho diferente, de ser criativo, de ser espontâneo, de sentar e ouvir uma criança. A criança...Eu trabalho com criança que questiona, né? Que diz o que pensa. Então o adulto, ele tem que tá preparado pra essas condições de trabalho. Uma comunidade que senta e pensa junto uma proposta pedagógica, uma mãe que diz se gosta, se num gosta do que...dessas...Então assim, se um profissional, ele não tiver preparado pra essas questões, né? Então...Eu acredito que a gente faz uma proposta de trabalho. Toda seleção que eu faço, eu apresento a proposta de trabalho do Progen e sempre pergunto: “Cê quer participar dessa proposta?”, né? Então acho que há uma seleção dos dois lados, eu acredito muito nisso. Cê entendeu? Há uma escolha dessa instituição, mas também há uma escolha desse profissional que resolveu participar dessa proposta pedagógica, né? Que é diferente, é, né? E isso vai ser cobrado dele, construído com ele, não é só uma cobrança, mas também uma construção com ele dessa forma diferente, que eu não acho diferente...é...de trabalho, né? E que exige estudo, e que exige busca...

J- Envolvimento...

I- Envolvimento! E que exige leitura, e que exige sentar em equipe, ouvir o que o outro pensa, sentar com essa criança, ouvir o que essa criança pensa, assim, então é isso que eu tenho que, na seleção perceber, se esse profissional vai ter condições de fazer, de participar, desse processo. Cê entendeu? São cuidados, né? E também o que esse profissional tá buscando pra vida dele, né? Porque eu sei que ele vai ficar aqui um tempo e nesse tempo que ele vai ficar, de que forma ele vai contribuir pra que esse projeto seja melhor, né? Então assim, eu procuro deixar a relação de trabalho, eu falo salário, eu falo as horas, cê entendeu? Mas assim, mas eu procuro deixar bem mais claro a proposta pedagógica. E o salário, e as condições de trabalho é um complemento dessa proposta. Então, ele tem que escolher tá aqui também, né? E se durante esse percurso a gente perceber que não conseguiu fazer esse caminho, que não conseguiu fazer essas trajetórias, aí a gente vai sentar e conversar, e construir isso junto, né? Mas também a gente dá um tempo pra isso, né? Se isso não foi correspondido, olha: “Tchau,

obrigado, você é ótimo, a gente adora você, só que nesse momento a gente tá precisando de um outro tipo de profissional”. Então eu falo, eu não mandei ninguém embora, simplesmente, as pessoas não conseguiram incorporar...

J- A proposta do Progen.

I- A proposta do Progen, que não é do Progen, né? Que é do usuário que vem...

J- É, eu digo Progen quanto aos envolvidos...

I- Enquanto instituição, sim. cê entendeu? Então é isso, então não...há uma seleção também das pessoas, né? Porque o recurso não é muito, o salário não é grande, então assim, dá também uma...E o quanto a gente vai precisar disso durante o percurso, essa disponibilidade interna de cada um, porque a gente passa por situações aqui muito delicada, muito delicada. E se você não tiver a clareza da proposta pedagógica, você desiste, né? E no entanto não, né? Então esse embasamento teórico, esse...essa militância, concepção de mundo que essa pessoa tem, isso é extremamente importante, às vezes você faz uma seleção belíssima e na hora que o profissional cai no dia-a-dia, você vai vendo alguns pontos que precisam ser melhorados e vamos sinalizando, né? Se isso não fazer a diferença...mas é...

J- Como é a relação da comunidade com o Projeto, no que diz respeito à aceitação, ou rejeição e co-participação?

I- Tá. É, é importante dizer que o Progen nasce de um pedido dessa...de uma criança dessa comunidade, então assim, ele não chega e se impõe. Uma criança bate na porta de uma casa de uma irmã salesiana, e pede pão, e começa uma relação dessa conversa, então há um pedido, né? Acho que houve uma interpretação muito (enfática) boa dessa irmã salesiana de entender o que que aquele menino tava pedindo, porque na verdade ele não tinha fome de comida não, ele tinha fome de cidadania, né? Então assim, então o Progen não chega. Não é uma irmã boazinha que faz uma instituição, é um menino, então isso já muda a relação do Progen com essa comunidade, então ele nasce de um pedido de uma criança, né? Então a relação, ela sempre foi muito...muito próxima, né? (Risos) Se o portão ficasse aberto, seria o lugar onde essa comunidade entraria e ela se apropria muito desse espaço, né? O Progen sempre teve uma relação muito intensa com essa comunidade, vive cada momento, vive cada coisa, vive cada luta. Então acho que é uma relação de muita confiança, né? Essa comunidade confia muito no Progen, tem uma expectativa muito grande, porque eu acredito que o Progen cuida daquilo que essa comunidade tem de mais precioso, que é sua criança, é seu jovem, né?

Então, já que nós cuidamo de uma coisa que é muito preciosa pra essa comunidade, é preciosa ao longo da história da vida dessa comunidade, então acredito que a gente tem um...um lugar de muita importância, por quê? Porque o Progen é...essa concepção de trabalho que o Progen tem, aonde a gente pensa junto a proposta, nos aproxima muito também dessa comunidade, né? Nós não julga, e se a gente faz isso, a gente faz com muito cuidado e constrói isso com a criança e com essa comunidade também. Nós não somos pixados, né? Você pode ver, a gente tem um respeito. Essa comunidade tem um respeito com o Progen, que dos espaços que tem aqui, eu acho que é um dos lugares mais respeitados por essa comunidade.

J- É, vários lugares, vários imóveis daqui são pixados, daqui do bairro...

I- São. Escolas, igreja. A igreja já foi roubada duas vezes e nós conseguimos nos manter...cê entendeu? Eu acho que é essa relação, acho que é essa proposta sócio-educativa, sócio-pedagógica, a gente tem de tá muito próxima dessa comunidade, dessa comunidade também poder entrar. A nossa descrição, a nossa postura ética perante as coisas que acontecem aqui, né? Isso também eu acho que é de uma extrema importância, a gente discute muito isso enquanto equipe de trabalho, aqui tem que ser um lugar onde as pessoas possam falar sobre as coisas e que não vai sair daqui, cê enten...Principalmente aquilo que é muito particular, e aquilo que é muito confidencial. Então assim, essa relação ela se mantém ao longo de vinte e um anos e eu acredito que ela nunca foi quebrada, né? Assim, então existe mesmo essa relação de acolhimento, de ser um espaço de escuta, de questionamento, a gente também se posiciona, isso...a...a questão da gente ser, da gente ter ética, não significa que nós concordamos com as coisas que às vezes, que acontece aqui, e a gente se posiciona, e essa comunidade sabe disso, né? Então é, eu acho que...e é...são posições que não contraditórias e elas vêm de reflexão, né? E não só de reflexão técnica. Quando a coisa é muito séria, sentamo todo mundo: criança, adolescente, família e vamos discutir isso, assim. Bancar isso é uma coisa, cê tem que ter postura ética, né? Então o Progen não perde princípios, o menino que bate na porta, ele é ouvido, ele é respeitado, né? Então acho que isso reflete nessa comunidade. E a gente tá em todos os movimentos. Nesse momento essa comunidade tá querendo revitalizar o Centro Social. Tamo lá, nós, ajudando, vamo fazer atividade no Centro Social em julho, é um lugar ocupado pelo tráfico que a gente quer mudar isso, só que não fazemos essas coisas sozinho, a gente se articula com os outros, porque é um espaço também que pode ser educativo e que essa comunidade pode usar. E pra toda vez que tem que articular uma coisa, acho que nós somos os primeiros a ser convidados, por quê? A nossa relação com a comunidade é muito aberta, é muito, né? E que abre a porta pra alguns equipamentos, pra

algumas coisas aqui sim. Isso é muito claro, né? Então, eu acho que a gente mantém essa relação com a comunidade com ética, com democracia, com cidadania, com respeito, com posição, né? A gente já teve momentos de enfrentamento sim. Ou a gente tinha ou a coisa, né? Então a gente...eu acho que é essa relação, com muita clareza. Sempre com muita clareza. A gente não se esconde, a gente não tem o que esconder, é um respeito mútuo, cê entendeu?

J- O Centro Social que você mencionou é o Centro de Atenção Psicossocial?

I- Não, não, não. É O Centro Social mesmo. Que nem esse Centro aqui, Associação de Moradores, é um espaço, é um espaço que tem aqui em cima, que a gente tá tentando revitalizar há um tempo, a gente sempre tem a ação de tentar revitalizar e a gente...porque ali a...a disputa pelo espaço é muito grande, né? E a disputa pelo...ele tá numa praça, numa praça onde fazer o tráfico é, é viável, cê entendeu? Então assim, é difícil é...revitalizar esse lugar, fora as questões assim, por várias questões assim, por várias questões...Mas é o espaço onde nasceu a escola de samba do bairro, aonde os instrumentos estavam guardados, é onde essa comunidade ensaiava, então assim, tem uma história também, porque isso...a revitalização desse lugar também, pra que a escola de samba volte a ter uma participação maior na vida dessa comunidade que tinha, que foi extremamente importante pra história dessa comunidade, né? Então, a gente precisa somar e todo mundo ir junto, assim...Aí eu acho que dessa vez a coisa tá caminhando pra que...pra que aconteça. A gente tinha um espaço que é um espaço hoje da cooperativa, que é um grande galpão e que e a gente fez isso, e que a gente conseguiu, e virou uma cooperativa hoje, né? Então assim, é uma comunidade sensível, é uma comunidade que...Mas esse espaço em especial, (bem baixinho) tráfico...

J- Será uma das minhas próximas questões.

I- Cê entendeu? É a porta de entrada onde circula, é muito próxima à John Boyd esse espaço, então facilita o tráfico. É um lugar mais difícil da gente fazer alguma coisa, mas isso não compromete a nossa ação, né? Porque a gente tem sempre como prioridade esse...essa ampliação do nosso atendimento. A gente não atende todas as crianças dessa comunidade, mas atendemos toda essa comunidade, por isso que é muito importante o Progen tá articulado com a comunidade. Porque senão, o Progen passa a ser um oásis, a criança sai daqui morre afogada no primeiro...sabe uma ilha? Então, tá articulado com a comunidade é possibilitar que outros lugares possam tá com essa mesma proposta, com esse mesmo olhar pra essa criança e adolescente que entra dentro da nossa instituição, né? Então, essa relação é fundamental na educação não-formal porque não é todo mundo que entra dentro desse espaço, e mesmo se

fosse entrar, nós não teria perna pra atender. Então a articulação com a comunidade vai possibilitar que outros lugares possam saber e possam entender essa proposta e respeitar e aí...sabe aquela coisa da formiguinha que você vai contaminando outras pessoas? Eu acredito muito nesse trabalho, assim, né? E a gente percebe o quanto nós facilitamos a vida dessas crianças fazendo essa articulação, né? Ele começa a ter um espaço na comunidade, por isso que ele vai...ele vai fazer esporte na Praça dos Trabalhadores, né? A gente podia dar esporte aqui, né? Mas não, a gente quer que ele aprenda esse caminho, a gente quer que ele reconheça o espaço onde ele mora, a gente quer que ele reconheça a comunidade que ele tem, né? E que ele faz parte dessa comunidade, e que o Progen não é o único lugar que ele frequenta, né? E nem pode ser, cê entendeu?

J- Como foi a construção de uma relação do projeto com as escolas da região?

I- (Silêncio) Silêncio! (Risos). Bom, olha: quando você fala de um espaço...É...A educação não-formal no Progen, ela é uma coisa muito presente. A criança tem autonomia, ela fala o que ela pensa, a gente constrói coisas junto, né? Eles falam muito do Progen na escola, né? E a gente sabe disso, porque a gente possibilita um espaço. O histórico de vida deles, realmente, era para eles serem pessoas extremamente difícil, né? Eles não são difícil porque eles querem, eles têm um meio que não colabora pra que eles sejam diferente. Então, isso a educação não-formal tem muito a dar. Como ela sabe que é o meio, ela trabalha o meio e trabalha a criança, né? A escola só olha a criança, né? Não quer saber se tem uma família, qual a história dessa criança nessa comunidade e tudo isso. Então, essa relação ela é longa e é próxima quando interessa pra escola, né? Ela é distante e próxima. Só que agora, com o Projeto da Arcor, com o Instituto C&A e FEAC, essa relação tá ficando próxima e tá sendo construída, né? Mas é uma relação que vai demorar muito tempo pra ter uma...uma sintonia legal. Eu acho que há um princípio de uma paquera. Olha, não é nem um namoro que tá acontecendo ainda...

J- É um processo lento, né? De construção...

I- Lento, de construção. E por quê? Porque eu entendo que, eu não nego a importância da escola, né? Eu acho ela extremamente importante na vida das crianças e num sei fazer um trabalho sem olhar pra aquele espaço, tá? Assim, a gente, essa...existe essa proximidade, a gente pode ir dentro daquele espaço, mas ainda a gente não pode interferir nele, ainda a gente não pode mudar ele, que é um grande desejo. E há uma grande possibilidade de mudança, né? Aquele espaço vai ter que mudar, né? E se não mudar, a tendência é as crianças não ficarem nele, mesmo que ele não repita mais de ano, né? Porque é um abismo muito grande da

realidade da criança pra proposta educativa. Então, o que eu poderia dizer pra você, é assim: que o Projeto Arcor tá possibilitando que eles também conheçam a gente, e que perceba que a gente não tá aqui pra trabalhar com que eles têm de pior. E nem é esse o critério que a gente estabelece pra uma criança daqui. Mas o que a gente trabalha é com o potencial que cada criança tem. E essa criança vai na escola, e essa criança vai no clube e essa criança...Por que que ele não pode ser diferente dentro desse espaço? Agora, pra ser diferente os espaços têm que mudar. Eu não sei se elas querem fazer essa discussão com a gente, e isso torna elas muito distante da gente, cê entendeu? Por quê? Porque se uma criança tiver alguma dificuldade, vir pedir ajuda, a gente vai sentar e conversar. Cê sabe que a escola até tem nos ouvido, né? Mas o olhar que nós levamos é com-ple-ta-men-te diferente. Então você tem que ter muita calma. Sabe a postura ética? Mantê-la! E ouvir às vezes, barbaridade de criança que você olha com outro olhar, isso às vezes distancia a gente, né? São essas questões, é...muito pontuais que distancia às vezes o Progen da escola, assim. A forma como ele olha, a forma como ele age com uma criança, né? E quando...toda a vez que a gente vai sentar pra conversar e a gente traz um outro olhar pra essa criança, a gente leva um contexto familiar, o contexto de vida, você ouve coisas assim: “Nossa, eu não sabia!” Então assim, eu só consigo fazer isso hoje com trezentas. Cada escola na nossa região tem 1000 alunos. Nós temos 7000 mil aluno dentro da escola. Nós só conseguimos refletir a vida de 300. Nós temos 6700 sendo tratado como? E como é que pode, a educação não-formal, eu olhar só pros 300 que eu atendo? Isso me incomoda muito, né? Então essa distância nos incomoda, né? E a gente fica feliz de saber hoje que há uma disponibilidade de quererem conversar sobre os nossos 300. Mas há uma, enquanto equipe...E os...e os 6300, 700, que estão dentro dessa sala.

J- Que são dessa comunidade?

I- Que são dessa comunidade, que o Progen tem uma relação. Então a distância tá nisso, assim. Como é que a gente vai ajudar que esses 6700 também sejam ouvidos, que também seja ouvida a história de vidas deles, cê entendeu? Se você falar pra mim qual é a distância hoje, é essa, por quê? Porque nós tamo inserido nessa comunidade. Eu não atendo só 300, né? O Progen não atende só 300 porque as ações dele, apesar de ser focada pra esses 300, mas nós se relacionamos com essa comunidade. Essa comunidade que respeita, que acredita no nosso trabalho, que quer que nós tenhamos postura perante algumas coisas, né? Aí às vezes tá a distância, cê entendeu? No olhar que nós fazemos pra um projeto maior, que não é simplesmente os 300 que entram dentro dessa instituição, né? Viu, tá dando pra responder?

J- Dá! Tá perfeito! Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo Progen? O que está sendo feito para superá-las? Bom, já começou a respondê-la anteriormente, né?

I- É, então, a gente tá...no caso da escola: pensando em fazer projetos juntos, né? O Projeto da Arcor é muito isso, nós vamos ter um jornal que vai circular pra cinco mil famílias, né? E que vai ser construído não só pelo jovem que vem no Progen, mas pro jovem que estão nessas cinco escolas da região. Quer dizer, já entramos dentro, já tamos...E também nós vamos fazer apresentação artística a cada 2 meses, com todas as escolas participando. Então também, né? Então assim, isso vai nos aproximar e vai colocar o Progen num lugar privilegiado pra gente começar a pensar nesses 6000 e pouco que tão lá dentro, que não é só os nossos. Então isso é muito legal, assim, é pra gente é muito importante assim, é um passo muito importante dentro dessa comunidade. É um projeto muito grande, é um projeto que tem que ser visto com muito carinho e a gente tem um respeito muito grande pelo espaço da escola, por quê? Porque a gente sabe que historicamente, ele não tá assim às vezes por causa das pessoas que estão lá dentro. Ele tá assim porque a história fez assim com ele, né? Então assim, então é...eu tenho muito cuidado quando eu falo em escola, eu tenho muito respeito pelo espaço da escola. E a gente trabalha muito isso com as crianças do Progen, assim...O quanto esse espaço tem que ser respeitado, o quanto esse espaço é sagrado. Porque é esse espaço que dá o saber, que dá a leitura, que dá a escrita, que vai poder fazer com que esse menino tenha um trabalho, construa e mantenha uma família. Esse espaço ainda não tem essa dimensão da importância dele na vida dessa criança, então a gente tem muito respeito, a gente lida com isso. As crianças chegam aqui às vezes, brava, e no entanto, a gente tem todo um...a gente retoma todo um contexto com ela, explica pra ela porque que esse espaço é assim, né? Porque a gente não quer que ele odeie. A gente quer que ele goste muito de lá, que ele respeite aquele lugar, né? E ele só vai mudar aquele lugar se ele tiver dentro dele. Fora, ele não vai mudar. A gente fala isso muito pros jovens, quando eles estão querendo desistir: “Fique e faça a mudança. Fora, você não vai conseguir Então, tenha a paciência, que às vezes a gente não muda pra nós, mas se a gente puder mudar, né? Pros outros; já é uma grande coisa!” Então é isso em relação à escola. Em relação ao tráfico que é uma questão muito...muito próxima também, e que hoje eu num...a gente não sente tanto, que é uma coisa...é uma relação que eu acho que a gente já construiu, não que a gente aceite, mas eu acredito que hoje ele não tem uma ascensão tão forte. O tráfico...que é uma situação também muito delicada, mas que há uma construção do Progen ao longo de vinte e um anos e uma posição do Progen em relação a isso, assim. Eu não acredito que aqui...Isso é importante que é uma questão muito particular. Não existe na Castelo Branco o traficante que é rico, cê entendeu? Que anda de carro do ano, que tem a casa

mais bonita, que é, que é um pouco daquele tráfico que a gente vê no Rio, né? Que é uma coisa mais complicada. Existe aqui é um cidadão que se vicia e que pra manter seu vício, vende. Mas não conheço ninguém ao longo de dezesseis anos que ficou rico, ou que tem um poder muito grande de ser manter, assim...Essa clareza não é...por quê? A impressão que eu tenho, quem faz o tráfico daqui não mora aqui. Quem tá enriquecendo num tá aqui na periferia. Tá na periferia quem tá morrendo, quem reproduz uma violência que nem percebe que é usado pelas outras pessoas, né? Fazer esse olhar ajudou muito o Progen a entender e ajudou muito o Progen a ser o que ele é, por quê? Porque hoje eu tenho aqui filho de pai que faz isso. Eu tenho uma geração que foi contaminada no começo dos anos 90, que é o auge da...da...da contaminação do vírus HIV, e que hoje os filhos deles estão aqui e essas crianças estão perdendo esses pais, que usaram droga junto e que cada ano você vê um indo embora, assim...Eu não vi pessoa ficar rica, né? Eu vi pessoas morrerem aqui por causa disso e tô muito feliz porque faz três anos que não morre jovem na faixa dos 15 a 18 anos, porque era uma coisa que a gente presenciava às vezes aqui trabalhando, alguém matando aqui na praça, aqui na frente, assim...E às vezes o menino era um menino que foi do Progen. E faz três anos que isso não acontece, né? Então eu percebo assim, olha: Quem faz o tráfico? Quem é o traficante? Não posso nem dizer pra você. Isso não pode sair no TCC, cê entendeu? Então assim, olhar isso e entender isso, olha...fez o Progen se posicionar em relação a algumas coisas. A gente teve uma época muito difícil, a gente já teve época muito, muito difícil, de ter que segurar portão pro cara não entrar e não pegar o menino aqui dentro e você ter que bancar essa discussão com a pessoa. Hoje, olha, vai fazer 3 anos que eu não vejo isso, vai fazer 3 anos que eu não vou em cemitério pra enterrar menino que morreu porque resolveu vender, ficou viciado, resolveu vender e consumia mais que vendia e era morto por causa disso, né? Então assim...então eu acho que também você vai identificando quem realmente é o traficante e eu acredito...A gente começou há três anos atrás a atender, abriu a porta pro adolescente, o adolescente que o Progen tinha era um adolescente que tinha crescido dentro do Progen. Há três anos que não! O Progen...qualquer adolescente, se tiver vaga, se ele quiser entrar na instituição, ele entra, cê entendeu? E que de primeiro é...tava adolescente no Progen, o adolescente que cresceu aqui, então cê imagina que adolescente que era, né? Era maravilhoso, perfeito, né? Porque ele vinha de uma proposta educativa desde os 7 anos, chegava com 14 anos no Progen. Agora não, a gente há 3 anos atrás, nós abrimos o portão do Progen pra todo...né? A gente começou um Programa, que é o Programa Agente Jovem. Nós num tinha a quantidade de adolescente que tinha, que também foi a proposta do Centro de Memória, foi o trabalho que a gente fez e nós abrimos. Essa abertura eu não imaginava que ia causar um

impacto tão grande, né? Hoje eu tenho 150 adolescentes no Progen. 90% da comunidade que não foi menino que cresceu no Progen. Só 10% foi o que cresceu no Progen. Isso mudou nós, mudou a equipe, mudou a instituição, esse movimento...Porque o menino que num cresceu dentro da proposta educativa nossa, ele requer que a gente faça um trabalho num período de dois anos, que é o máximo que eles vão ficar aqui pra gente poder fazer um trabalho que é quase de sete, oito anos, cê entendeu? A gente tem que ganhar esse tempo com ele, em dois anos fazer uma transformação que seria de seis anos. Primeiro, ele tem que tá disponível e é uma graça quando eles estão disponível, assim é...o que me encanta nos adolescentes assim...A gente senta, a gente conversa, a gente tem altas discussões, altos papos, se fala sobre droga, se fala sobre uso, tem um grupo aqui que assumiu perante um grupo: “Olha, eu uso, eu to usando”. E assim, é a gente montar uma rede, montar uma rede mesmo, pra que esse menino possa dar uma passo na vida dele, né? E com isso o que que a gente ganha? A vida desses meninos, né? Cê entendeu? A vida deles, assim. Porque muitos meninos que estão aqui, se não tivessem aqui dentro, estariam envolvidos com esse tráfico mais pesado, assim...Não que ele seja traficante, mas como ele é um usuário. Então assim, esse, essa abertura do Progen possibilitou que diminuísse. Porque imagina 150 menino que a escola já taxa como o que ela tem de pior, circula nessa comunidade. Lógico! Onde tá a porta aberta? É lógico que é o...o tráfico?

J- Onde está mais fácil, né? Aqui eles sentem acolhidos, eles sabem que eles não vão ser julgados por assumir, falar “Eu uso droga!”

I- De jeito nenhum, de jeito não, de jeito nenhum, de jeito nenhum...E assim, o quanto a gente trabalha com nós internamente pra que a gente possa segurar e bancar isso com eles, assim...Que eles possam chegar num grupo e dizer o que pensam, o que eles tão sentindo e que a gente monta a rede mesmo, olha: hoje a gente tem uma equipe no Progen pra fazer isso, pra ajudar. Apareceu uma emergência, nós monta uma rede de...não é, não de proteção não, é de dar condição desse menino poder perceber que essa não é a escolha e que abra o leque de opção dele. É isso que nós fazemos, nós abrimos o leque de opção dele. Se o tráfico é uma das opções, ele vai ter outras opções, cê entendeu? É isso que nós fazemos, nós fazemos isso com a vida dele. Ele só tava olhando um foco, a gente faz isso. E faz isso com um tempo, e com uma competência! Se a proposta...que a proposta socioeducativa que garante, cê entendeu? Porque senão, nós não conseguiria. Não é lugar que julga, a gente vai construindo coisa. Cê imagina, chegar num lugar e construir regras. Eles riam na nossa cara (risos) no começo do ano: “Como, num tá pronto?” A gente falou: “Não, nós vamos conviver nesse espaço, então

como é que vai ser?” Isso é novo, cê entendeu? Isso é muito novo pra esses meninos. Gente, eu não imaginava que era tão novo uma coisa que eu acho que é tão comum num país que fala de democracia, num país que tem um Estatuto da Criança e do Adolescente há dezesseis anos, assim...Esses meninos nasceram com o direito deles garantido por lei. Cê entendeu? E no entanto, ele não tem. Falar em cidadania, falar que eles têm direito, e a gente tem uma preocupação por ser jovem...do lado de todo direito tem um dever, então qual é o seu dever e qual é o seu direito? Qual é o seu direito? Qual é o seu dever, né? Eu acho isso..esse...essa...muito legal, é muito bom trabalhar com esses meninos. E as perguntas que eles fazem, eles chegavam e não beijavam a gente no rosto, eles viam as crianças fazer, eles não fazem, hoje não, eles chegam, a gente abraça, eles abraçam eles, a gente também traz esse lado afetivo, se não tá bem, cê olha na cara e você sabe que não tá bem, aí o educador vai perguntar. Isso fez a gente trazer muito menino pra nós e esse menino hoje não tá indo pro tráfico. Ainda bem que o tráfico não percebeu isso ainda. O dia que perceber, provavelmente, nós vai ter uma grande questão, cê entendeu? Mas, a gente tá conseguindo seduzí-los, e eles vêm. Eu acho lindo. É...essa coisa de recebê-los, deles terem almoço, deles terem um lanche, deles terem um espaço deles, isso têm contribuindo tanto, né? Então é isso, a forma de acolhimento, né? Então isso é...distanciou esses meninos do tráfico ao longo desses três anos e eu acho que o Progen é o grande responsável por isso sim. Eu sempre digo, Jú, que até hoje isso deu certo, né? Eu também não crio uma expectativa profissional muito grande não...Porque lembra quando a gente falou da proposta de...socioeducativa, que você trabalha com uma comunidade, que ela tem um movimento? O que a gente tá conseguindo, é tá nesse movimento junto, cê entendeu? Mas, a qualquer momento ou qualquer situação, pode romper isso. É a gente trabalhar sempre com muito cuidado, e nunca perder a visão do todo, cê entendeu?

J- Fazer um trabalho com firmeza, porém com flexibilidade, né?

I- Sem dúvida. Sem dúvida. É esse cuidado o tempo inteiro assim...né? Isso dá garantia, dá respeito, mas como você trabalha com a comunidade diretamente, que é todo o trabalho nosso do Progen, se acontecer alguma coisa com essa comunidade, vai refletir direto no Progen. Então, o Progen tem que tá muito atento a esse movimento, cê entendeu? E fazer esse movimento junto, né? Nem ele pode ser, nem também...né? Então, vamo lá. Até hoje isso deu certo, mas se precisar mudar hoje à tarde, todo mundo tem que tá preparado pra mudar, cê entendeu? Então assim, isso ajuda muito assim...então essa relação, eu acho...Então a gente vem buscando, até hoje; tá dando certo. Tudo bem?

J- E qual o papel das oficinas que enfocam a arte nesse Projeto? Em especial, a oficina de música?

I- É es-sen-cial! Porque é onde eles se identificam. Na comunidade onde essas crianças tão inserida, a arte, ela tem ao longo desses trinta anos da Vila Castelo Branco, uma importância fundamental, fundamental. Eles têm Escola de Samba, eles têm poeta, eles têm cantora. Eu nunca vi uma comunidade tão...né? Então a música, o circo – que é um espaço que eles também gostam muito, né? É fundamental na relação de acolhimento, de contar a história dessa comunidade, de trazer a história dos ritmos dessa comunidade, dos ritmos da história do nosso país. Olha bem, eu tô numa comunidade onde quase 70% dela é afro-descendente, né? Ou eu respeito essa cultura e valorizo ela aqui, e eu acho que o espaço da valorização é a música, né? Porque é onde esse menino vai se reconhecer enquanto negro, enquanto cultura do negro e a influência dessa cultura na história de vida do povo brasileiro, que ele não aprende isso na escola, cê entendeu? Então nós vamos poder fazer isso aqui de uma outra forma, e de que forma nós vamos fazer isso? Através da música. Porque a colaboração do negro na música desse país é fundamental e essencial pra projeção cultural que esse país tem fora do...no mundo hoje, né? Então como é que se faz isso dentro desse espaço, na valorização da cultura que ele pertence, né? Eu falo que os nossos meninos ficam até mais bonitos depois que entram aqui. Quem trabalha tanto com essa valorização, esse resgate, eu não falo resgate...Então é fundamental a música, é fundamental, é fundamental pra que essa criança se perceba cidadão, se sinta parte desse país, dessa cultura e que ele colaborou também pra esse país maravilhoso que a gente tem, né? É a música que vai fazer isso, é o teatro, é a dança, não é sentado e contando a história do negro no país, que você pode ter certeza que vai entra por um ouvido e sair pelo outro, né? Mas na hora que, na hora que eu vejo eles tocarem, eu fico muito emocionada, porque eu imagino assim: o quanto...cê entendeu? O...o orgulho, eu faço parte disso, essa cultura foi meus ancestrais que trouxeram, então nesse sentido...

J- É importante não só o reconhecimento, saber que faz parte, mas aprender a valorizar, porque talvez essa cultura que eles têm não é a que tá na mídia, não é a tida como mais bonita...

I- Não, não é, não é a vendida e depois tem uma coisa: essa cultura foi a grande transformação desse povo dentro desse país, né? Algumas músicas são revolucionárias, alguns batuques é o que fez a mudança, é o que fazia esse povo se comunicar dentro de uma cultura que esse povo não poderia se comunicar e ele foi criando métodos e formas de fazer, cê entendeu? Eu achei

muito engraçado essa semana que começou capoeira, e aí, um dos meninos, ele foi apresentado na roda, porque eles que escolhem o que eles querem fazer, e aí o moço falou da capoeira, da história da capoeira, aí o menino virou e falou assim: “Mas como é que eu faço pra ter o gingado, né? Do capo...do capoeirista?” Ele virou e falou: “Você já tem esse gingado, anda pra mim ver!”. Aí ele foi andar e falou: “Ta aí”. Gente, mas diz que isso...Então a gente tem, tem, tá em você.

J- Só precisa perceber e descobrir.

I- Só precisa perceber e descobrir. A menina, a...a pedagoga que tava na roda falou: “Izabel, foi lindo! Foi lindo porque ele falou pro menino que tá nele e que o papel dele enquanto educador era trazer isso à tona, mas tava dentro dele, né? Então é essa forma que eu acredito que a gente tem que fazer música, é essa forma que a gente tem que fazer dança. Nós não tamo inventando nada, né? Então assim, foi maravilhoso. É...e a educadora contando né, diz que a hora que ele andou, o cara falou: “Tá em você!”. É isso, a gente só vai aprimorar um pouco isso, mas cê já tem. Adivinha quanto foi pra oficina? Quinze! Mas uma fala faz uma grande diferença, né? Tá em você, você sabe fazer! Gente...é o que nós vive falando pra eles: “Você vai dar conta!” “Você acredita? Eu acredito! Vai, você pode!” É isso que eles precisam ouvir, que tá realmente dentro deles, realmente eles podem, né? Eu acho que é essa sementinha, eu...a gente brinca e fala pra eles que a gente joga uma semente, é ele que vai dizer o tempo dela germinar, não somos nós, quer dizer, o respeito é tão grande, cê entendeu? É você que vai dizer o tempo que você quer que isso faça diferença na tua vida, não é nós, nós somos semeadores e também temo canteiro, né? Porque olha, se eu falar pra você quantas sementes brotaram em mim a partir dessa relação de troca...Somos todos semeadores, né? E cada um vai dizer o tempo dessa semente brotar. Às vezes, o...o lugar onde ela caiu, o terreno não tá bom, não é? Mas a semente tá lá, né? Aí é o trabalho, você ajudar esse terreno que não tá bom, cê entendeu? E trazer outros semeadores pra ajudar a melhorar essa terra, a melhorar essa vida, porque senão não brota mesmo. A história de vida que passa pelas nossas mãos, não dá, cê entendeu? O menino precisa até ser daquele jeito pra ele poder se manter vivo, porque senão ele não vive, né? Mas tá lá, a semente tá lá, tendo a certeza disso, Juliana, e o tem...e ela brota, e ela é...e esse menino transforma a vida dele. Porque se a gente for pegar a história de vida e onde essas crianças tão hoje, a capacidade que eles têm, vou falar pra você, hem? Olha, esses meninos têm muito potencial. Então cabe à música, à dança, ao teatro a, a trabalhar essas...são formas diferentes de trabalhar, cê entendeu? A educação não-formal, ela tem um espaço muito aberto pra essas formas diferente de se trabalhar, então a música é essencial

é...pro resgate cultural, não gosto dessa palavra resgatar, mas pra cultura, pro reconhecimento daquela criança naquela cultura, né? E pra essa comunidade também. Nós temos uma Escola de Samba há trinta anos nessa comunidade. Não fui eu que inventei a música aqui. Menino chega no Progen já sabendo tocar, cê entendeu?

J- Eu percebi isso nas oficinas de música e fiquei maravilhada assim...

I- Cê tá entendendo? Às vezes eu falo: “Põe um batuque na mão duma criança, ele sabe, porque isso faz parte da cultura dessa comunidade”, cê tá entendendo? É a identificação dessa comunidade, a questão cultural aqui é fortíssima, fortíssima. Quem tá escrevendo no jornal hoje é uma poeta que nós descobrimos, uma avó de uma criança nossa que tinha um caderninho e várias poesias.

J- É a Dona Geni?

I- Não, não é a Dona Geni não, é uma outra avó. A Dona Geni também, a gente vai fazer sarau com a Dona Geni, por isso que...uma das atividades do Centro, da Associação, que a gente vai querer, é fazer sarau com a Dona Geni, ela mora perto, é um lugar perto da casa dela. Mas nós vamos...a música tá muito próxima. Eles chegam tocando e onde que eles aprenderam? Com os pais, com os avós, com os vizinhos, com os amigos, cê entendeu? Então assim, então isso pertence à essa comunidade e como nós tamo muito próximo e a gente...lembra aquela coisa, nós tamo nessa roda? Nós fazemos a roda junto com essa comunidade. Então aqui eles têm. Mas chega...Ontem entrou três na oficina do Flávio à tarde. Três adolescentes. Gente, eles tavam tocando no final. Então é...é isso, então assim, né? Tem que ter essa preocupação, que não é só tocar. Por quê? Qual é a cultura? Qual é esse som? Qual a história desse som, né? Eu acho que por trás da ação tem que vir toda um embasamento, cê entendeu?

J- Este bairro também abriga iniciativas culturais como a Casa de Cultura Tainã e a Escola de Samba Rosas de Prata, que de certa forma procuram evocar e manter a memória cultural e histórica dessa comunidade. Você acredita que o Progen precisa estreitar as relações com essas instituições e por quê?

I- Eu acredito que sim, porque dentro desse movimento da...da...de participar dessa própria comunidade, cê entendeu. Assim, a...a Escola, ela é fundamental. por muitos carnavais que eu vi, né? Dezesseis anos aqui cê já viu de tudo um pouco, era história. O samba enredo, a gente trabalhava o samba-enredo aqui do Progen, da Escola de Samba, né? Era tema de roda o

samba enredo da Escola. E muito samba enredo era a história dessa comunidade. Das coisas que ela acreditava, né? E a Casa de Cultura Tainã e a Rosa -que é a escola- elas são fundamental. O que a gente precisa é...fazer, o Progen principalmente com a Casa de Cultura Tainã, a gente precisa pensar numa proposta socioeducativa que seja mais...não o Progen, mas a Tainã, da educação não-formal. Que hoje, no meu ponto de vista, é...tá um pouco distante daquilo que eu acredito que ela poderia tá fazendo. Isso é uma posição extremamente pessoal, cê entendeu? E aí, todo um cuidado da gente se envolver, né? Porque a gente tem que se envolver, mas não pode perder algumas coisas que são nossas, né? Então esse espaço ele tem que ser revisto, porque é um espaço educativo, e educação não se faz (estala os dedos) no momento, tem que ser uma coisa pensada e planejada e construída com o outro, né? Então assim, não é porque é um espaço de educação não-formal que ele é livre, aberto e as coisas não acontecem assim. Tem que ter compromisso, tem que ter princípios e tem que ter uma filosofia e tem que, né? E a Escola...a Escola de Samba, eu acho que a recuperação dessa Associação, desse espaço que a gente tá querendo, traz a força da Escola de novo, porque ela tava dentro desse espaço, né? Então eu acho que é por isso também um pouco que a gente quer fazer esse resgate. Eu fico imaginando, Jú, daqui uns anos, o Progen, a Escola e a Tainã fazendo um grande desfile. Que é até...sempre foi um sonho pessoal meu e que esse enredo fosse construído pela essas crianças, pelos nossos usuários, e por...e contando um pouco das lutas dessa comunidade, né? Eu acho que a gente chega a isso, cê entendeu?

J- Seria lindo!

I- Seria maravilhoso, mas é...são espaços como o Progen que nascem de um desejo muito grande dessa comunidade. Eu falo que a Castelo Branco, ela é privilegiada, né? Porque essa comunidade quis uma Escola de samba e tem. Essa comunidade quis uma Casa de Cultura e tem. Nada é imposto aqui, né? Tudo é essa comunidade que ajuda a pensar e que pede, né? Então é uma comunidade extremamente privilegiada, né?

J- A região tem também poetas como a Dona Geni, a poetisa, artistas plásticos como o Senhor Aluísio e músicos com conhecimento e trajetórias relevantes, como é o caso de grupos de samba. O Progen acha que esses talentos poderiam ser incorporados ao seu trabalho?

I- Sim, que eu acho que é um caminho que nós tamo tomando hoje, assim...O Seu Aluísio é um grande artista plástico, né? Além de ser um excelente músico, né? Assim, pensar em como ele pode tá aqui, contribuindo nessa instituição é extremamente importante, a gente precisa conversar com ele sobre isso. E a Dona Geni é a coisa da terceira idade viva, né? O quanto ela

também poderia participar do nosso grupo de terceira idade até pelo conhecimento dela. Mas a...pra você ter uma idéia, a gente tá pensando, esse espaço da Associação, da Vila Castelo Branco ser esse espaço de encontro, né? Porque a gente precisa ocupar esse espaço. O quanto essas pessoas precisam ser fundamentais nessa construção dessa idéia da gente poder fazer esse grande projeto. Mas a gente precisa sim, buscar uma forma de trazer a Dona Geni, de trazer o Seu Aluísio, apesar que toda vez que a gente fez alguma coisa e chamou, eles sempre tiveram disponível em relação ao...ao Progen. Mas o Progen precisa sim trazer essas pessoas não simplesmente por um momento de apresentação. Mas de que forma essas pessoas podem contribuir na proposta educativa dessa instituição, né? Porque eles fazem...o Seu Aluísio, uma atividade que ele fez com o pessoal do Centro de Memória, há três anos atrás, um dia ele falou pra mim: “Agora as crianças me reconhecem na rua, eles me chamam pelo nome”. O ano passado ele veio falar pras crianças, né? Um pouquinho da Escola da...da Escola de Samba, um pouquinho do carnaval, a gente pediu pra ele fazer um pouco o resgate. O ano retrasado, nós tivemos que fazer uma apresentação e a gente queria que tivesse um cenário. A gente pediu pra ele e ele fez o trabalho de artes plásticas pra gente numa atividade. Mas o que eu entendo da pergunta que você fez é assim: como é que a gente pode trazer essas pessoas mais presentes mesmo dentro da proposta socioeducativa.

J- Sim...não em atividades pontuais, mas...

I- Não, não em atividades pontuais, mas de, fazendo parte da proposta, sem dúvida. Eu acho de extrema importância pra...pra proposta educativa, e vai nos ajudar muito na...na parte de música, na parte mais cultural do Progen. É importante dizer, Jú, que a gente sempre teve, assim, a parte cultural, ela nunca foi uma parte muito forte no Progen. Por quê? Porque a gente sempre teve o reconhecimento da Casa de Cultura ser esse espaço, a Casa de Cultura Tainã, né? A gente nunca quis o Progen fazendo isso e olha que a gente resistiu a isso, nisso, ao longo de...de eu tá aqui há quinze anos. As crianças sempre foram pra Casa de Cultura fazer atividade que é um espaço que a gente reconhecia enquanto espaço cultural. Sempre houve um...um...sempre foi uma postura mesmo minha enquanto coordenação: “Não, nós temos que ir lá porque se a gente fazer aqui, a gente vai reproduzir, e a Geni tá lá dentro e seu Aluísio tá dentro da Casa de Cultura Tainã, né? O que fez a gente voltar e contratar um professor de música no Progen e incentivar um pouco isso, esse ano, foi que a Casa de Cultura não trabalha com 7 a...a 12 anos. Eles só querem, eles só trabalham com adolescente. E aí, não é nossa proposta educativa. A gente acha que quem faz cultura, faz pra qualquer idade, né? E outras questões que não cabem aqui, a trazer. Então assim, então esse investimento do

Progen esse ano em cultura foi...não que o Progen não reconheça mais a Tainã enquanto espaço cultural, porque a gente deixa isso muito claro pras crianças. Mas porque a gente quer que todas as crianças tenham acesso e não só um grupo específico, cê entendeu? E mesmo porque a postura que a Tainã tá tendo com os nossos jovens, a gente se retira – e deixamo isso muito claro pra eles, porque a gente não vai colocar esses adolescentes num lugar que não, às vezes, falta o respeito com eles, né? E aí, a gente não pode, né? E eles também não querem fazer essa discussão com a gente. Isso também pra mim, assim, é muito claro, né? Então a gente teve esse ano, não uma...não romper, viu Jú!? Porque a gente continua participando das coisas que acontecem lá. Se tem reunião lá, vai um representante do Progen lá, só que a proposta educativa nossa hoje, com a população que a gente tem, se a Tainã não mudar em alguns aspectos, fica difícil. E esses jovens podem ir na Tainã, né? Eles vêm no Progen e a gente incentiva eles irem lá na Tainã. O que não é mais possível bancar – e aí ei falo enquanto coordenadora do Progen – é dizer pra...ir lá o Progen enquanto instituição dentro daquele espaço, porque senão a gente vai se queimar, e aí, é a preservação da instituição. Eu sei que o que eu falei pra você é muito sério, mas eu também preciso preservar uma proposta educativa que a gente vem construindo, cê entendeu? E que não dá pra aceitar algumas atitudes que eles tão tendo com alguns jovens, não dá! E a gente não se posicionar a respeito, mas acredito e acho que o espaço de cultura dessa comunidade é a Casa de Cultura Tainã, cê entendeu?

J- Entendi.

I- O que o Progen tá fazendo é...trazer profissionais que vão fazer um trabalho, né? Mas o espaço de cultura é a Tainã, né? E essa posição nossa é técnica, né? É isso, depois eu explico pra você, porque nem tudo dá pra...

J- Quais as características e valores que você acredita que um educando poderia agregar após ter passado por aqui? Geralmente...no geral.

I- Olha, amor à vida. A gente...Eles chegam aqui muito...A gente...Quando eles chegam aqui, eles não sonham, eles passam a sonhar, isso pra mim é extremamente importante assim...Me incomoda quando...quando eles chegam assim...É uma das coisas que mais me incomodam quando chega assim...É achar que a vida, ela pode acabar hoje, e com o sonho, com a coisa de sonhar, eles percebem que a vida é maior, que é possível ser feliz, apesar de todas as dificuldades que é possível, que depende muito de você, é...eu acho que eles também aprendem isso, a sobreviver, apesar de às vezes não fazer, de ter muita (inaudível), mudança

na vida, eu acho que eles tão conseguindo. Uma coisa que eu achei lindo, esses dias eu recebi a visita de uma menina – que não é mais menina, e que eu não via há muitos anos e ela veio visitar uma pessoa e ela quis passar por aqui, né? Então...cê tá fazendo uma pergunta e eu vou te dar um exemplo, pode ser?

J- Pode ser.

I- E aí, ela...Aí a gente tava conversando, ela tá com dois filhos, ela num tá casada. Eu lembro que ela contava isso tudo pra mim rindo, né? Eu olhei pra cara dela e ela falou: “Izabel, olha, eu tô trabalhando de empregada doméstica, isso é uma coisa que me deixa muito triste falar pra você”. Eu falei: “Por quê?” Ela falou: “Porque a gente falava em tanta coisa, né? A gente construiu tanta coisa dentro dessa instituição e no entanto, eu sou empregada doméstica”. Eu falei: “Por que que você é empregada doméstica?”. “Porque eu tenho dois filhos pra cuidar e eu não consegui arrumar emprego”. “É isso, é isso, é isso que a gente queria, né? Tá com seus filhos, né? Ouvi isso você não sabe o quanto pra mim é importante. Foi isso que...sabe toda construção que a gente fez ao longo de sua vida? É pra que você entendesse isso, você é responsável por essas crianças e quando você viu que você não tinha outra forma de mantê-los com dignidade, você foi fazer aquilo que dá”. Menina, essa menina foi levantando, assim: “Eu busco eles na creche, eu levo, eu não troco aquelas crianças por nada”. E a mãe dela trocou. Eu falei: “Cê mudou tua história, percebe!? Você não abre mão dos teus filhos”. Porque aí eu tenho conhecimento da história de vida dela e eu percebo. “Cê tá achando que você tá de empregada pra mim isso é importante? Importante pra mim enquanto educadora que fui e vários outros passaram na tua vida, é saber que você tá cuidando dos seus filhos, cuidando com amor, com respeito, que você sabe que é responsabilidade tua. É isso que eu queria ouvir de você”. Ela: “É verdade?” Falei: “É! Fia, as outras coisas...cê vai voltar pra estudar”. Porque ela tava...ela veio pra pegar o boletim de escola e ela vai voltar a estudar porque ela não quer ser... “Cê tá sonhando ainda, deu pra você entender? Cê veio aqui pra buscar seu boletim de escola, porque cê vai fazer supletivo, porque cê tá percebendo que num...que você é capaz de mais! Nós sempre falamos pro cê que cê era capaz de mais. Só que às vezes a gente precisa fazer o que é possível, não é verdade? Por que que você tá trabalhando?”. “Eu preciso dar pros meus filhos alguma coisa, eu tenho minha casa pra olhar”. E ela já falou isso com mais orgulho, né? É isso! Deu pra você entender, assim? O que eles vão ser...mas que eles respeitem os filhos deles, que eles sejam felizes, que eles saibam fazer escolha, né? Por mais

que ela teve dois filhos, mãe solteira, ela está com essas crianças, que não era condição que ela teve, deu pra cê entender?

J- As condições da vida poderiam levá-la pra caminhos totalmente distintos, ela abrir mão dos filhos...

I- Isso mesmo, porque o histórico de vida dela levava a isso e ela não, cê entendeu? Por mais difícil que seja, ela tá procurando manter junto, e ela trabalha de empregada doméstica pra poder manter, né? E sonha ainda, ela sabe que ela pode mais. É isso. Então, se você falar pra mim porque, é isso, né? Pra que eles sejam felizes, pra que eles possam construir uma vida diferente, pra que percebam que a família que eles vão construir a partir deles pode e deve ser diferente, ele não tem que reproduzir a família dele em nada, que ele não precisa mudar a casa dele, que é muito difícil, que ele pode ele mudar. Menina, é tão lindo quando eles percebem isso, a vida fica mais fácil, né? Fica mais gostosa, eles ficam mais tranquilos, eles aprendem a lidar com aquele cotidiano da vida deles, né? E aí enquanto educadora, eu fico extremamente feliz assim...porque eu acho que é isso, nós não podemos exigir deles mais do que eles possam dar, tá entendendo? Porque aí, né? É ser hipócrita, é...e eu que quero, né? Eu falo que pra mim, aqui esses meninos precisam gostar. Porque cê chega num lugar que tem hora pra comer, hora pra brincar, hora...E ele vem, ele gosta, ele curte fazer isso...

J- Sem ser obrigado a vir...

I- Sem obrigado a vir, mas tá aqui todo dia, tem regra que é comum pra todo mundo e tem regra que às vezes é só minha porque eu sou mais bagunceiro, cê entendeu? E ele vem, ah menina...esse menino quer ser diferente, não quer não?

J- É, com certeza.

I- Eu falo isso pro educador, às vezes eu vejo ele tão desanimado, eu falo: "Pensa, se coloca no lugar dele, da casa que ele vem, da história de vida dele, ele tá conseguindo sentar, ele tá conseguindo ouvir, só que não dá pra fazer isso todo dia. Tem dia que você passa pelo menino e o menino nem te olha na cara e aí você tem que respeitar, porque aquele dia ele tá mais bravo, aquele dia ele tá mais nervoso, né? Eu acho que é você ter essa dimensão, né? Se a gente tiver esse...alguns princípios básicos na proposta educativa ele consegue. Mas que ele sonha e que ele possa...pensar que ele possa viver muito tempo. São crianças que perdem o

pai com 22, 23, irmão com 18, 16. A gente tem uma geração que perdeu muita gente assim. Menina, o que esse menino espera? Morando nessa comunidade, vivendo aqui. Que pode ser diferente, que deve ser diferente! Ele tem que acreditar nisso. E todo mundo que tá em volta dele é...é...nós temos que acreditar nisso, isso tem que tá na...Sabe o processo de seleção que foi a primeira coisa que você falou? Eu vou ver se o profissional tem essa abertura assim...se ele acredita nisso. A gente faz essa sondagem quando a gente vai trazer alguém pra cá, se ela acredita nisso. Então é...é isso. Essa semana veio um policial daqui, né? (Inaudível)Aí eu percebi na hora, desarmeí ele, mandei ele guardar a arma dele porque com arma ele não ia sentar com as crianças e pus ele na roda com o grupo da manhã que é um grupo extremamente especial porque eles são tudo pequenininhos, né? Eles são uma graça. Os grandes tavam com o Flávio. E aí, o...eu falei pra eles falarem o que era o Progen, aí eles falaram. Cada um falava uma coisa e eu fiquei extremamente encantada. Aí um virou e falou assim: “Sabe, às vezes a gente tem mãe, pai que é muito bravo e muito violento, a gente chega aqui, a gente recebe tanto carinho, tanto carinho, isso faz tão bem, faz a gente ser diferente”. O olho do lado encheu d’água. Então a gente faz isso, a gente põe um balanço na vida dessa criança. Nós num vai mudar, às vezes, a forma violenta da mãe dele, né? Mas a gente trata ele de uma forma diferente. É lógico que a gente vai procurar resolver isso, fica tranqüila, tá? Ele...e às vezes ele nem sabe disso. Amenizar, ou...né? Ter um foco. Mas a gente faz isso, né? A gente faz assim: dá harmonia, né? Cria um ambiente. Gente, a fala do menino me pegou profundamente e eu preciso dar esse retorno pros educadores, assim...E ele falou: “Isso é muito bom, ser tratado com carinho, ser tratado com respeito”. O guarda, o olho dele encheu d’água, o homem tava todo armado assim, no final da roda ele já tava até mais...E mexeu com coisas dele porque depois ele relatou a vida dele pros...pras crianças, mas assim...Mas é isso, é isso que nós queremos e que eles possam lidar com esse...com esse...essa vida louca q é essa...mundo do adulto.

J- Sim, com certeza!

I- Então é isso que nós tamo é...dando condições pra eles. Pra que eles possam lidar com esse mundo adulto, com esse sistema capitalista, com essa desigualdade social e que nós não vamos mudar, mas é possível a gente tá...e ser diferente, entendeu? Aí eu acho que é nossa grande...nosso grande exercício de educadores aqui. Mas é...viável, é importante, é isso. E aí não é, viu? Se ele chegar numa universidade nós vamo ficar muito feliz, se ele...né? Cê entendeu? Porque são sonhos deles, isso não pode ser sonhos nossos, são sonhos deles, o que

nós queremos é que ele sonhe, que ele lute, que ele seja diferente, que ele multiplique o que ele tá aprendendo, né? Agora, se ele vai fazer uma universidade, se ele vai ser, o que ele vai fazer, o que ele...é desejo dele. O que eles têm muita certeza e eu falo pra você, que a gente sempre vai tá do lado deles assim...isso...como eles acreditam nisso e olha, o que a gente já teve do lado deles em cada situação e eles sabem disso, assim...Precisou; nos procure. E vamo conversar a respeito disso. Se a gente puder dizer não, nós vamos dizer não, mas que eles sempre tenham claro que é um lugar que eles sempre podem voltar, independente de quem esteja aqui, né? Não é a pessoa, é a proposta educativa que possibilita a isso, cê entendeu? Então todo mundo tem que incorporar ela, né? E eles falam, hem? Olha, que essa molecada fica em cada situação, quando os educadores relatam pra mim, eu falo: “(expressão de surpresa) Ah, não acredito! E como que cê falou, e como é que foi, e como que cê acolheu?” “Olha, a gente...” “Ah, legal, né?” Às vezes eu vejo adolescente dentro no Progen que não era dia, cê pode ter certeza que tem uma história, cê entendeu? Alguém que não é...pode ter certeza...era da manhã, cê vê de manhã e de tarde; tem uma história, cê entendeu? Ninguém faz nada aqui sem ouvir. E eles sabem disso, é muito interessante assim. Eles sabem disso. Esses dias um menino foi parado pela polícia, foi ameaçado, ele não foi pra casa dele, ele veio pra cá porque ele ficou tão desesperado, ele procurou a educadora que ele mais confia e falou pra ela. Aí teve todo o encaminhamento. O outro recebeu...E olha que nós tamo com esses meninos a tão pouco tempo, né? Fez uma burrada e recebeu um chamado do juiz, ele tinha que apresentar. Ele veio aqui saber o que ele ia fazer, como ele ia fazer, pra gente orientar, aí a...o profissional pediu pro pai dele vir, ele foi orientado e tudo, assim...Eles confiam muito nesse lugar, muito, muito, muito, muito. Então é...é isso, né? Porque a gente não tem sonho muito impossível, cê entendeu? A coisa de fazer, tem vários que tão fazendo universidade, a gente tá extremamente feliz, mas tem que é pedreiro e a gente tá extremamente feliz porque a gente sabe que eles tão felizes no que eles tão fazendo e que a gente fala muito aqui que assim, ele tem que ser feliz e aí, o que faz, o que...tem que ser feliz, o que não pode é assaltar, né? Aí não vai...mas ele tem que ser feliz, é a nossa grande regra aqui no Progen, ele tem que buscar ser feliz, né? Pode ser um adulto...Mas é isso...Essa pergunta é uma pergunta que tem um monte de gente na minha cabeça.

J- É...vários casos, né?

I- É isso, mas é isso, Jú. Eu acho que é um...que é...é isso. Eu num sei se eu respondi, depois eu vou ler, eu falo: “Gente, olha, eu podia ter falado nisso, eu podia ter falado...” porque eu

num sou...eu sou uma assistente social, né? No Progen, o Progen tem três pedagogas. Olha que felicidade. Então assim, essa construção pedagógica eu acho que esse pessoal vai dar um suporte muito grande em relação a esse que é extremamente importante. Não que a gente teje no caminho errado, mas é importante porque o...o...A demanda que chega no Progen, não é cada vez que chega mais fácil, é cada vez que chega mais difícil. E aí você tem que pensar pedagogicamente, metodologicamente como, né? É aquilo que eu falei, até hoje tá dando certo, mas quem vai entrando, vai...A gente precisa pensar nos projetos individuais e nos projetos coletivos, né? Cada história que eu ouço, falo: “Nossa, precisamos mudar isso”. Que é...em julho provavelmente a gente sente pra pensar na nossa proposta pedagógica, pra que no segundo semestre a gente possa contribuir com essa demanda maior que hoje a gente de adolescente dentro do Progen, cê entendeu? Também temo as crianças que vêm das 4hs às 6hs, que olha, são quase sessenta, que é da escola período integral, né? O grupo da manhã é um grupo tranquilo porque...são as crianças do Padre Silva, e a escola tem uma proposta diferente, então se percebe assim um resultado...à tarde que vem de todas as outras escolas, gente do céu, fica difícil. Mas é...é isso, eu acho, acho que a gente trabalha nesse contexto maior, assim, que ele seja feliz, que ele tenha os filhos, que ele assuma, que ele possa ter um emprego, que ele perceba a importância da escola. Alguns pararam depois que saíram daqui, mas a gente percebe que voltaram a estudar, que tão voltando porque...o que eles trazem muito pra gente é assim; o quanto a roda foi fundamental, assim...A conversa, a fala, a construção, todas as discussões, é isso, Jú. Então eu acho que é dentro dessa proposta maior assim, que nós estamos em proposta pedagógica. E pra isso, né? O Progen, olha, nós ampliamos, até trouxe pra você uma cópia de todos os projetos que hoje a gente tem na instituição.(Me entregou um papel)

J- Obrigada!

I- Cê entendeu? Pra entender um pouquinho assim a dinâmica da instituição, né? Pra que realmente essa criança possa, esse usuário do nosso serviço possa ser...a tá sendo contemplado em todas as suas necessidades, depois também, cada um desses é um projeto, viu Jú!? Todos esses projetos a gente tem. Se algum desses chamar mais a sua atenção, se você quiser dar uma olhada, pra você ver como é uma proposta pedagógica que tá sendo escrita, né? Então assim, a gente tem uma preocupação muito grande no Progen de escrever essa nossa experiência, de escrever esse nosso trabalho, de transformar isso em projetos, de buscar financiadores pra esses projetos, né? E qualificando maior ainda e qualificando o trabalho.

Entrevista com a Aline (monitora e ex-educanda)

Data: 27/06/06

J- Qual sua idade?

A- Dezenove.

J- Você já foi educanda do Progen, né? Com quantos anos começou a frequentar esse espaço?

A- Com quinze.

J- E como você relembra sua trajetória no Progen, em relação aos aspectos positivos e negativos que aconteceram enquanto você era educanda?

A- Bom, quando eu fui educanda, foi só pontos positivos, tirando é...que eu fui pro são José e não passei, foi só o único ponto negativo, mas desde que eu entrei, só pontos positivos.

J- Como foi o convite pra você trabalhar aqui, de quem partiu?

A- Bom, é...quando eu saí do Progen, foi pra mim trabalhar fora. Então minha avó veio avisar que eu não iria mais participar das atividades do Progen, tanto que a Izabel falou que...que era pra mim esperar que quem sabe eu poderia ser contratada. Aí trabalhei, fiquei um ano e dois meses, só que na minha folga eu vinha visitar, tudo...Aí quando foi em janeiro desse ano eu saí do meu trabalho, aí em março a Izabel me contratou.

J- E onde que você trabalhava antes?

A- Eu trabalhava no shopping Dom Pedro.

J- Como vendedora?

A- Isso.

J- Você já desejava então fazer esse tipo de trabalho como educadora?

A- Já, eu já queria já, faz tempo.

J- E qual é o seu cargo aqui?

A- Eu...o meu cargo é de monitora.

J- Então você está desde janeiro aqui?

A- Desde março.

J- Então você teve esse período de mais ou menos um ano e dois meses entre sair do Progen como educanda e voltar como monitora?

A- Isso, é. Durante é...educanda, eu entrei em 2002. Entrei e já comecei um programa chamado Agente Jovem. Aí fiquei. Em 2003 fui pro São José. Em 2004 comecei a trabalhar, só que em todas as minhas folgas, eu vinha. Aí esse ano, resolvi sair do meu trabalho e fui contratada. Apesar que eu já tinha assim uma idéia que seria contratada, mas...nada fixo.

J- E no São José, foi um curso profissionalizante que você fez?

A- Foi Desenho de Máquinas, mas como eu não curtia o curso, eu não passei.

J- E quais são as suas funções enquanto monitora?

A- Bom, é...na verdade, as minhas funções são de educadora. É que eu sou registrada como monitora, porque precisa, tudo. (Inaudível) Mas as minhas funções é...como se fosse educadora mesmo: fazer oficina, fazer roda, segurar umas broncas aí que...não é fácil não.

J- E quais são as oficinas que ficam a seu cargo?

A- A meu cargo...Informática, Moda e Beleza e Criatividade....Criatividade, quando eu era educanda, eu fiz uns três 3 meses com a Zú.

J- Depois de se tornar monitora – ou educadora – como prefere que eu a chame?

A- Educadora!

J- Depois de se tornar educadora, a sua relação com os educandos, educadores e coordenação mudou?

A- Mudou.

J- Ah é!? E em que sentido?

A- Ah, é...bom...quando eu era educanda, ah...era tudo na brincadeira, agora não é mais, agora a postura muda, agora é tudo diferente, né? Agora eu tenho que dar o exemplo.

J- Tem alguma oficina da qual você tenha participado enquanto educadora e que você acredita ter sido muito importante para seu crescimento pessoal?

A- Ah, foi uma de...uma oficina de teatro que teve, que eu participei. Eu era super tímida, eu não falava nada, nada. Quando era roda, eu tremia, minha boca ficava roxa, eu tremia. Aí no final do ano a gente fez um teatro e eu participei. Aí a partir desse teatro...eu falo até demais.

J- Foi a oficina que a Adriana dava na época?

A- Isso, da Adriana. Também outras várias, tinha a oficina com a própria Izabel. A Izabel deu oficina pra gente, de postura e valores. Aí isso ajudou bastante.

J- Você tem quase a mesma faixa etária de alguns educandos, né? Você acha que isso atrapalha a sua atuação aqui?

A- Olha, é...eu acho que não. Porque depende da maneira como você lida com eles, né? Que nem, a maioria dos adolescentes respeita, tudo. Mas tem aqueles engraçadinhos que falam que você ficou metida, arrogante, é...mandona. Só que a maioria entende que eu sou contratada, que eu não posso ter aquela mesma...conversar aqueles mesmos assuntos, ter as mesmas brincadeiras...

Nesse momento, a educadora Adriana entrou na sala onde estávamos para pegar a chave com a Aline e a pedagoga Marina entrou para pegar algo no armário.

J- Bom, então a maioria dos adolescentes entende que a sua postura – agora como educadora – tem que ser diferente?

A- Entende.

J- Você acha que está faltando alguma coisa na formação para a vida das crianças e dos adolescentes desta comunidade?

A- (Pausa breve)Eu acho que sim.

J- E o que é?

A- Mais oportunidades, principalmente pros adolescentes, porque é...nem todos têm a possibilidade de frequentar uma entidade e também a entidade não têm condições de abrigar todos os adolescentes, então...falta...podia ter mais entidades.

J- Você acha que o Progen então não tem como atuar nesse sentido, porque não tem como oferecer vagar pra todo mundo?

A- Não tem porque aqui é um espaço pequeno, tanto que nós atendemos hoje, entre adolescentes e família, são 299. Então, não tem aonde mais colocar, tanto que tem lista de espera. É lógico que, cada caso é um caso, quando aparece casos super graves assim, né? Aí a gente abre tudo, mas não é todo mundo que dá pra gente pegar.

J- Então você acha que é essencial na vida de uma criança e de um adolescente freqüentar um espaço como esse, como o Progen? Você acha que auxilia bastante na formação para a vida?

A- Auxilia, porque uma coisa que a Izabel sempre falava pra gente era que nós freqüentamos o Progen pra gente ser diferente das pessoas lá fora. Pra gente tentar fazer um mundo melhor e então auxilia bastante. Aqui também a gente discute sobre todos os assuntos, então é bem legal.

J- Você pretende continuar trabalhando na área de educação não-formal?

A- Sim.

J- E você pretende continuar estudando?

A- Pretendo, sempre!

J- O que você gostaria de estudar?

A- Pedagogia.

J- Ah, então já tem a ver com o trabalho que você faz.

A- É, Pedagogia, já tá decidido.

J- Certo. Obrigada!

A- Imagina, disponha.

Entrevista com o Robson (educando)

Data: 15/08/06

J- Qual a sua idade?

R- Catorze.

J- Qual série escolar você cursa?

R- Oitava.

J- Em qual escola?

R- Padre Francisco Silva.

J- Há quanto tempo você frequenta o Progen?

R- Há uns 4 anos.

J- Quantas vezes por semana você vem aqui?

R- Três.

J- Sabe os dias, quais são os dias?

R- Segunda, terça e quarta.

J- Como que você chegou aqui?

R- Ah, pelos amigos, né? Os amigos informaram.

J- Ah, e o que que eles falaram pra você daqui, que você se interessou a vir?

R- Ah, as oficina, o que eles faziam, né?

J- Ahã. Aí você achou interessante e quis vir?

R- Eu achei interessante. (Fala sobreposta à minha).

J- Seus professores da escola sabem que você frequenta este Projeto?

R- Alguns.

J- Você que contou?

R- É, eu contei, parece que a Izabel também vai na escola às vezes.

J- Ah sim. E eles valorizam a sua participação aqui?

R- Sim.

J- Ah é? De que forma?

R- Ah, eles perguntam se eu gosto, se eu não gosto, o que que a gente faz.

J- Qual atividade que você mais gosta aqui no Progen?

R- Ah, as oficina de...de informática.

J- Por que?

R- Ah, por causa que eu que...é o que eu me dou mais bem, sabe?

J- Sim. E por que que você escolheu participar da oficina de percussão?

R- Ah, por causa que...eu também me interesse muito por percussão e...e eu achei também interessante a proposta do...do professor e...

J- E o que que você está achando então, da oficina de música?

R- Ah, eu tô achando muito interessante, por causa que eu aprendi coisas nova, que eu não sabia, nome de coisa, instrumentos...

J- Tem alguma coisa que você ainda espera aprender na oficina de música?

R- Danças.

J- E você percebe alguma diferença entre as músicas e a dança, e as danças que você aprende aqui e aquelas que tocam no rádio ou que passam na televisão?

R- Sim.

J- Tem diferença?

R- Tem.

J- E quais são as diferenças?

R- Ah, as diferenças é que...muitas coisas assim que não passa no rádio, que nem você falou, não...não passa no rádio, daí as diferenças é outra, por causa que o público lá fora dança de um jeito e quando a gente aprende aqui a gente dança do outro. De outro jeito.

J- Aqui na Vila Castelo Branco, boa parte da população é composta por afro-brasileiros. Você acha que ao fazer apresentações das músicas que aprende na oficina você pode contribuir para que os moradores daqui dêem valor às suas origens?

R- Sim, por causa que a dança que a gente trabalha aqui dentro no Progen também, uma parte das danças também são afros, né?

J- Sim....E você acha que, então, apresentando, as pessoas podem se reconhecer nessas danças, passar a valorizá-las de uma maneira diferente?

R- Sim, também.

J- O que que você gostaria de conhecer no campo da música fora da Vila Castelo Branco?

R- Ah, eu gostaria de conhecer....(Silêncio).

J- Você já ouviu falar de algum grupo de música ou de dança que tenha aqui em Campinas ou até mesmo em outra cidade que te deixou com vontade de ver, de assistir, de participar?

R- Ah sim! Muitos grupos de axé, né? Reggae. As danças hip-hop, né? Que...é muito interessante, eu gostaria de conhecer.

J- Ah sim. Você gostaria de aprender outro instrumento musical?

R- (Pausa breve) Ah, de percussão, assim?

J- Tanto faz.

R- Gostaria de aprender o cavaquinho, né?

J- O que que você espera para o seu futuro no campo profissional?

R- Técnico em informática.

J- E no campo musical?

R- Ah, eu já pensei muitas vezes em tentar ser professor de fanfarra.

J- Então você fez fanfarra já antes de entrar aqui?

R- É, eu já fiz, ainda faço...

J- Na escola?

R- Na escola.

J- Há quanto tempo você participa?

R- Há uns três anos, três anos e meio.

J- Que instrumento que você toca na fanfarra?

R- Ah, hoje eu toco caixinha, mas quando eu comecei eu já toquei prato, surdo, lira...

J- Hum, conhece bastante instrumentos então?

R- É.

J- Ah tá. Então se você fosse for um...se você for ter uma atuação no campo musical, assim, profissionalmente, seria professor de fanfarra?

R- Sim.

J- E você vem aqui três vezes por semana, né? Na segunda você faz oficina de percussão, e nos outros dias?

R- De terça, eu faço oficina de violão e de quarta, ainda eu acho que eu não escolhi.

J- Tá. Tem mais alguma coisa que você queira me contar, me dizer, me perguntar?

R- (Pausa breve) Não.

J- Tá certo então, muito obrigada!

Entrevista com a Carla

Data: 22/08/06

J- Qual sua idade?

C- Doze anos.

J- Qual série escolar você cursa?

C- (Inaudível) Como assim?

J- Que série da escola você está?

C- 6ª D.

J- Há quanto tempo que você frequenta o Progen?

C- Três anos.

J- E quantas vezes por semana você vem aqui?

C- Ai, quatro.

J- Como que você chegou aqui?

C- Ah, pela minha vó, que ela me...colocou meu nome e eu fiquei esperando três anos, depois de três anos fui chamada.

J- Humm...E... qual atividade que você mais gosta no Progen?

C- Ah...(Pausa breve) De artesanato.

J- Por quê?

C- Ah, eu acho que... ensina várias coisas pra gente, como...não é só pra...Acho que é assim pra dar de presente pras pessoas você não gasta muito dinheiro, você já vem aqui no Projeto, aí já costuma fazer algumas coisas, já aprende a fazer as coisas que pode fazer já.

J- Certo. Seus professores da escola sabem que você frequenta este Projeto?

C- Sabe.

J- E eles valorizam a sua participação aqui?

C- Valoriza.

J- De que forma?

C- Ah, assim...Fala assim...Como lá não tem internet, “Vai procurar alguma coisa lá, pergunta pros educadores se pode fazer alguma coisa, daí eles (inaudível)”.

J- Que escola que você estuda?

C- Padre Francisco Silva.

J- E foi você que contou pra eles que você frequenta aqui?

C- Minha vó, lá no cadastro que eu tinha escrito, já tava falando que eu era da...era do Projeto.

J- Ah tá. E por que que você escolheu participar da oficina de percussão?

C- Eu acho que é legal, porque eu também sou da fanfarra, eu acho que já vem ensinando várias coisas da fanfarra que eu já aprendo aqui e ensino aqui o que eu já sei na fanfarra.

J- Ah, então você fazia fanfarra na escola já?

C- Já.

J- Há quanto tempo?

C- Ah, faz um ano já.

J- A oficina de percussão você começou a frequentar esse semestre, né?

C- Esse semestre.

J- Tá. E o que que você está achando dessa oficina?

C- Legal, gostei.

J- Que que você ainda espera aprender nela?

C- Ah, várias músicas e conhecer mais amigos, pessoas que eu não tenho muita amizade; conhecer mais.

J- Tá. E você percebe alguma diferença entre as músicas e as danças que você aprende aqui na oficina de percussão e aquelas que você ouve no rádio ou que passam na televisão?

C- Ah, eu acho.

J- Tem diferença?

C- Tem muita diferença!

J- Por exemplo?

C- Ah...de funk, é diferente essas partes, cê aprende a tocar, e já de funk você já ouve, então, aprende a tocar e aí já aprende a tocar e vai dando (inaudível), depois tem a explicação como tocar. Lá não, cê só vai...cê vai tocando.

J- Aqui na Vila Castelo Branco, boa parte da população é composta por afro-brasileiros. Você acha que ao fazer apresentações das músicas que você aprende na oficina, você pode contribuir para que os moradores daqui dêem valor às suas origens?

C- Acho que sim.

J- Acha que sim?

C- Eu acho.

J-Como, por exemplo?

C- Ah...(inaudível) Ah, isso aí eu não sei.

J- Mas você acha que os moradores daqui dão valor ou não às suas origens?

C- Não, aqui não. Não dão... Acho que aqui tem bastante racismo, vê uma pessoa, já não consegue emprego por causa da cor. Isso aí muda.

J- Então essa apresentação de música é...que remete às origens afro-brasileiras, você acha que é uma forma de valorização?

C- Isso, porque a...dança, tem várias pessoas que dançam junto...Tem branco, todas as cores acho que têm que se misturar. Acho que fica uma cor super bonita. Branco...aí todo mundo fica bonito.

J- O que você gostaria de conhecer no campo da música fora da Vila Castelo Branco?

C- (Demonstra uma expressão facial de que não entendeu a pergunta ou não sabe responder).

J- Já ouviu falar de algum grupo de música ou de dança que tem aqui em Campinas ou até em outra cidade que você ficou com vontade de conhecer?

C- Não.

J- Não? Você gostaria de aprender outro instrumento musical?

C- (Pausa breve)Acho que não.

J- Qual que você gosta mais de tocar na oficina de percussão?

C- Hum...não sei o nome do negócio...

J- Tem alfaia, tem timba.

C- Acho que é a alfaia.

J- O que você espera para o seu futuro no campo profissional?

C- Ah, acho que...as coisas que eu vi aqui do Projeto e que valorizar no futuro, acho que essas coisas que eu aprendo aqui, acho que vai ser bom pra mim no futuro.

J- O que, por exemplo, que você aprende aqui que vai te ajudar no futuro?

C- Ah, acho que...ter mais respeito com a...os colegas e aprender mais sobre aqui, acho super legal.

J- E no campo musical, você espera alguma coisa pro futuro?

C- Sim. Eu acho que sim, porque tem (inaudível) alguma coisa de música pra dar, aula de música, eu acho que seria isso que eu ia fazer.

J- Tá certo então, só isso. Muito obrigada!

C- De nada.

Entrevista com a Dayane

Data: 22/08/06

J- Qual sua idade?

D- Quinze anos.

J- Qual série escolar você cursa?

D- 1º ano.

J- Há quanto tempo você frequenta o Progen?

D- Cinco anos.

J- Quantas vezes por semana você vem aqui?

D- Agora tô vindo a semana inteira, mas antes eu tava vindo só três dias.

J- Como que você chegou aqui?

D- (Pausa breve) Nem eu lembro, acho que foi pela minha vó, que ela descobriu que tinha projeto e ela inscreveu a gente, eu e a Diana. (Diana é a irmã gêmea dela.)

J- Seus professores da escola sabem que você frequenta esse Projeto?

D- Não.

J- Não sabem? Você que não quis contar?

D- Não, é...como eu estudo na cidade então eles nem sabem, da outra escola antiga eles sabiam, mas dessa nova eles não sabem.

J- Onde que você estuda?

D- Estudo no Culto à Ciência.

J- Ah! Foi opção sua mudar pra lá?

D- É, foi. É que lá...eu estudava no Padre Silva e lá só vai até a 8ª série, então fui pro ensino médio fazer em outro lugar.

J- Certo. Qual atividade que você mais gosta no Projeto?

D- Eu gosto bastante de circo, artesanato, música, computação.

J- Gosta de várias!?

D- É.

J- Por que que você gosta das oficinas de música, por que que você escolheu participar dela?

D- Ah é, pra aprender mais sobre a origem das coisas, né? Porque a gente tem mania de só escutar as músicas que tocam no rádio, então a gente tem que aprender um pouco mais das músicas diferentes.

J- E você acha que as músicas que tocam no rádio e passam na televisão são diferentes das que você aprende aqui na oficina?

D- Sim, são.

J- Quais são as principais diferenças?

D- Ritmo, a letra da música também é diferente. Acho que é isso.

J- E o que que transmite nas letras das músicas que você acha que é diferente?

D- Acho que falam mais da realidade. É...depende da música que toca no rádio já é mais...só pra...só quem gosta de escrever, mas não tem nada a ver assim...algumas letras, mas já essas músicas que a gente aprende aqui, elas têm um significado importante.

J- Aqui na Vila Castelo Branco, boa parte da população é composta por afro-brasileiros. Você acha que ao fazer apresentações das músicas que você aprende aqui na oficina, você pode contribuir para que os moradores daqui dêem valor às suas origens?

D- Sim, ainda...aqui ainda, eu acho que eles assim, gostam um pouco dessa música, desse tipo de música porque tem a Cultu...a Casa de Cultura Tainã, eles sempre participam.

J- Então você acha que aqui os moradores já têm uma predisposição a dar valor às suas origens por causa da Casa de Cultura Tainã?

D- É, eu acho que sim.

J- Tem também a Escola de Samba, né? Rosas de Prata.

D- É verdade.

J- Então você acha que fazendo apresentação é ainda mais uma contribuição pra valorização da cultura afro-brasileira?

D- Eu acho.

J- Você gostaria de conhecer alguma coisa no campo da música fora da Vila Castelo Branco?

D- (Pausa breve) Não sei....

J- Já ouviu falar de algum grupo de dança ou de música que você ficou com vontade de conhecer?

D- (Pausa breve) Não, que eu me lembre não. Eu gosto bastante de circo, assim...Então eu gosto de ver bastante apresentação de Circo Du Soleil, eu acho muito interessante. Mas música assim...não.

J- Você gostaria de aprender outro instrumento musical?

D- Eu queria aprender piano, acho muito legal piano.

J- O que você espera para o seu futuro no campo profissional?

D- Muito mais responsabilidade...fazer uma faculdade assim, que eu goste...Conseguir um emprego bom...poder sustentar mais minha família.

J- Já pensou em algum curso que você gostaria de fazer?

D- Eu faço curso de Administração. Eu já pensei em fazer faculdade de Educação Física, agora eu tô em dúvida se eu faço Educação Física ou Administração Geral ou Contabilidade, que eu gosto bastante de Matemática.

J- E no campo musical, você espera alguma coisa pro seu futuro?

D- Eu gosto muito de música, assim...

J- Mas seria como curtição e não como profissão?

D- É, só...só pra ouvir só.

J- Certo. Muito obrigada, é só isso.

D- Tchau.

Entrevista com o David

Data: 22/8/06

J- Qual sua idade?

D- Quinze.

J- Qual série escolar você cursa?

D- 8ª.

J- Há quanto tempo frequenta o Progen?

D- Uns...seis meses, sete meses.

J- Quantas vezes por semana você vem aqui?

D- Três.

J- É...num dia você faz percussão e nos outros dois dias?

D- Circo e...violão.

J- Como você chegou aqui?

D- Foi pela escola, fui encaminhado.

J- Foi a professora quem indicou?

D- (Fez sinal afirmativo com a cabeça).

J- Ann...E os seus professores valorizam a sua participação aqui?

D- Sim.

J- De que forma?

D- Ah...

J- Eles perguntam o que que você faz aqui, como é que é?

D- Ah, eles perguntam se tá tudo bem lá, se tá indo bem.

J- Que atividade que você mais gosta aqui no Projeto?

D- Violão.

J- Por quê?

D- Por causa que eu tô aprendendo, né? Aí...(inaudível).

J- Você não sabia nada de violão, você aprendeu tudo aqui?

D- (Faz um som negativo com a boca). Não aprendi um pouco lá fora também, em outros lugar, mais um pouco eu aprendi aqui.

J- E por que que você escolheu participar da oficina de percussão?

D- Achei legal, por causa que eu gosto de percussão.

J- Você já fazia antes?

D- Não, nunca fiz.

J- Da fanfarra da escola você nunca participou?

D- (Faz um som negativo com a boca).

J- O que que você está achando da oficina de percussão?

D- Ah, legal.

J- O que que você ainda espera aprender nela?

D- (Pausa breve) Ah...aprender vários toques, né? Pra mais tarde tocar nos lugares...quando for fazer show.

J- E você percebe alguma diferença entre as músicas e as danças que você aprende na oficina e aquelas que tocam no rádio ou que passam na televisão?

D- (Faz um som afirmativo com a boca). É que aqui é afro-reggae, essas coisas, Olodum, né? E...e no rádio passa mais funk, pagode, samba.

J- E o que que você prefere?

D- Ah, prefiro...um sambinha, um black.

J- E entre as que você aprende aqui e as que você aprende no rádio, qual que você prefere?

D- Ah, prefiro aqui da...do Progen, do afro-reggae.

J- Aqui na Vila Castelo Branco, boa parte da população é composta por afro-brasileiros. Você acha que ao fazer apresentações das músicas que você aprende na oficina, você pode contribuir para que os moradores daqui dêem valor às suas origens?

D- (Faz um som afirmativo com a boca).

J- Acha que sim?

D- Sim.

J- Você acha que os moradores daqui valorizam ou não as origens afro-brasileiras?

D- Ah, valoriza. Valoriza.

J- Mas apresentando você pode contribuir ainda mais pra isso?

D- (Faz um som afirmativo com a boca).

J- Você gostaria de conhecer alguma coisa no campo da música fora da Vila Castelo Branco?

D- (Faz um som negativo com a boca). Não.

J- Gostaria de aprender outro instrumento musical?

D- Guitarra. Mais difícil.

J- O que você espera para o seu futuro no campo profissional?

D- (Faz uma expressão demonstrando que não entendeu a pergunta ou não sabe responder).

J- Tem algum curso que você queira fazer?

D- Tem. É...Mecatrônica.

J- E no campo musical, você tem alguma previsão pro futuro?

D- Não.

J- Mas você quer continuar tocando?

D- Quero.

J- Mas assim, só pra curtir ou como uma profissão também?

D- Ah, pode ser como profissão. Violão assim...

J- Tem mais alguma coisa que você queira me dizer, me contar, me perguntar?

D- Não.

J- Só isso então, muito obrigada.

D- Vou chamar o Mateus. (Meu próximo entrevistado).

J- Tá.

Entrevista com o Mateus

Data: 22/08/06

J- Qual sua idade?

M- Catorze anos.

J- Qual série escolar você cursa?

M- (Faz uma expressão demonstrando que não entendeu a pergunta).

J- Que série da escola você tá?

M- 8ª. 8ª A.

J- Há quanto tempo você frequenta o Progen?

M- Uns...quatro meses.

J- Quantas vezes por semana você vem aqui?

M- Três.

J- E como que você chegou aqui no Projeto?

M- O meu amigo Robson me avisou.

J- Ele te indicou, falou que tinha aqui o Projeto e aí você se interessou?

M- (Faz um som afirmativo com a boca).

J- E o que que ele contou daqui que fez você ficar com vontade de vir?

M- Ah ele falou que tinha um monte de atividades, que era bem legal aqui.

J- E os seus professores da escola sabem que você frequenta o Progen?

M- Não, acho que não.

J- Que escola que você estuda?

M- Padre Francisco Silva.

J- Você vem três vezes por semana aqui, né? Num dia você faz percussão. E nos outros dois dias?

M- Eu faço computação e o outro é...faço atividades, é...com a Aline (monitora).

J- Artesanato?

M- É.

J- Tá. E qual das atividades que você faz que você mais gosta no Projeto?

M- Aula de violão.

J- Por que?

M- Ah, acho mais legal...(inaudível) aprendendo agora violão.

J- E por que que você escolheu participar da oficina de percussão?

M- Porque...o...eu já, eu já fazia aula de...de violão, aí eu parei de fazer e agora quero fazer de novo.

J- Ah tá. E as que você faz de segunda-feira, de percussão, que você toca alfaia, toca agogô...Cê escolheu fazer por que?

M- Por causa que...todo mundo faz e eu também acho legal.

J- Cê acha legal?

M- (Faz um sinal afirmativo com a cabeça).

J- O que que você ainda espera aprender na oficina de percussão?

M- Ah, muita coisa ainda que eu quero aprender, a gente tá começando agora, né?

J- Você percebe alguma diferença entre as músicas e as danças que aprende na oficina de percussão e aquelas que tocam no rádio ou que passam na televisão?

M- Ahã.

J- Tem diferenças?

M- Tem.

J- Quais são as diferenças?

M- Ah, várias.

J- E qual que você prefere, as que você ouve no rádio ou que você aprende aqui?

M- No rádio (risos).

J- Aqui na Vila Castelo Branco, boa parte da população é composta por afro-brasileiros. Você acha que ao fazer apresentações das músicas que aprende na oficina, você pode contribuir para que os moradores daqui dêem valor às suas origens?

M- Ahã.

J- Sim? Mas você acha que os moradores daqui dão ou não valor às suas origens?

M- Acho que dão.

J- Sim? O que você gostaria de conhecer no campo da música fora da Vila Castelo branco?

M- Como que é?

J- Você gostaria de conhecer alguma coisa no campo da música, fora desse bairro? Algum grupo de dança ou de música que você tenha visto, que você ficou com vontade de conhecer?

M- Capoeira, assim...

J- Capoeira? Você gostaria de aprender outro instrumento musical?

M- Guitarra.

J- O que você espera para o seu futuro no campo profissional?

M- Ah, quero ser...skatista, assim...

J- E no campo musical?

M- Não.

J- Nem como curtição?

M- Não.

J- Só isso então. Muito obrigada.

M- De nada.

Entrevista com o Thiago

Data: 28/08/06

J- Qual sua formação?

T- Minha formação é em História, mas eu tenho uma...formação formal, né? Em História. Mas eu tenho uma formação, vamos dizer assim, informal, maior em música até do que em História, porque eu sou músico desde os quinze anos, mais ou menos, então eu tenho...bastante experiência com tocar e também com ouvir, estudar música.

J- Sim. E quanto tempo você trabalha no Progen?

T- Há um mês.

J- Então eu queria saber um pouquinho mais sobre essa sua experiência com trabalhos e projetos na área de arte-educação e cultura popular. Você falou que desde os quinze anos, né? Tem esse contato com música, mas como que foi?

T- Está. É...com educação na área da música a experiência que eu tenho anterior ao Progen é de dar aulas particulares de música, então, é...sempre com muitas poucas pessoas, né? Um aluno ou dois no máximo e aí trabalhando...trabalhando as técnicas específicas de instrumentos como violão, cavaquinho e (inaudível) de percussão. Aqui no Progen, o trabalho que eu venho tentando fazer, é...é construir a possibilidade deles aprenderem a tocar os instrumentos, mas deles conseguirem tocar em conjunto. Então a gente não tem assim um objetivo de, de...construir uma banda profissional, né? Porque...tem muitos alunos que não são músicos, que não têm experiência, né? Que tão aprendendo, tão tendo o primeiro contato com o instrumento, então, é mais no sentido de conseguir organizar um conjunto que consiga tocar junto.

J- Sim.

T- Então, o que (inaudível) tá tentando fazer, é desenvolver uma capacidade de organização entre eles, minimamente. De respeitar minimamente regras pra como o sujeito tem que se comportar numa atividade em grupo, e essa é uma atividade em grupo, que pode ser uma atividade profissional no futuro, mas pode num ser, pode ser apenas um...um auxílio pra que ele venha a...a...a desenvolver essa capacidade de se relacionar com outras pessoas e...e fazer um trabalho em grupo e até de, de ter um comportamento interessante no trânsito

ou...com relação à... coleta de lixo, com relação a respeitar horários de escola, de trabalho, de coisas assim. Então no sentido de, de dividir o mesmo espaço, o mesmo assunto com outros...outras pessoas que tão ali também concentradas naquele assunto.

J- É como se a música fosse um meio, um instrumento pra trabalhar valores pra formação de vida, ela não tem um fim em si mesma, a oficina de música, né? O objetivo não é formar músicos, profissionais, até que possa ser, mas não é esse o objetivo.

T- Sim, sim, exatamente, exatamente.

J- É...e quando você começou a dar aulas, né, aos quinze anos, é isso?

T- Não, comecei a tocar aos quinze anos. Dar aula só depois que eu me formei na faculdade.

J- Ah tá. A maneira de se trabalhar com as linguagens artísticas, diferencia-se conforme o espaço onde são oferecidas. Como você acha que deva acontecer o trabalho com música em um espaço de educação não-formal?

T- Tá. É...então. A...O que eu tenho aprendido sobre como deve ser a educação não-formal, é...sugere que a gente conheça os conteúdos, ou seja, os ritmos, é...as próprias músicas, os assuntos e as próprias técnicas de uma maneira que não seja imposta a eles e que não seja fechada, que não tenha um livro-guia que a gente tem que seguir e tem que cumprir aquilo como acontece na escola formal, né? Na escola normal. Então, o que eu tenho tentado fazer é construir um conhecimento a partir daquilo que a gente já sabe, daquilo que eles, que eles já ouvem, daquilo que eles já tem como conhecimento musical e...aquilo que eu posso trazer da maneira mais simples possível, eles vendo eu fazer e fazendo igual, que é como a gente aprende a falar, que é como a gente aprende mesmo a dançar e...e, muitas vezes, como que a gente aprende a tocar também. Então, é...eu procuro introduzir os assuntos e as técnicas também, da maneira mais simples possível e da maneira mais é...é...solta possível. Então eu acredito que a partir da imitação, dos gestos, a partir da, da imitação, somando com aquilo que você já tem, da (inaudível) que você já...já sabe fazer, construir o...a...a técnica mesmo, mas não assim, no sentido de que eu vou...eu vou podar aquilo que eles já saibam, ou que eu vou corrigi-los, não. A gente procura passar o conhecimento de uma maneira bastante...é...solta mesmo e...é...natural. Como...como as pessoas que aprendem capoeira, não existe assim uma...uma...um método específico, né? As pessoas aprendem vendo o outro fazer e tentando fazer igual. Então é mais ou menos dessa maneira que eu...que eu pretendo trabalhar com eles.

J- Eu percebi também, em algumas oficinas, que além de você é...se mostrar como o exemplo pra que eles possam observar e a partir daí fazerem também, você já perguntou algumas vezes o que eles sabiam, pra eles mostrarem, é...você já deu oportunidade deles criarem também, ritmos, sons. Então você acredita que essa é uma forma de aprendizagem também?

T- Sim, eu acredito. Eu acredito sim porque eu acho que a gente mais do que construir o conhecimento na...na cabeça do educando, né? É...é dividir o conhecimento e conseguir conversar sobre ele. Eu acho que mais do que passar pra eles as coisas, eu quero conversar com eles sobre as coisas, né? A gente tem uma aqui uma preocupação aqui em não chamar eles de alunos, que alunos tem uma idéia de que você não tem conhecimento e alguém vai colocar na sua cabeça, né? A coisa do aluno - sem luz e o professor é o iluminado. Então, mas a gente num...num...procura não trabalhar desse jeito, procura trabalhar, abordar os assuntos e mesmo, perguntar pra eles, estimulá-los a...a dizer o que eles sabem, dizer o que eles entenderam, dizer o que que eles acham e...assim, mas, mais assim, estimulando mesmo eles a buscar o conhecimento, do que eu apresentar tudo fechado pra eles.

J- O que você pretende fazer com que os frequentadores de sua oficina vivenciem?

T- Eu pretendo fazer com que eles tenham acesso a...alguns ritmos e...músicas e...estilos que são aqueles com os quais eu tive mais contato na minha formação, né? Que são mais populares, basicamente, no nosso dia-a-dia. Então eu pretendo que eles tenham contato com esse conhecimento e que eles sejam capazes de trabalhar esse conhecimento. De...é despertar a interpretação deles em relação a esses conteúdos, despertar mesmo a técnica específica de cada instrumento e...sobretudo, a parte da organização em grupo. Despertar neles esse...esse senso de organização em conjunto. É isso o que eu pretendo despertar neles.

J- A Vila Castelo Branco e os bairros adjacentes vivem uma situação de carência socioeconômica. Diante desta situação, a violência e o tráfico de drogas se apresentam como rumos possíveis aos jovens desta comunidade. Você acredita que os educandos do Progen possam percorrer outros rumos buscando na música ou nas artes os caminhos de construção de seus futuros? Ou que a prática de música possa canalizar positivamente a agressividade que é típica da adolescência?

T- Primeiro então, com relação a...o...

J- Buscar na música, nas artes...

T- O Progen traçar um outro caminho pra esses...essas pessoas. É...eu acredito sim que, quanto mais a criança, o adolescente tiverem contato com pessoas que...são trabalhadores, né? Que são estudantes, que são pessoas que não estão na delinquência, enfim, né? São pessoas que...é...se candidataram pra um emprego e conseguem esse emprego, aí vão lá, se apresentam, tentam fazer aquele trabalho da melhor maneira possível, tentam negociar as condições desse trabalho da melhor maneira possível, acredito que quanto mais exemplos desse tipo essas pessoas tiverem, mais chances elas têm de tentar buscar o mesmo caminho, por mais difícil que ele seja, eu acredito que uma criança que não vê isso acontecendo de maneira alguma, só vê os exemplos da delinquência em volta dele, ela tem muito mais chance de seguir isso, né? Porque ele não viu dar certo com ninguém o...o caminho da...da, da civilidade, vamos dizer assim. Então eu acredito sim, que ainda que ele não consiga se tornar, né? Um músico profissional ou um capoeirista profissional, ou um mestre em informática. Eu acho que a...as oficinas têm esse...esse...essa função de mostrar que existe uma possibilidade de você estudando, trabalhando, enfim, respeitando os colegas, respeitando os profissionais, você...existe uma possibilidade de você achar o seu espaço, conseguir também a sua...a sua parte no...na, na economia, na sociedade, sem que você tenha que transgredir todas as regras dela. Com relação a...

J- É...sobre a canalização da agressividade que é típica da adolescência.

T- Canalizar a agressividade...sim. é...num diria canalizar a agressividade não, não diria canalizar a agressividade. Diria...an...tentar...é...tentar atrair a atenção dessas pessoas pra um outro assunto, entende? Então, tem muitos alunos que são muito agressivos, que são muito violentos e são é...tem um comportamento complicado você trabalhar, de você organizar, mas em alguns momentos da oficina, eles conseguem prender a atenção deles pra aquilo, então ele esquece um pouco a parte de brigar com o colega e fica tentando tocar. Às vezes ele consegue ficar concentrado durante dez minutos, às vezes ele consegue ficar concentrado durante trinta, quarenta minutos. Então eu acho que...que o aluno tentando é...focar a atenção dele pra...pras oficinas, ele tá...ele tá...passando uma...uma boa parte do tempo com o pensamento dele concentrado na questão da...da música, na questão das oficinas e...isso mais tarde pode atrair ele a tentar fazer isso de novo, ou a tentar fazer outra coisa, de novo, nesse sentido, ao invés de...ficar se lamentando, ficar tentando brigar com a realidade que tá oprimindo ele. Eu acho que...que ele vai canalizar a agressividade pra oficina de música, que uma coisa física, né? Com a...com...com...com o tambor, mas junto com a coisa física do tambor, você bater no tambor e...e...e...e soltar um pouco a sua raiva ali, tem a...tem também que ter cuidado, tem

também que ter calma, tem que ter suavidade com o tambor, tem que ter...Então...ele...ele é um chamariz sim, essa parte física da música, mas...mas tem que trabalhar com muito cuidado ela, senão, eu não acredito que funcione muito bem não...você...você utilizar a música como uma canalização pra sua agressividade. A não ser que seja...através das idéias que você possa vir a passar, através da música, através dos conteúdos que você possa vir a interpretar se você for músico, ou se você for de um conjunto e...e enfim, até do...do...dos ritmos, às vezes o ritmo tem...tem uma mensagem mesmo que não tenha...mesmo que não seja cantado, que não seja falado. Então eu acredito que nesse sentido pode ser, que...você possa manifestar a sua...a sua inconformidade com alguma coisa através da música, mas não assim fisicamente no sentido de você se soltar a sua raiva, a sua violência.

J- Certo. Você acha que o contato com a música e a dança que são percen...pertencentes à cultura afro-brasileira, pode propiciar a construção da identidade e a elevação da auto-estima dos adolescentes de um bairro onde a maioria dos moradores é composta por afro-descendentes?

T- Sem dúvida. Eu acredito sim. Eu acredito que...mesmo ele...mesmo ele não sendo exatamente um afro-descendente, ele...ele sendo um mocinho branquinho, loirinho da...mas que mora nesse bairro, que mora nesse país, eu acho importante você construir e consolidar sim um conhecimento através das culturas afro-brasileiras porque...a gente sofreu uma invasão muito grande de culturas estrangeiras, né? Sobretudo, estadunidenses nos últimos tempos e a gente tem aquele chamado complexo de vira-lata, né? De sempre achar que as coisas que são estrangeiras são melhores, são mais qualificadas, mais positivas do que as nossas. Então eu acho fundamental sim a questão da auto-estima, que a gente aprenda coisas sobre o Brasil, aprenda ritmos brasileiros, aprenda danças brasileiras, aprenda canto, aprenda é...sobre as regiões, aprenda sobre as crenças, sobre...sobre cada característica da... que compõe a nossa...a nossa identidade cultural, né? Mesmo...é...medicinas alternativas, acho que nós temos muitas características positivas que são motivo de orgulho pra nós sim. Então acho sim fundamental que eles conheçam bem a cultura e...alguns vão se identificar mais do que outros, né? Mas eu acho fundamental que eles saibam que ela existe e que ela é tão respeitável como qualquer outra que exista.

J- Você acha que esses jovens do Progen estão imersos num contexto de cultura de massa?

T- Sim, sim, com certeza. Porque apesar deles não terem dinheiro, eles têm acesso à televisão, né? Eles têm acesso à rádio, é...à música, principalmente algum meio de comunicação que não

demanda é...um...um status econômico pra que você tenha acesso à ela, né? Então você tá tendo o tempo inteiro acesso à música e à rádio, via TV, via casas de pessoas, carros, né? Lojas...Então elas tão o tempo inteiro expostas às culturas de massa, então é...eu acho importante que exista essa outra fonte também, tenha a cultura de massa, que eles tão envolvido o tempo inteiro, mas também tem lá o Projeto onde eles ouvem algumas músicas que não tem a preocupação de vender, né? Que é a preocupação básica das músicas que tão no...que são comercializadas, né? Então eu acho sim, que eles são, são submetidos à...à cultura de massa e que... qualquer...qualquer vínculo (inaudível) no sentido de trazer uma outra música pra eles é fundamental.

J- E por eles estarem imersos nesse contexto de cultura de massa você acha que dificulta a valorização deles dessas manifestações da cultura popular?

T- Sem dúvida. Acredito que dificulta sim, até porque é muito difícil você concorrer com a...a...a mídia de massa, né? Você sozinho com...com...o nível de...é...descaso que tem sido verificado nas escolas, né? Eles têm...eles têm muito...muita pouca crença de que a escola é um espaço respeitável, né? Então você trazer diante de toda...de todos os jornais, de todas as televisões, de todas as rádios e todas as...os...CD's de...e outras formas, você...é...confrontar isso é muito difícil, muito difícil. E acho também não é só confrontar. Eu acho que também tem coisas dentro da cultura de massa que são, que...que, que são frutos de uma cultura que é a...a cultura do país, né? Que é uma cultura pura. Então eu procuro também utilizar coisas que eles conheçam, né? Coisas que estão dentro da cultura de massa também, pra...enfim, utilizar aquilo que eles já têm, aquilo que... as letras que eles conhecem, os ritmos que eles conhecem, então...também...também...é...também esclarecer de que nem tudo que tá dentro da cultura de massa é ruim, é negativo, é importante também, eu acredito.

J- Essa comunidade abriga também equipamentos socioculturais como a Casa de Cultura Tainã e a Escola de Samba Rosas de Prata, que além de artistas como a poetisa, além de artistas como a poetisa D. Geni, e o pintor Sr...Sr Aluísio Geremias. Você imagina como possa ser construída uma parceria entre eles e o Progen no campo da arte?

T- Eu acredito sim. Eu acredito sim. Eu conheço alguns outros espaços onde isso acontece, né? Que o...a oficina é tratada como uma atividade...com um objetivo profissional, não necessariamente profissional é...a ponto de sustentar os participantes, mas profissional a ponto de ter sempre um conjunto apto a se apre...a...a fazer apresentações em público, né? Por enquanto nós não temos esse objetivo aqui. Por enquanto nosso objetivo aqui é só

educacional, é só compor as oficinas, mas eu tenho conversado com a Izabel e com outros profissionais daqui sobre criar um espaço pra montar um conjunto mesmo, que seja capaz de se apresentar. E aí, serão bem-vindos todos os...todos os artistas da região, todo mundo que tiver interessado em contribuir será muito bem-vindo, a gente só precisa ter uma organização específica pra isso, tá bem claro, ter um outro horário, provavelmente vai ser aos sábados, e que isso possa ocorrer com esse objetivo específico de formar um conjunto. Por enquanto eu...eu acho complicado porque eles tão aprendendo ainda, tem muitos...tem muitos alunos que não sabem tocar, então...eu acho que seria importante que houvesse esse espaço, um conjunto trabalhando e aí sim, as outras formas de arte podiam contribuir bastante.

J- Sim. Você gostaria de levar os jovens do Progen para conhecer outros grupos de música popular de raiz, como o Núcleo de Sambistas do Cupinzeiro ou Urucungos, Puítas e Quinêngues de Samba de Bumbo Campineiro?

T- Gostaria, gostaria de...de levá-los para conhecer sim vários tipos de música, mesmo essas de raiz e também outras mais comerciais, inclusive. Tem muita coisa interessante e gostaria inclusive de levá-los para conhecer outras coisas até fora da...do campo da música, né? Eu tenho umas idéias que assim, às vezes não tem nada a...a ver com a...com a coisa da cultura, mas eu acho que seria interessante eles...eles conhecerem sim outras coisas como...é...como funciona a...a Câmara dos Deputados, como funciona uma Bolsa de Valores, de repente. Como funcionam outras coisas de...de educação mesmo, como o...é...o espaço do Planetário no Taquaral, ou...tem uma série de atividades que eu acho que seria muito interessante pra eles sim terem contato, sobretudo na parte da cultura mas até em outras.

J- Sim. E o que que ajudaria, o que que auxiliaria esses jovens conhecer outros grupos?

T- (Pausa breve). Primeiro, a...a...a parte mesmo do conteúdo específico, né? Que eles vão tá tendo contato. Que até pra nós, educadores, seria muito positivo, né? Mais um...mais um...um tracinho aí na sua formação, mais um ritmo, mais uma música, mais uma coisa. E fora também, você conhecer um outro grupo, que também tem uma...um jeito de se organizar, também tem um...um nível técnico, né? Específico. Também tem...enfim, as suas regras, o seu jeito de se vestir, o seu jeito de falar, o seu jeito de se comportar na...na...nas situações profissionais de se apresentar. Eu acho que é importante tá sempre vendo como é que os outros grupos se organizam.

J- Certo então. Só isso. Muito obrigada.

T- Obrigada você.